

The background of the cover is a detailed painting of the Tower of Babel. The tower is a massive, multi-tiered structure made of stone and brick, spiraling upwards into a cloudy sky. It features numerous windows, arches, and intricate architectural details. At the base of the tower, a bustling city is visible, with many smaller buildings, streets, and a large crowd of people. A tall, dark column stands on the left side of the foreground. The overall scene is filled with activity and grandeur, capturing the scale and ambition of the biblical story.

**Euclides L. de Almeida**

***ALÉM DA TORRE***  
**DE**  
***BABEL***

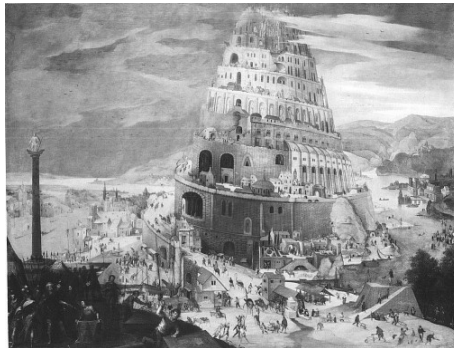
Editora Bhavani

1998

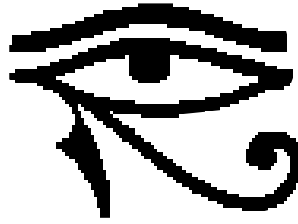


# ALÉM DA TORRE DE BABEL

## A GRANDE TRAMA



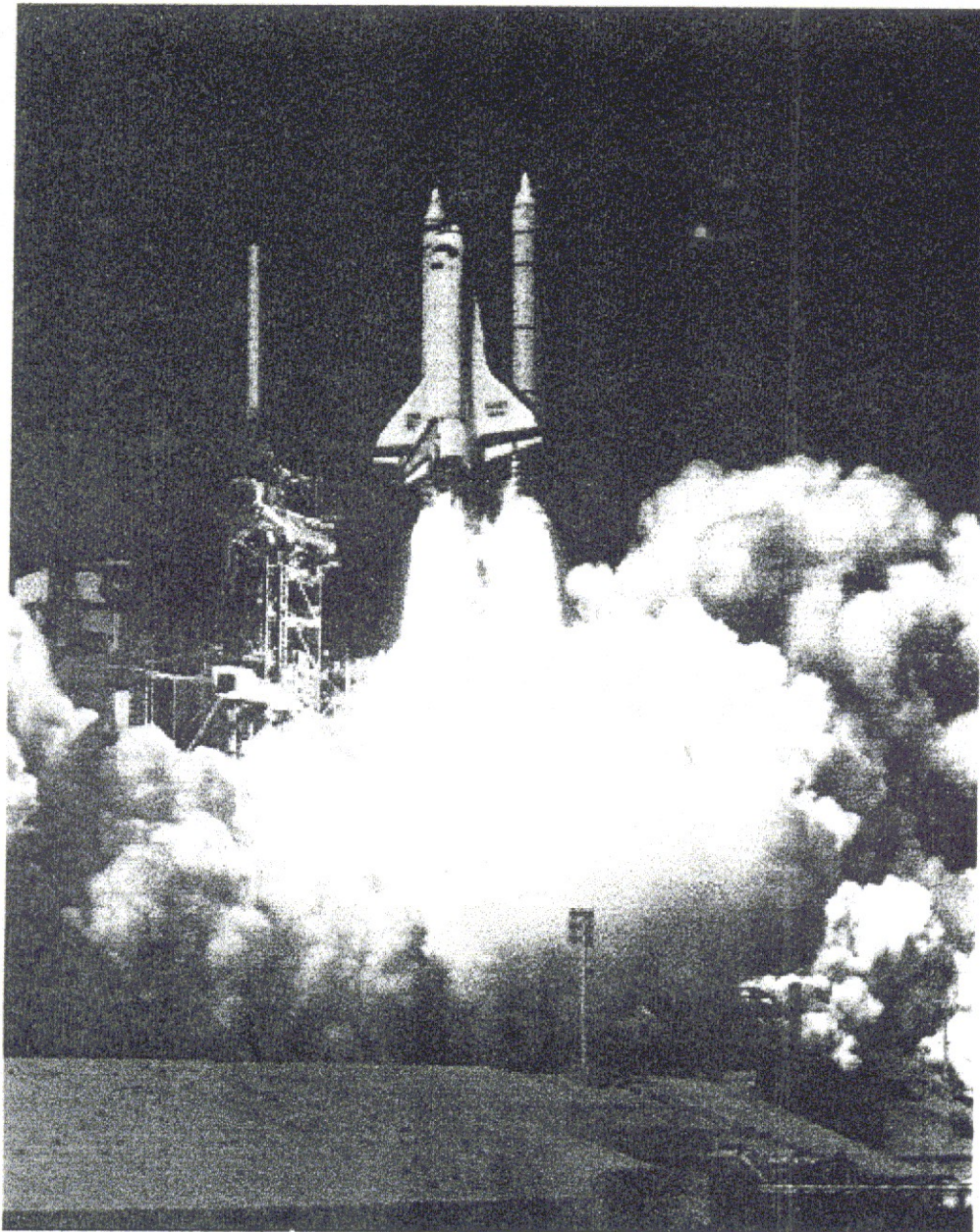
*Uma Crítica e Uma Nova  
Tomada  
De  
Consciência à Religião  
E ao Esoterismo*



***“O heroísmo consiste não apenas em encontrar uma nova verdade mais ampla, mas também em ter coragem de agir de acordo com esta visão”***

***Carol S. Pearson***





E OS DEUSES VOLTARAM PARA OS CÉUS

# INTRODUÇÃO

Hoje falarei a respeito de uma TRAMA existente no mundo. De um Plano arquitetado, contra a humanidade, desde tempos imemoriais, fazendo-a esquecer-se de Sua Real História e, conseqüentemente, afastando-a de sua verdadeira posição no contexto Universal. Lamentavelmente, o tema, via de regra, tem sido “esquecido”, ou “negligenciado”, ou “encoberto” não somente por autores ortodoxos como também por aqueles outros, seguindo linhas mais liberais.

Esta falha na literatura mundana e na esotérica liga-se, obviamente, à causas muito mais obscura e profundas do imaginado prioristicamente.

Existem muitas maneira de observar e analisar o passado. Dezenas, talvez centenas, de pesquisadores não dão conta de como pretéritos

acontecimentos, “vividros” por nossos ancestrais podem ser vistos e julgados através perspectivas diversas.

Até há alguns anos atrás, eu não conseguia “ver” sequer os contornos da Trama que se desenvolve furtivamente nas sombras. Encontrava-me, por assim dizer – como muitos ainda estão – presos à considerações esotéricas-religiosas ortodoxas, não me permitindo enxergar, com clareza, indícios da Trama e de seus “planejadores”.

Desde o momento em que me propus a desenvolver este pequeno estudo, verifiquei o quão difícil seria escreve-los de modo inteligível ao cidadão comum sem nenhuma intimidade com o assunto. Assaltou-me, portanto, um grande sentimento de frustração ante esse obstáculo. Reconheci a dificuldade em comunicar quaisquer informações, não comuns ao contexto diário do não “iniciado”, sem o uso de um palavreado adaptado à estas condições. É muito difícil transmitir-se idéias tão afastadas do corriqueiro. É verdade, também, que este palavreado adaptado muitas das vezes mais oculta do que desvela. Sobretudo neste particular assunto, no qual vários termos adquiriram, no transcorrer do tempo, varias conotações indesejáveis, viciadas, torcidas e totalmente afastadas de seus originais significado.

Verifico também nas pessoas uma clara tendência em rejeitar, à priori, novas idéias e novos conceitos, por motivos ligados exclusivamente à religião, política e o “status” social vigente. Esta tendência, como é fácil de se compreender, liga-se, por um lado, à falta de uma adequada e esclarecedora leitura e, por outro lado, às baixas condições do nível cultural da grande maioria das pessoas. Não seria talvez necessário dizer que, no particular caso, o Brasil apresenta-se como campeão da desinformação, ou que toda informação é somente guiada em certa e específica direção. Ou seja: aquela que mais beneficia a classe dominadora, isto é, uma minoria.

A nossa maior dificuldade reside num fato incontestável: a maioria das pessoas reage violenta e instintivamente contra qualquer idéia, ou processo, que possa a vir, de uma maneira ou de outra, estremecer o “status quo” reinante, ou seja: que as venha forçar a pensar por si próprias. Mesmo que esta nova tomada de consciência signifique uma mudança salutar, uma melhora nas condições de suas vidas ou em relação às suas atividades profissionais, sociais ou de crenças religiosas, nas quais, a grande maioria dos fiéis não têm tanta convicção. Estas são aceitas por puro comodismo ou modismo. Veja-se, como exemplo deste modismo, a enxurrada de livros esotéricos abarrotando as livrarias, e até mesmo as bancas de jornais. Atualmente, o desatino esotérico atingiu tal nível que facilitou o surgimento de “escolas”, nas quais você pode tornar-se um “iniciado à jato”, bastando tão somente para isto possuir dinheiro suficiente para gasta-lo no pagamento de ensinamentos padronizados, vindos

só “deus” sabe de onde. E nesta conversa muitos já entraram e continuam a entrar.

Quedamos pasmos ante a miopia de indivíduos rejeitando novas idéias e novos preceitos apenas por não se encaixarem nos paradigmas de suas crenças pessoais, mesmo que estas crenças entrem em conflito com o bom senso e a racionalidade.

Como afirmado por J.G. Artienza, “... o homem é o grande enganado do cosmo, e algumas vezes conscientemente, como se estivesse ansioso pelo engano e pela dependência”. O homem obedece com medo e até com alegria à toda religião ou filosofia política que lhe dispensa pensar e lhe impõem “verdades” por decreto ou, como afirmam as religiões, pela “palavra de deus”. Resumindo: **o homem gosta de ser enganado.**

Mesmo considerando seriamente estas premissas, atrevi-me desenvolver esse trabalho, na esperança de conseguir atingir mentes mais abertas, as quais, suponho, ainda existam.

A Trama aqui referida foi criada, em seus mínimos detalhes, há milhares de séculos atrás e, desde então, direciona nossos passos individuais e coletivos a uma direção que nos desvia do objetivo da evolução. Isto pode ser constatado mediante a cuidadosa observação da História e da caótica situação do mundo na atualidade. Que o homem enveredou em um beco-sem-saída será difícil contestar.

A Trama foi concebida objetivando a manutenção de um Poder controlador dos destinos da humanidade, impedindo-a de libertar-se das cadeias materiais, mentais e espirituais, obstaculizando o seu livre acesso ao básico e imprescindível conhecimento necessário à sua natural maturação, e à clara visão do que o homem é em toda sua realidade e plenitude – um Deus entre Deuses. Ou, como dito por Crowley, “uma estrela entre estrelas”.

O sombrio controle sobre nosso livre arbítrio tem sido mui sutilmente exercido pela Trama, apoiando-se principalmente no sentimento religioso, nas lutas de classe, nos preconceitos raciais, e antagonismos políticos, entendendo-se sobre a Terra como um pesado manto negro, obscurecendo nosso porvir.

Não falo somente em termos materiais, como muitos possam imaginar. Direciona, também, a Trama a níveis mais profundos, em que fenômenos inquietantes, manifestando-se em várias partes do mundo, e subvertendo as teorias científicas e religiosas, representam tão somente a ponta de imenso “iceberg” flutuando perigosamente na rota de nossas existências.

Estou plenamente desperto para o fato de que com minhas assertivas, excitarei a ira de “ocultistas”, espíritas, católicos romanos, protestantes, evangélicos, comunistas, capitalistas e democratas.<sup>1</sup>

Também, por outro lado, atrairei a atenção e o ódio dos Arquitetos da Trama, os quais, por intermédio de seus aliados humanos (e não humanos) tentarão calar minha boca e desmentir meu trabalho. Que fazer? Este sempre foi o preço pago por todos quantos, no passado, ou no presente, e seguramente no futuro, (se não vencermos a guerra contra esta Trama), deram um passo além da preconceituosa visão de valores “tradicionais”, estabelecidos como padrões inquestionáveis. Enquanto não logarmos enxergar um pouco mais à frente e com clareza, penetrando a névoa nos envolvendo e nos desorientando, ou quando o fazemos nos curvamos, covardemente, ante as forças sinistras a nos imporem regras arbitrárias, fracassaremos ruidosamente como seres divinos e livres que deveríamos ser, e seremos engolidos pelos turbilhões da Trama.

Não afirmo ter vislumbrado a verdade em toda sua magnitude. Não! Apenas penetrei um pouquinho além da névoa enganadora. Olhei, por assim dizer, por detrás do “primeiro véu”. Entrevi, com o canto do olho, o rápido e sorrateiro movimento de uma sombra esgueirando-se sinistramente entre outras sombras. Entretanto, a fugidia visão serviu para vislumbrar o ainda não visto: aquilo que nos tem manipulado, desencaminhado nossas vidas e nos observado durante séculos a fio, com sinistros olhos e escondendo-se sob diversas máscaras, sejam políticas, sociais ou esotéricas.

Se bem que o homem comum não alimenta a mínima desconfiança dessa manipulação, crescendo a seu redor, ela emerge aos nossos olhos a cada instante – basta olharmos com um pouquinho de mais atenção para fatos do dia a dia, para certas lendas e mitos vindos do passado, ou para enigmas históricos e, principalmente, para a atual e cáotica situação em que a humanidade, “in totum”, mergulhou nos últimos anos, sem saber como e porque.

Induzido pela Trama e seus vassallos, o homem enveredou por um labirinto, onde seus desesperados gritos ecoam há milênio, sem serem respondidos, ou nenhuma chance de ser acudido por uma Ariadne, porque somente o próprio homem poderá salvar-se a si mesmos, e nenhum “deus” fará isto por ele.

---

<sup>1</sup> - Nota de E.: Na teoria, a Democracia é inspiradora, mas nada tem a ver com o que encontramos nos países dizendo adota-la como regime político, principalmente os Estados Unidos da América. O existente nestes países “democratas”, com raríssimas exceções, é um Capitalismo selvagem tão daninho à humanidade quanto o Comunismo e o Fascismo.

Ouspensky disse certa vez: “de que serve tentar desmascarar mentiras, se as pessoas gostam delas, vivem delas e nelas?” Verdade: o homem vive mergulhado numa ilusão induzida, semelhante à aquela descrita em “Matrix”.

Certamente, muitos afirmam que Ouspensky pinta o quadro com tintas demasiadamente escuras. Discordo dessa opinião. Para mim ainda estão claras, comparando-as à realidade nua e crua. Jamais a mentira foi tão cultuada como em nosso tempo, com exceção ao período histórico dominado pela “Santa Inquisição”, quando a Trama, através da Igreja Romana mostrou abertamente seu ódio e desprezo pela humanidade.

Felizmente para nossos netos – assim espero – existe uma luz no final do túnel.

A existência da Trama já começou ser divisada e pesquisada por alguns dispersos investigadores. Homens que conseguiram escapar do condicionamento imposto pela Trama, por seus aliados (humanos e não humanos) e por idiotas úteis. No jargão da CIA, um idiota útil refere-se a alguém trabalhando para ela, mas que não se dá conta do fato. Nesta classificação coloco membros de membras da, assim chamada, OTO Americana, FRA, AMORC e outras mais. Algumas dessas, talvez, tenham consciência do que estão fazendo. Neste grupo incluo alguns tarólogos, numerólogos, etc.

Nos últimos anos alguns independentes investigadores têm-se pronunciado sobre questionamentos que procuro apresentar sob o ponto-de-vista esotérico. Vários estudiosos têm publicado suas conclusões. A princípio timidamente. Alguns apresentam seus estudos sob o mento da ficção como, por exemplo, Colin Wilson. Mas aos poucos, estas publicações tornam-se mais abundantes e não tão disfarçadas.

Entre os pioneiros desta nova onda cito Gerald Gorg, Robert A. Wilson, Timothy Leary, Zecharias Sitchin, Robert Charroux, Donald Holmes, Alais Denielou, Lovecraft, Eliphas Levi, Blavatsky, Allam Watts, Crowley, Marcelo Motta, e outros nos diversos seguimentos do pensamento humano.

“Estamos sendo testemunhas e vítimas, a nível planetário, de uma imensa campanha que tende destruir qualquer grau de liberdade que o ser humano tome no sentido de forjar seu próprio destino”, afirmou um desses pesquisadores. Somos constantemente, sem o percebermos, vigiados e manipulados por religiões, seitas, movimento políticos, esotéricos, organizações pseudo maçônicas, movimentos sociais e militares que, embora pareçam independentes uns dos outros, e mesmo antagônicos, possuem um elo unindo-os entre si mesmos e a Trama. Povos em várias nações, encontram-se mentalmente em total escravidão, sob o fascínio de líderes religiosos e

políticos, operando em base de afirmações que surgem totalmente insanas a todos quantos não se encontram sob seu fascínio.

Na verdade os grandes periódicos e as cadeias de televisão fabricam ou manipulam a opinião de 90% da população do mundo. Existe um modo de tratar as notícias, seleciona-las, limita-las. Nos EEUU existem 1800 periódicos; 11.000 semanários; 11.000 emissoras de rádio; 2000 canais de televisão, 2500 editoriais. Mas 50% deste total é controlado por uma vintena de companhias, cuja fonte econômica mais importante é a publicidade. Não é o consenso do público que permite a sobrevivência dos meios de comunicação, senão os interesses particulares.

Euclides Lacerda de Almeida



# I

A escravidão possui diferentes formas. Existe uma escravidão econômica, uma escravidão política, uma escravidão religiosa. Também em comunicação.

**T**odo estudante de História Geral sabe que na área hoje conhecida como Oriente Médio foi, na Antiguidade, o berço de várias religiões – um verdadeiro laboratório do qual veio à luz uma enorme quantidade de sistemas religiosos e cultos os mais obscuros. Mas também ali nasceu o Judaísmo, o Cristianismo, o Culto de Isis, de Osíris, de Baal, de Dionísio, e o Islã. Em meio a estas religiões e cultos, as mais conhecidas são: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Porém, há muitos séculos atrás, Aton, Amon, Osíris, Baal, Adonis, Dionísio, etc., reinaram absolutos.

Esta área, chamada Oriente Médio, sempre foi tumultuada. Mesmo hoje a vemos fervilhar em diversos tipos de lutas. Israel, Palestina, Iraque, Irã, foram o pivô de diversas guerras, e presume-se que brevemente haverá outro conflito entre Israel e seus vizinhos muçulmanos, como já houve entre Israel e o Egípto. A Guerra do Iraque foi uma página à parte, pois constituiu uma guerra provocada pelos Estados Unidos da América, em sua política intervencionista.

Também é de nosso conhecimento que vários governantes sempre tentaram o controle religioso do povo para obter poder político. Certamente foi este o caso do Imperador Constantino, quando reuniu os bispos cristãos num concílio (reunião de religiosos), na cidade de Nicéia, para re-estabelecer o poder do Império Romano, já em decadência, sobre as colônias estabelecidas naquela região.

Constantino, o analfabeto Constantino, tornou-se assim o primeiro governante adotando o “Cristianismo” como religião oficial do estado (futuramente esta manobra seria seguida por vários outros); muito embora ele mesmo seguisse a Religião do “Sol Invicto”. Não será necessário descrever

aqui as artimanhas políticas e criminosas perpetradas para que a religião surgente (o pseudo cristianismo Romano), vencesse o Verdadeiro Cristianismo, desenvolvido naquela região da Terra. Porém, sempre é interessante reavivar a memória desta ignomínia articulada contra a humanidade, uma vez que os atuais “católicos romanos” parecem ignorar a história de sua própria religião e dos crimes que ela cometeu para estabilizar-se no mundo, inclusive o assassinato em massa dos Cátaros, homens e mulheres que seguiam o cristianismo primitivo. O ultimo reduto dos Cátaros foi “Monte Segur”, ao qual as lendas se referem como sendo o local onde estava o Santo Graal.

Segundo uma pesquisadora de nosso tempo, “Constantino reuniu os bispos de diversas regiões no famoso Concílio (Nicéia 325 a.C) para que estes chegassem a um acordo sobre o figura de “Jesus Cristo”<sup>2</sup> – se Ele era ou não da mesma Essência de Deus. Procedeu-se a uma votação. Paradoxalmente, os bispos votaram contra a divindade de Jesus. Nisso eles seguiam a doutrina de Ário, bispo de Alexandria, e um dos mais cultos de seu tempo. Constantino – o inculto Constatino – que ainda não abandonara o culto ao Sol Invictus (Mitra), ia perdendo a paciência. Pois,

como iria ele, então, se converter a um “deus” que, afinal, não era Deus? Por isso, tomado de ira, obrigou aos bispos a fazerem outra votação em que reconhecessem que Jesus era da mesma substância do Pai Eterno, e não substância parecida. Muitos bispos “viraram a casaca” por temerem as consequências em não obedecerem aos desejos do Imperador. Mas Ário e mais vinte e um bispos de bom senso (e honestos)

**Para Ário, a duplicidade de “substância” não podia deixar de implicar uma dupla personalidade, da qual sairia irremediavelmente desunida a Unidade Divina. Apresentava-se assim o confronto entre os que afirmavam que Jesus era o Verdadeiro Logos encarnado, e os que consideravam-no apenas um homem tornado Deus no momento do batismo, como dito no Evangelho de S. Marcos.**

mantiveram-se firmes com os votos anteriores. Ário, culto como era, sabia que os judeus se consideravam “filhos de Deus”. Aliás como os verdadeiros

---

<sup>2</sup> - Nota de E.: Termos como “Cristo”, forma latina do grego Chrestos, o mesmo que Mashiah (O Ungido, o Messias) hebraico, é um título e não um nome próprio, como grande parte dos católicos romanos imaginam. A Igreja de Roma o empregou nos Evangelhos para agradar a gregos e romanos (Jesus Cristo é um “nome” contendo a forma grega Chrestos e a habraica Joheshuah). No Evangelho de S. Marcos, por exemplo, a expressão Jesus Cristo encontra-se apenas no Prólogo (I,1): estamos em face de uma fórmula compósita, tardia, refletindo uma terminologia helenística, e não palestina. O Nome do Messias prometido no Antigo Testamento é Emmanuel (isto é, “Deus Em Nós”. No resto de sua narrativa, S.Marcos, fala sempre de Jesus, não de Cristo, e muito menos Jesus Cristo; ao passo que o autor das Epístolas atribuídas a Paulo de Tarso usa de preferência Cristo, à maneira da “diáspora”. Paulo de Tarso, ou quem escreveu as Epístolas era um Gnóstico, sabendo o que estava falando.

crístãos. Era isso exatamente que os distinguia dos outros povos, e que fazia deles um “povo eleito”<sup>3</sup>. No Antigo Testamento, Deus é designado como Pai para alguém em vários livros – Êxodo, Salmos, Samuel, etc.

Mas os métodos de Constantino eram mais convincentes. Ário foi excomungado e seus livros queimados (como sempre acontece, aquilo que você não entende, você destrói), e o Concílio de Nicéia decretou a pena de morte contra quem conservasse alguma das obras de Ário.

É esta, infelizmente, a história da origem de Igreja Católica Apostólica Romana (para maiores detalhes veja “Carta da Um Mação”, de Marcelo Motta). Os dogmas da Igreja foram estabelecidos por votação, e sempre aliando-se aos poderosos e cruéis senhores do mundo, contra a liberdade do resto, e para tanto usando da violência, da mentira e do crime.

Anos mais tarde ao Concílio de Nicéia, seguiu-se a padronização dos Livros da Bíblia, sendo retirados do texto original (ou devidamente tomando a forma a apoiar o Credo de Nicéia) fatos e elementos misticamente incompatíveis com a reforma. Seguiu-se uma sistemática perseguição aos gnósticos, pagãos e judeus, assegurando, para a Igreja Romana, que nenhuma rival perturbasse a consolidação da doutrina “cristã romana”. Em 391 e.v., uma fanatizada multidão incentivada pela igreja em crescimento, incendiou o Templo e a Biblioteca de Alexandria, o grande centro do Conhecimento Antigo. Foi o mais profundo golpe sofrido pelo espírito da pesquisa intelectual, terminando com a possibilidade de se pesquisar e, conseqüentemente, de se expor a Fraude, uma das filhas mais querida da “Grande Trama”.

A partir desse ponto, qualquer pesquisador independente era estigmatizado de herege, torturado e queimado vivo.. “em nome de deus”. Quem viu o filme ou leu o livro “O Nome da Rosa” (Humberto Eco) pode fazer uma pálida idéia de como isto acontecia, mesmo entre sacerdotes.

Após o Concílio de Nicéia, outros foram realizados consolidando a Fraude. Assim, a Grande Trama foi se apossando da mente ocidental.

---

<sup>3</sup> - Nota de E.: Os judeus sabiam, e ainda sabem, a verdadeira origem do homem.

## II

“Os costumes têm sido preparados convenientemente para distrair e escravizar a cada setor da população. Assim temos, logo de início, o costume do esporte espetáculo (foot-ball, basketball, ciclismo, etc. de alta competição e profissional) utilizado como distração de uma parte importante da população masculina.

**T**orna-se notório que o presente momento testemunha um fenômeno de extraordinárias características. Sérios questionamentos, tanto na seara religiosa quanto na esotérica estão passando pelo crivo de uma profunda investigação. O projeto deve-se à vários pensadores e pesquisadores independentes, iniciando uma revolução nos paradigmas de ambas as correntes.

Recentes divulgações de obras inéditas, mantidas em sigilo durante muito tempo (séculos, ou mais), indicam nova orientação nestas pesquisas.

Pode-se afirmar que este despertar inaugurou-se com Blavatsky, Crowley, Dion Fortune, Ouspensky, Freud, Jung, e outros.

O movimento também oferece novas perspectivas e interpretações mais ousadas quanto a importantes e cruciais problemas penalizando a raça humana no nosso tumultuado fim de século.<sup>4</sup>Portanto, é uma feliz ocorrência podermos, atualmente, nos expressar com maior liberdade e publicar relevantes temas, até pouco tempo considerados tabus, e muitos dos quais

---

<sup>4</sup> - Nota de E.: Torna-se, agora, mais claro o que queriam exatamente dizer os autores ou compiladores dos Grimórios com os termos “espírito”, “anjo” e “demônio”, pois embora à primeira vista parecem considera-los como “personalidades”, existe uma forte tradição indicando que os iniciados que entendiam o profundo significado dos Grimórios consideravam os “espíritos” como simples personificações de princípios cósmicos ou de elementos da própria mente humana” (Ver “Magia” – Francis King – pag. 11-12)

desconhecidos no Brasil, o que nos colocava bem próximos da alienação ante várias obras surgidas na América e Europa.

Durante séculos tivemos nossos conhecimentos e nossas consciências limitadas pelos grilhões forjados nos subterrâneos do falso cristianismo.

A mais notável manifestação dessa nossa posição libertária encontra-se na mudança ocorrida no pensamento de vários estudiosos, pesquisadores, eruditos e místicos surgidos nesse século. Isto libertou vários indivíduos das algemas de um brutal dogmatismo escravizante para inéditas interpretações de textos sagrados, tradições esotéricas e discursos mágico-místicos vindos do passado.

Foi afirmado, por um sério pesquisador, que o poder eclesiástico colocou um torniquete, na mente do mundo ocidental, durante quinze centenas de anos. Na atualidade o torniquete começa a ser removido, e novos horizontes iluminam-se com a promessa de total liberdade de expressão e ação em todos os campos da atividade humana.

A despeito dos poderes contrários – os mesmos que queimaram Giordano Bruno, Joana D’Arc, Jacques de Molay, e outros cujos nomes ocupariam todas as páginas desse trabalho – parte da verdade começa a ser revelada. Os “Livros Sagrados” de várias religiões do passado, aparecem agora, sob uma nova luz, mesmo no mecanismo de suas estruturas. A pesquisa progride a passos largos, e nos leva ao ponto onde ela põe em xeque a (pseuda) básica historicidade dessas escrituras, das quais era crime – geralmente punido com a morte na fogueira – duvidar-se mesmo de uma letra. Estudiosos desses textos e da vida de seus escritores, começam a declarar abertamente que as narrativas ali contidas não podem ser mais aceitas como acontecimentos reais, históricos. Ou eles consistem numa forma alegórica de transmitir certos conhecimentos, ou encobrem acontecimentos não compreendidos por nossos antepassados ou são, em sua maioria, pura invenção. Para nós, particularmente, o Novo Testamento apresenta um amálgama de várias concepções religiosas, crenças populares, palavras de passe de organizações secretas. Tudo isto sendo oferecidos a gregos e troianos, como sendo uma revelação divina. Mas, como já afirmado, contendo alguns fatos, infelizmente descritos e interpretados por observadores cujas mentes ainda não se encontravam preparadas para entendê-los e, assim, os registraram sob o ponto de vista da superstição religiosa e de uma visão maravilhada ante as insólitas ocorrências.

Neste contexto, a própria Igreja de Roma, vendo-se ameaçada diante de várias dessas descobertas, e temerosa (como sempre) de perder o poder político exercido sobre as massas, começa a rever, muito discretamente, alguns de seus dógmas e algumas de suas “estórias”. Veja-se, por exemplo, o

caso do “Santo Sudário”, que a Igreja, não faz muito tempo, reconheceu publicamente como uma falsificação.

A notícia foi publicada em vários jornais. Mas chamo a atenção dos leitores, que mesmo admitindo a falsidade do Sudário, a Igreja pretende fazer com que este permaneça como símbolo religioso, isto é, continuará com a farsa, continuará com foco “mágico” para glamourizar a mente dos crédulos, mantendo-os “ligados” ao egregora da Igreja Romana.

O golpe  
dessas

críticas textuais, estremecendo o edifício dos dogmas, tem sido bastante forte. O abalo acentuou-se, ainda mais, sob a divulgação de traduções e comentários eruditos concernentes aos “Manuscritos do Mar Morto” e da Biblioteca de Nag Hamadi<sup>5</sup>, no específico caso do Cristianismo. Estas traduções e comentários trouxeram, ao público, inúmeros fatos históricos até então desconhecidos, ou mantidos em absoluto secreto pelas autoridades civis e eclesiásticas.

Mais recentemente, a Igreja Romana, veio à público pedir perdão ao judeus por ter fechado os olhos ante os crimes do Holocausto. Isto cinquenta anos depois de sua monstruosa atitude. Deveria também pedir perdão pelas atrocidades por ela cometidas contra cátaros, gnósticos, Templários, Maçães, Esoteristas, Mulçumanos, etc. E esta organização ainda tem a coragem de dizer-se Cristã...

Na verdade nos sabemos que a posição da Igreja de Roma não foi somente fechar os olhos às atrocidades do Nazismo. Em várias ocasiões houve até incentivos.

“O Papa Pio XII (Pacelli), ajudou a moldar uma ideologia de poder papal sem precedentes; durante a década de 1920, ele empregou a astúcia e a coerção moral para impor esse poder na Alemanha. Em 1933 Hitler tornou-se o parceiro perfeito para negociações. Foi acertada uma concordata, que concedia vantagens religiosas e educacionais à Igreja Católica. Essa abdicação voluntária do catolicismo político, imposta de Roma, facilitou a ascensão do Nazismo.” (Vide “O Papa de Hitler”, John Cornwell).<sup>6</sup> Em “Paranóia”, um estudo elaborado já há algum tempo, eu exponho todo o caso do escândalo

<sup>5</sup> - Nota de E.: Vide “Os Manuscritos do Mar Morto”, “O Mito de Cristo e Os Manuscritos do Mar morto”, de John Allegro.

<sup>6</sup> - Nota de E.: Existem muitas evidências de que Pio XII (Eugenio Pacelli) num estágio inicial de sua carreira, deixou transparecer uma inegável antipatia contra os judeus.

envolvendo o Vaticano, o Banco Ambrosiano, e o Arcebispo Paul Marcinkus.  
(Adendo I).

### III

**E** difícil, e bastante cansativo, escrever-se sobre qualquer assunto quando a maioria das pessoas já o considera, a priori, “verdadeiro”, “intocável”, “estabelecido”, etc., pretendendo conhece-lo muito bem através da leitura de superficiais artigos de revistas populares, dominadas pela mídia, ou pela palavra de “líderes” manipulando o conteúdo dessas leituras em favor de suas filosofias implantadas sob a égide da fé, do temor religioso, ou pela coerção política. Portanto, indico aos leitores o estudo de vários livros, sejam contra ou a favor das conclusões que chagaram os autores citados no decorrer desse trabalho. Esta liberdade de procura é imprescindível na conquista do real saber. Ater-se a uma só linha de pensamento, por temor a um pseudo castigo vindo do “céu” ou da “infalibilidade” de um homem vestido de uma autoridade duvidosa, é retornar ao nível do troglodita.

Esta sempre foi a dificuldade na apreciação imparcial da religiões e do esoterismo. Devemos estudar várias obras a respeito e delas tirar nossas próprias conclusões, principalmente no concernente ao esoterismo, como atualmente divulgado no meio profano – de modo superficial, tendencioso, comercial e o que é pior, errado. Pois o esoterismo oferecido ao povo não é Esoterismo, mas sim um grosseiro arremedo dele. Como comparação, poderíamos afirmar que a distância entre o esoterismo e o Esoterismo é a mesma existente entre os conhecimentos de um eletricista e a Ciência de engenheiro elétrico. Apenas destacando-se uma diferença fundamental: o eletricista possui verdadeira função dentro da sociedade, enquanto que o “esoterismo” nenhuma. A não ser aquela da confusão, da má interpretação, da burla, de má informação, do perigo e da embromação, dirigidas para propósitos inconfessáveis. Aí está a realidade, em que caiba a carapuça nos “divulgadores” do “esoterismo” em nosso país e no resto do mundo. Para que nossas palavras fiquem bem claras, destacamos estarmos falando de uma escória (ludibriando o povo em benefício próprio) de “magos”, “tarólogos”, “qabalistas”, etc., no meio dos quais é muito difícil separar o jôio do trigo. Este é um crime imperdoável, do qual eu os acuso, doe a quem doer...

O mesmo quadro observa-se na religiões e “ordens” (ou deveria dizer des-ordem?), de “fraternidade secretas” (que de secretas só têm o nome, e a fraternidade é uma lenda), e mais acentuadamente, nas “escolas de magia” conferindo diplomas a torto e a direito, como se a Magia pudesse ser aprendida em salas de aulas a semelhança de qualquer curso escolar. Isto não é Magia coisa nenhuma...

Diante do caos esotérico expandindo-se à nossa volta, que pode ser feito? Como distinguir a verdade da mentira?

Nesse ponto seria de grande utilidade citar a frase dita por um desconhecido sábio da velha Judéia: “Pelos seus frutos os conhecereis”.

A frase deveria ser suficientemente esclarecedora ao bom entendedor. Pouco ou nada poderemos fazer para os que não têm ouvidos de ouvir. Devemos nos lembrar, também, que poderes mágicos jamais foram indicadores de evolução ou crescimento espiritual como muitos possam julgar. Uma coisa não implica a outra. Pessoas desequilibradas ou malévolas podem possuir admiráveis dons mágicos, e usa-los de maneira a se beneficiarem pessoalmente em detrimento de seus semelhantes. E geralmente o fazem. Indivíduos moral e espiritualmente jamais o farão, mesmo possuindo tais poderes.

Atitudes do passado, relativas ao Esoterismo em geral e à Magia em particular, chegaram até nossos dias quase que intactas, e sempre tendendo para dois extremos: uma indicando a Magia como “uma arte do diabo”, um perigo para a alma humana; enquanto outro a coloca num pedestal elevando-a à níveis de algo extraordinariamente sacrossanto. Ambas as tendências são, obviamente, desequilibradas. Em ambos os extremos os efeitos têm sido devastadores para a humanidade. As pessoas permanecem sem saber o que fazer entre a cruz e a espada: ou a Magia destrói sua almas, ou estas, impuras como são (o que querem nos fazer crer os agentes da Trama) a aviltam. Não será difícil compreender que as duas alternativas possuem, por finalidade, afastar a todos da Real Ciência dos Magi

As diversas pesquisas em curso vêm tornando a posição da Trama bastante difícil. Principalmente em se manter velada aos olhos dos homens. Isto, evidentemente, a tem forçado mexer-se, manobrando suas peças no tabuleiro do mundo, numa tentativa de anular o avanço do conhecimento, a não ser naqueles pontos de seu interesse imediato. Mas, ao mover-se ela torna-se visível como uma serpente se denuncia movendo-se num capinzal. Desta maneira, a direção de seus movimentos sinuosos pode ser prevista ao observador mais atento.

A confusão generalizada em que o mundo mergulhou, nas últimas décadas, resultam deste prenuncio da desesperada ação da Trama. Basta

prestarmos maior atenção, e veremos a sombra dela esgueirando-se por detrás destes acontecimentos. Notícias nos chegam dos quatro cantos do mundo: guerras as mais estúpidas, distúrbios sociais, problemas econômicos corroendo a riqueza de vários países, conflitos raciais e religiosos nunca vistos em tais proporções, e um aumento assustador de armas cada vez mais radicais; violência urbana, fanatismos, movimentos tentando reerguer o Nazismo, o Fascismo e o Comunismo, para extermínio dos homens verdadeiramente livres. Torna-se mais do que claro que a raça humana está sendo governada política e economicamente por desconhecidos grupos financeiros, canalhas criminosos, e intelectualmente dirigida por duvidosos psicóticos e charlatões.

Por outro lado, grande quantidade de documentos, inscrições rupestres, monumentos pré-históricos, papiros, manuscritos medievais e culturas, ditas, primitivas, vêm sofrendo sistemática destruição, como se algo, ou alguém, quisesse apagar a memória do passado, porque nesta memória (as memórias genéticas talvez) encontram-se pistas que nos levariam mais rapidamente à verdade. Outros tantos documentos são ocultados, alterados nos textos originais ou “acidentalmente perdidos”, ou considerados “apócrifos” por uma autoridade charlatanesca comprometida com nossos algozes algozes. Posso citar, como exponenciais crimes da Trama, no passado, o incêndio da Biblioteca de Alexandria e as Cruzadas. Podemos também assinalar o desaparecimento das chaves dos antigos símbolos dos textos hieróglifos, da escrita Maia, Azteca, Inca; e dos textos Gnósticos. Desses últimos somente temos referências através comentários de seus opositores (portanto, não confiáveis). E de outros tantos documentos indicando remotas civilizações que floresceram na face do planeta, muito antes do atual hominídeo aparecer. As deturpações bíblicas, cujos erros de tradução e interpretação contam, respectivamente, entre 30000 e 20000. O sistemático assassinato de inúmeros sábios que ousaram levantar a ponta do véu da ignorância. Os tenebrosos calabouços da Inquisição, onde padeceram, sob as mais mterríveis torturas, milhares de homens e mulheres acusados de feitiçaria, herezia, pacto com o diabo, etc. O assassinato dos Templários, dos Cátaros, cujos conhecimentos punham o poder da Igreja em perigo; o genocídio dos Incas no Peru, e Astecas no México; as perseguições aos Maçons, e a outros grupos religiosos como os Albigenses, Gnósticos, etc. Em nossa época, o holocausto dos Judeus, dos Ciganos, dos homossexuais, etc., sob a bota Nazista auxiliada pelo Vaticano. A utopia marxista-leninista com seus crimes e perseguições, e o selvagem Capitalismo que parece imperar no mundo, matando de fome milhões de seres humanos. São estes, outros tantos êxitos obtidos pela ação da Trama que, assim, sem aparecer, executa seu plano de extermínio de todos os seres inteligentes da Terra; pois no fim de sua trama, apenas permanecerão, no

planeta, os idiotas, os semi-humanos e os retardados, muito mais fáceis de serem controlados, escravizados e de trabalharem para os Arquitetos da Grande Trama.

Após A Segunda Guerra Mundial, a humanidade julgou poder respirar mais aliviada num clima de paz, harmonia e progresso. Mais um terrível engano. Seguidamente estourou a Guerra da Coréia, do Vietname, do Iran, do Paquistão, do Iraque, da Bósnia, etc., onde arma ultra sofisticadas foram testadas para a alegria de enriquecimento das indústrias bélicas americanas, russas, inglesas, etc. Será que ninguém ainda se apercebeu quem em tempo algum, o homem parou de matar-se mutuamente, sem ao menos saber porque? Que a maioria das indústrias mundiais vivem e se enriquecem de nosso sangue como vampiros que são?

Durante todo este tempo, o homem tem-se deixado guiar pelas mentiras implantadas pela Trama. A tão exaltada “Civilização do Século XX” tornou-se o evidente exemplo disto.

Por inumeráveis milênios, a humanidade tem aceito, sem o mínimo questionamento, estas mentiras, sejam no campo das religiões, ou seja no político, e que nada têm a ver com a realidade dos fatos observados na Natureza. Torna-se evidente, para mim, a função dessas afirmações mentirosas: manter a massa popular ignorante e subserviente à uma “Elite” que Benjamim Disraeli descreveu como “figuras que não podem ser vislumbradas por aqueles cujos olhos não conseguem penetrar nos Bastidores”. Nesta mesma linha de pensamento nos informa Gerard Gorg: “Eu tenho a visão de uma mistificação imensa em todos os graus da História, em todos os níveis de nossa civilização. O mundo está condenado a viver sob o domínio de uma casta que eu chamarei de os Poderes”

Eu estaria de pleno acordo com Gorg não fosse seu pessimismo. A humanidade não está condenada irremediavelmente a viver sob o domínio dessa Trama. Ainda restam esperanças. Ainda é tempo de acordar e reagir. Existem forças combatendo a Trama onde quer que Ela apareça, neste instante mesmo como no passado. Além disso, e a despeito de todo cuidado para manter-se ignorada, alguns indícios vazam, e os homens mais atentos têm um vislumbre do que realmente está acontecendo, e quem são os responsáveis pela Trama.

Temos sido mantidos numa cegueira sepulcral. Uma cegueira nos afastando do Conhecimento de nossa real origem e de nossa posição no contexto universal. A própria classe sacerdotal tem sido, ela mesma, vítima desta cegueira. Muito embora viva sob a ilusão de que está servindo ao verdadeiro Deus, e de ser a elite do mundo. E no mesmo caminho seguem militares e políticos corúptos. A realidade é outra. Todas essas classes

“eletistas” não passam de simples marionetes nas mãos dos verdadeiros “Senhores do Mundo”, que têm pretendido fixar limites para evolução humana, por temor a esta evolução, como será discutido mais à frente. E neste contexto aqueles que se julga livre é, na realidade, um tolo presunçoso; uma ovelha entre ovelhas, enganada, engrossando o rebanho, seguindo a determinação e o capricho de seres ocultos para os quais nada mais somos do que animais úteis e aproveitáveis para seus fins, mas descartáveis ao término desta utilidade, da mesma forma que cobaias em laboratório.

Não posso crer que toda esta miséria, que toda esta confusão, que toda esta sangueira, enlameando o caminho da civilização, seja a Vontade do Deus Verdadeiro, do Criador do Universo. Também, por outro lado, não será lançando a culpa em um hipotético “diabo” que daremos o enigma por resolvido, ou explicado. É muito fácil e infantil um tal tipo de raciocínio. Ele nos lavaria a uma outra questão: afinal, quem criou o diabo? Caso a resposta seja “deus”, então este “deus” revelar-se-ia um covarde universal, criando um ser para encobrir sua próprias fraquezas, tendências sádicas e cruéis; o que seria um grande absurdo, considerando-se Deus como Amor e Bondades Supremas. Visto está que o deus referido na Bíblia não pode ser este Deus Universal, mas uma imitação Dele, nomeado, pelos Gnósticos, como Demiurgo, ou seja, Jehová.

Jeovah se declara todo poderoso (El Shaday), e declara: *“Ainda antes que houvesse dia, eu e ninguém há que possa fazer escapar de minhas mãos; operando eu, quem impedirá?”* – (Is. 43:23). *“Porque o Senhor dos Exércitos o determinou: quem pois o invalidará? E a sua mão estendida está: quem pois a fará voltar atrás (Is. 14:27). “Vede que eu, eu sou, e mais nenhum Deus comigo; eu mato e faço viver, eu firo e eu saro: e ninguém há que escape da minha mão”* – ( Deut. 32:39) Paulo apóstolo revela que alguém submeteu e corrompeu toda a criação: *“Porque a criação, ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da escravidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora”* \_ (Rm:19-22).

Ora, se toda criação foi submetida ao opressor, e dentro dela Jeovah se arroga tantos poderes, ou Jeovah está submetido ao opressor, ou está mentindo. O que parece é que, quem faz, tem mais poder do que quem fala e proclama o que não pode fazer.

A situação do homem, na atualidade, é como se ele tivesse suas vestes embebidas em gasolina e, loucamente, dançasse à volta de uma fogueira, e toda dantesca cena aplaudida pela assistência: padres, políticos, governantes e, claro, “esoteristas”.

Durante o negro reinado da “Santa Inquisição” (A infame “Santa Inquisição” foi criada por um fanático espanhol, Dominic Guzman, impelido por um ódio sem limites contra as “herezias”. Em 1216 Guzman criou a ordem manástica, que tempos mais tarde chamou-se Dominicana.) milhares de sábios, filósofos e pesquisadores, e mesmo representantes das classes mais abastadas (dotados de coração e senso de individualidade) foram impiedosamente queimados vivos, ou morreram nas câmaras de tortura. Lutavam eles contra a Fraude, mostrando uma outra realidade que não a “oficial” ditada pela Igreja de Roma. Ainda hoje existem indivíduos que tentam justificar as barbaridades cometidas pela Inquisição, baseando-se em premissas totalmente falsas (vide, particularmente, as idéias do Sr. Paulo Coelho sobre o assunto). Neste particular, o homem não mudou muito em suas reações ante o inovador, ante os grandes heróis, ante a verdade, principalmente quando estes e estas contrariam os padrões, leis e costumes estabelecidos pela Fraude e pela tacanha mentalidade de políticos e sacerdotes.

Nos negros tempos da Inquisição, a Maçonaria ergueu-se majestosa contra a infâmia. Ainda era a Maçonaria, isto é, a poderosa Ordem criada pelos verdadeiros Adeptos opondo-se à Grande Trama. Infelizmente a Maçonaria, em nossa época, decaiu além do previsto por seus criadores.

Diriam alguns que hoje em dia não existem mais fogueiras inquisitórias (mas existem outros meios de se “queimar” alguém): outros meios para calar nossas bocas. E, em certo sentido, bem piores aos empregados anteriormente pela Inquisição, porque mais sutis, mais disfarçados.

O ocorrido durante a história da evolução humana consiste em que certos e ainda não definidos seres fizeram-se passar por Deus. Depois, sendo aceitos, aproveitaram da situação, conseguiram fazer com que o Verdadeiro Deus fosse visto, historicamente, como o Adversário (isto é, transformaram o Verdadeiro Deus em “Diabo” . Desta maneira, temos aceito, durante milênios, afirmações mentirosas como se fossem verdade. O pior, é que nós nos matamos mutuamente em nosso dessas mentiras. Já é hora desta insensatez terminar. Estou convicto que na época em que vivemos, iniciar-se-á um período, durante o qual, muitas da mentiras existentes serão desmascaradas e, então, o homem poderá respirar mais livremente sem nada temer. Porém, não podemos nos iludir: a guerra para a conquista da Liberdade será tremenda e longa.

No decorrer deste trabalho serão exibidas algumas dessas mentiras e “mistérios”.

Dizer-se que uma visão do Universo, diferente da qual nós estamos acostumados a aceitar, é insensata, significa afirmar-se, em outras palavras, que tal visão não se ajusta aos padrões estabelecidos arbitrariamente e impostos pelo temor de um pseudo “ser divino”, ou pela força político econômica, ou pelas armas. Estes foram os meios sempre empregados pela “elite dominadora” para impor-se sobre a massa popular. Os tiranos sempre procuram inibir e subjugar o povo através da religião, ou através da força ou pelo terror; e o emprego desses métodos variando segundo a reação de cada povo. Quando, por quaisquer circunstâncias, não surtem o efeito desejado, o resultado é um ódio feroz e o assassinato em massa, como aconteceu na Rússia e na China comunistas, e em outros países rotulados como “democráticos” como, por exemplo, os Estados Unidos da América, que além de praticamente dizimar as populações indígenas de seu território, tem o péssimo costume de meter-se na vida de outros países para “salvá-los”, ou democratiza-los à força<sup>7</sup> Também, este tem sido o método de catequese usada por padres e pastores e outros representantes de religiões organizadas, contra os povos chamados “primitivos”. Como os catequizadores costumam dizer: “nós te salvaremos, mesmo que para isto seja necessário matá-lo”. Esta é a “palavra do feroz deus (Jehova) desses “crentes”. E, por isso, “ele”, o deus da Bíblia tentou suprimir os “rebeldes” da face da Terra com o dilúvio, e com a destruição da “Torre de Babel”, e arrasando Sodoma e Gomorra. Evidentemente, para o homem de bom senso, estas “histórias” demonstram cabalmente que esse “deus” não é Deus coisa nenhuma, mas uma grotesca imitação Dele.

Para muitos esta minha visão é uma visão insensata, herege, etc. Mas, como dito por Bryan Swimme “não necessitamos de visões sensatas; precisamos é das mais chocantes e fantásticas visões do Universo que pudermos encontrar.” No que é apoiado plenamente por Teilhard de Cardin: “Só o inacreditável tem possibilidade de ser verdadeiro”. Teilhard de Cardin era um sacerdote da Igreja de Roma, e desenvolveu seus estudos e pesquisas antropológicas com fortes nuances contrárias aos dogmas de Igreja, e por suas idéias “avançadas”, morreu no ostracismo. Somente agora seus livros podem ser lidos e apreciados.

---

<sup>7</sup> - Nota de E.: Não digo que devemos compactuar com os déspotas e ditadores dos diversos sistemas políticos. Mas nós temos que deixar que os povos do países, sob o jugo da tirania, se mostrem capazes de, por si mesmos, livrarem-se da escravidão. Caso contrário, não merecem a liberdade, ou não a desejam. Nós não podemos, simplesmente, invadir estes países sob o pretexto de libertar sua população. Fazer isto, também é autoritarismo, despotismo, etc.. Nossa luta contra a escravidão deve ser no sentido de alertar, a todos, a respeito da escravidão, e deixar que cada qual escolha seu caminho LIVREMENTE.

A maioria das teorias existentes, sejam religiosas, políticas ou esotéricas, em nada nos tem ajudado na compreensão do Homem, do Universo e de Deus. E não o fito deste nosso trabalho criar novas teorias, ou polêmicas. Mas as polêmicas inexoravelmente surgirão como a sombra que acompanha a luz.

À aqueles que virem em nossa exposição apenas loucura, devaneio, etc., têm o sagrado direito de assim pensarem e de seguirem suas próprias idéias. Sugiro, entretanto, que antes de tomarem qualquer direção, deveriam estudar estas nossas proposições. Discussões a priori sempre serão um fator negativos em direção à compreensão: cria ódios, rancores, fanatismos e incentivam guerras. Consultem os compêndios de História e constatarão o fato. Não fosse o rancor dos padres de Roma contra os Verdadeiros Cristãos, não teríamos o massacre dos Cátaros, dos Gnósticos, etc. Não fosse o ódio de Hitler (iludido por uma pseudo supremacia da “tal raça ariana”) contra os judeus, negros, ciganos e homossexuais, não teríamos a Segunda Grande Guerra, durante a qual milhares de homens, mulheres, crianças e velhos foram chacinados, a sangue frio, em nome de uma limpeza racial. A compreensão da verdade jamais virá de disputas, de guerras e de ódios, sempre baseados em extremismos, crenças pessoais, e sem quaisquer fundamentos, a não ser aquele da má fé. As acirradas polêmicas entre facções antagônicas – sejam políticas ou religiosas, ou sociais – nos têm afastado, e continuarão a fazê-lo, das importantes questões humanas. E é exatamente isto que nossos inimigos desejam. Pois enquanto os homens se degladiam em nome de quimeras, eles – nossos inimigos – mais facilmente nos dominarão. Em nosso século, especialmente nas última décadas, só temos agido como loucos – guerras e mais guerras. Esta visão me assusta e deprime. Demonstra o como a humanidade ainda não aprendeu que ela faz parte de um só organismo, e de como está em mãos de manipuladores cruéis. Não podemos permanecer neste erro fatal.

# IV

Quando voltamos de uma viagem e ingressamos numa nova fase de nossas vidas, somos impelidos imediatamente para um novo tipo de jornada; “o padrão não é linear ou circular, mas em espiral.”

Voltei de uma jornada onde muitas de minhas antigas idéias e concepções foram purgadas pela “secura” do caminho. E agora aquelas idéias me parecem como brincadeiras de crianças. “A visão e a clareza mental decorrentes desta purgação irei transmitir irei tentar transmitir neste estudo.”

Escrever sobre uma nova visão do mundo, no que tange à religião e ao esoterismo, é o mesmo que atizar uma colméia de furiosas abelhas. É assumir uma perigosa opção, pois consiste em derrubar antigos ídolos e enfrentar ódios e ataques mais ferozes vindos dos adoradores desses ídolos – os que dormem e sonham não suportam ser acordados. Dito de outra maneira “os escravos servirão”.

Os críticos de ambas as correntes sempre defrontam-se com três obstáculos: o pensamento adulterado, o fanatismo e a fraude. E eu não sei qual dos três é o pior. Espero conseguir dribla-los, fugindo dos jargões usados pela maioria dos “magistas” e “iniciados” escrevendo a respeito. Viso uma abordagem amena do tema, facilitando a leitura daqueles que, eventualmente, sendo leigos em ocultismo, vierem a ler estas páginas.

Talvez minhas palavras possam ser, para muitos, o primeiro contato com conceitos, juízos, filosofias e práticas ocultas.. Pode, também, acontecer (quem o poderia negar? O Universo é tão cheio de surpresas) que alguns desses eventuais leitores obtenham, como melhor resultado desta leitura, o despertar para novos horizontes e o desejo de ir mais longe na pesquisa destas idéias, procurando atingir outros “ramos” da frondosa ‘Árvore da Vida’, saboreando seus frutos, e objetivando um nível de consciência mais além do alcançado por mim nesta tão curta e maravilhosa existência.

Não importa, em absoluto, que um tal despertar seja causado pelo desejo em me combater – o importante é que despertem e vejam o perigo a que estamos expostos por fecharmos os olhos à ação daquela “Elite Anti Humana”, a qual domino “A Grande Trama”. E na qual está atrelado o esoterismo com “e” minúsculo.

Seria conveniente acrescentar algo que não foi claramente dito por vários “esoteristas” que me antecederam: que nada substitui a visão direta, a experiência pessoal e a pesquisa destituída de preconceitos.

Para isto, em vários pontos deste escrito, apresento símbolos preciosos, “chaves”, por assim dizer. Ao leitor mais atencioso não lhe será difícil tomar posse dos verdadeiros significados destas chaves e abrir as necessárias portas para avanço na Compreensão da Arte Real; pois sem estas “chaves” nenhuma porta abrir-se-á, ou se abrir será uma porta errada. E este é, sem dúvida, o

motivo de ouvirmos e lermos tanta besteira concernente ao Esoterismo. Somente com as Reais Chaves se descortinará, ante nossos olhos, um mundo cheio de maravilhosas verdades, e situaremos o Grande Perigo nos rondando neste momento mesmo por detrás dos bastidores.

Nada existe de mais decepcionante e profundamente traumatizante descobrir-se que tudo aquilo, a que dedicamos grande parte de nossas vidas, não passa de uma grande farsa, cuja finalidade única consiste em nos manter afastados da realidade, tornando-nos idiotas úteis. Isto aconteceu comigo; e não serei o último. A mesma coisa vem ocorrente, e continuará ocorrendo, como grande número de indivíduos, enquanto não soubermos separar “o joio do trigo” – quer dizer: enquanto não percebermos claramente, que a grande maioria das mensagens de todos os textos sagrados foram manipulados, e deformados, durante séculos, causando uma ruptura entre nós e nosso passado e, conseqüentemente, afastando-nos do caminho para um futuro promissor.

Certa vez, a Sra. Blavatsky declarou, para alarde de muitos e compreensão de pouquíssimos, “que o segredo é inimigo da verdade”. Isto, veja-se bem: não quer dignificar a não existência de segredos. Existem segredos e Segredos. Blavatsky era uma Mestra de Templo. E todos nós sabemos que quando um Mestre de Templo fala, ele só diz mentiras. Por que? Que “iniciados” encontrem a resposta por si mesmos. Não conhecem eles todos os “segredos”? Não dizem eles que não há segredos?

Como não é difícil de se imaginar, a declaração proferida pela “mais famosa ocultista” do Século XIX, criou grande reboição e mesmo espanto, nos meios esotéricos, principalmente entre mações. Logicamente, tendo suas fundações baseadas em um Grande Segredo, a Maçonaria não sobreviveria sem eles, da mesma forma que a Igreja Católica Romana sem seus dogmas.

O choque causado pelas palavras de Blavatsky foi tão intenso ao ponto em que vários esoteristas, entre os mais exaltados, iniciarem uma campanha contra ela. E nisto, evidentemente, foram instigados e apoiados pela Fraude, que aproveitando-se da oportunidade, divulgou o ignóbil boato que Blavatsky era uma farsante e espiã a soldo da Rússia Kzarista. Como podemos observar, a verdade não agrada a maioria, principalmente àqueles vivendo da mentira. Aliás quantidade jamais traduziu qualidade, em que isto pese à, assim chamada, Democracia. Eu mesmo, em minha ignorância, e como maçã, recém chegado ao Templo de Salomão, senti-me perturbado na época em que li a declaração. Deixei-me levar por minha tolice, e paguei este erro com juros e correção monetária.

O tempo passou. Trinta anos após tomar conhecimento das sábias palavras de Blavatsky, e a indispensável ajuda de um amigo e Frater, consegui, finalmente, libertar-me do condicionamento, a mim imposto, e

compreende-las com um pouco mais de clareza. Antes tarde do que nunca. Mas foram trinta anos preciosos de peregrinação nada agradável; muitas quedas e muitos erros foram necessários para a compreensão das verdades subjacentes na obra daquela grande mulher, principalmente em sua monumental “A doutrina Secreta”.

Blavatsky, entre outras coisas, nos alertou, à sua maneira, e durante toda sua vida, contra os erros, engodos e vãs afirmativas, as quais a maioria dos “esoteristas” têm tomado e divulgado como verdades indiscutíveis – verdadeiros dogmas tais quais aqueles inventados pela Igreja de Roma, e atualmente seguidos por suas subsidiárias: O Protestantismo, atualmente dividido em várias “Igrejas” e seitas, nada mais representa do que uma continuação da escamoteação romana – isto é: uma farsa inventada no Concílio de Nicéia com o intuito de agradar gregos e troianos. Somente uma coisa diferencia a matriz das subsidiárias: O Protestantismo com suas igrejas e seitas, tornou-se muitas vezes pior que o Catolicismo Romano, porque baseiam-se num fanatismo grotesco e crescente.

O Concílio de Niceia (325 d.C) convocado pelo Imperador Romano Constantino na época. Recém convertido ao Cristianismo. Constantino foi pressionado por sua corte a elaborar um conceito de Deus que agradasse as facções cristãs que tinha Jesus como salvador dos pecados do mundo. Entre muitas discussões durante os debates, um grupo de altos dignatários cristãos decidiu que Deus era três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O que contraria as palavras do próprio Jesus, pois nem no Novo Testamento nem nos textos Apócrifos, jamais se referiu à Trindade. O que unanimemente todos os Evangelhos expressam é: “Eu (Jesus) e o Pai somos um...”

Foi neste Concílio que os Evangelhos que não tinham o aval do Espírito Santo foram rotulados Apócrifos. E de que forma se podia saber sobre essa decisão divina?

Então Constantino recorreu a uma votação. Nesta os defensores da Trindade perderam para Ário, que afirmava que Jesus não era da mesma essência de Deus. A Constantino isto não agradou e ordenou uma nova votação em que Jesus fosse considerado da mesma essência do Pai, e para isto usou de sua “autoridade” de Imperador. Ário e seus seguidores foram excomungados, e todos seus escritos destruídos, passando a ser considerado um crime contra o Imperador ter e ler os escritos Arianos.

Então, a partir de Nicéia, tudo que não estivesse de acordo com os ditames de Roma era queimado ou, no mínimo, proibido. Isso não aconteceu com o Evangelho de Tomé porque, um monge gnóstico copiou-o, encerrou-o numa urna e levou-o para o Egito, onde foi encontrado mais de 1600 anos depois, em 1945 na região de Nag Hamadi.

Grande parte dos “esoteristas” e “mações” que conheci, jamais assimilaram, sequer, um milésimo da mensagem de Blavatsky. E muito menos ainda aquela de Aleister Crowley, o Magus do Sec. XX. Se muito, eles permaneceram confusos na “Sala dos Passos Perdidos”. Não conseguiram ver o oculto por detrás do ocultismo. Toda obra da mestra russa e do magus inglês nos exhibe claramente o quanto estamos enganados, e continuaremos a estar, em muitas de nossas queridas crenças, e totalmente ignorantes dos sombrios “movimentos” subterrâneos engendrados por “poderes” que, dificilmente, poderíamos imaginar sequer existirem – mesmo em nossos devaneios mais ousados. Infelizmente tanto os sucessores de Crowley e de Blavatsky não lograram dar o devido prosseguimento, ou desenvolver adequadamente, as sementes lançadas por estes dois gigantes do atual esoterismo. Os próprios seguidores de Blavatsky e Crowley foram, eles mesmos, envolvidos pela teia tecida pela Fraude.

O resultado desta incompetência catastrófica repercutiu prontamente na farsa krishnamurtiana, e no indiscutível declínio da Sociedade Teosófica, a qual tornou-se, em nossos dias, uma pálida sombra do que fora na época de sua fundadora – não falo aqui da tal Sociedade Teosófica Brasileira, hoje existindo sob outro nome, por considerá-la uma piada... e de mau gosto, diga-se de passagem.

O mesmo declínio tem sido seguido por várias “ordens thelêmicas”, principalmente pela OTO (ramo inglês e norte-americano)

Toda obra de Blavatsky direciona-se em desmascarar os “segredos esotéricos” e o falso cristianismo. Aleister Crowley deu continuação a esse trabalho, alcançando maior amplitude e profundidade, desenvolvendo-o em linhas muito mais universais. Infelizmente seus livros não são tão fáceis de serem encontrados no Brasil, como o são os rabiscos de certo pseudo “mago católico apostólico romano” (que paradoxo!). Para nossa infelicidade, as traduções (pós Marcelo Motta) dos livros de Crowley, para o português são péssimas. As para o espanhol nem se fala.<sup>8</sup> Blavatsky e Crowley demonstram o ulterior desenvolvimento da Ciência da Natureza Humana, confirmando que o Esoterismo é o único Conhecimento Verdadeiro sobre Deus, o Universo e o Homem.

Não posso aqui me omitir em tecer alguns comentários sobre a Maçonaria.

---

<sup>8</sup> - Nota de E. : Apenas aquelas traduções feitas por um Mestre de Templo são dignas de serem lidas, sendo fiéis ao pensamento original de Crowley. Refiro-me aqui à Frater A, um autêntico membro da Grande Ordem, atingindo o Grau de Mestre de Templo; um exaltado Grau na Hierarquia da Ordem, o que lhe deu a capacidade indispensável para poder traduzir os textos sem deturpar suas mensagens. Principalmente os Libri em Classe A.

Infelizmente, nesta Ordem somente vi um grande número de homens alardeando seus “exaltados graus” e bazofiando conhecimentos secretos que, na realidade, não possuem. Todos os Reais Segredos lhes foram velados nos últimos 100 anos. Ante tão lamentável fato, John Yarker, Grão Mestre do Rito para a Inglaterra, escritor, estudioso, cuja cultura, idoneidade, ciência e valor são indiscutíveis e indispensáveis a qualquer estudante sério da Maçonaria, usou, certa vez, as seguintes palavras em relação aos os maçons de sua época: “São cegos guiando cegos”<sup>9</sup>. Isto tem sido reconhecido por outros tantos maçons não certamente os mais insignificantes. A meu ver, a Maçonaria perdeu, ao longo dos anos, muitíssimo de sua antiga posição, autoridade, eficácia e poder de equacionar e resolver os problemas afligindo a humanidade. A Maçonaria atual, com raríssimas exceções, tornou-se uma simples forma destituída de conteúdo interno<sup>10</sup>.

A que poderíamos atribuir tão lamentável quadro?

Alguns autores apontam para as absurdas superstições introduzidas em vários Ritos. Outros, em práticas desprovidas de bom-senso e de utilidade no campo da Iniciação.

Meu particular ponto de vista aponta para causas mais íntimas, originadas primeiramente na ignorância, na negligência e na falta de conhecimentos básicos e históricos. Além desses, na massiva infiltração de elementos indesejáveis, ligados, em sua maioria, às correntes comandadas pelas forças desagregadoras inimigas do homem. Provas desse movimento estampam-se em inúmeros documentos, guardado a sete chaves na Loja Mizraim (Paris) no século passado. Refiro-me, aqui, aos famosos, e não menos aterradores, PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SION, que o maçã José Schorst trouxe ao público numa tentativa de dar o alarme da maquiavélica

---

<sup>9</sup> - Nota de E.: As mesmas palavras podem ser usadas hoje para definir membros da OTO Norte Americana.

<sup>10</sup> - Nota de E.: Recentemente, um certo “estudante das artes ocultas” e membro da OTO (Caliphado) tentou rebater esta minha posição, alegando que a Maçonaria “teve grande participação em decisões políticas e sociais de todo o planeta, etc..”. Não discorda da afirmativa. Somente chamo à atenção deste estudante para o fato que todo este trabalho maçônico deu-se no passado. Atualmente não tenho notícias de qualquer trabalho neste sentido. Pelo contrário: Cada vez mais a Maçonaria cai no descrédito pelas fajardices de vários “irmãos”. Alerto a este estudante que verifique quantos senadores e deputados e vereadores corruptos identificam-se como abertamente como maçons. Tivemos até um presidente nestas condições... O que este meu querido estudante deseja é ficar no alto do muro, na perspectiva de ingressar na Maçonaria onde, certamente, usufruirá das vantagens políticas, sociais e econômicas oferecida pelos maçons. Por outro lado parece-me que este estudante esqueceu-se que a Maçonaria pertence ao Aeon de Osiris e, portanto, totalmente inválida no presente Aeon de Horus, tanto quanto quaisquer das “ordens rosacruz” existentes em nosso meio. Não entendo de como pode uma pessoa que se qualifica como Thelmita ser tão ingênua, ou ... Eu sempre refiro-me ao valor Espiritual destas organizações já ultrapassadas, não ao poder material econômico, etc. Mas este estudante não quer ver os fatos que são, mas aqueles que o interessam, muito embora conheça a verdade, e eu sei porque ele toma esta posição. Infelizmente para ele, Horus é um Deus de Guerra, e veio exatamente para destruir estes menstros que restaram do Antigo Aeon, e àqueles que têm medo de assumir uma posição definida.

urdidura dos inimigos do Homem e de Deus. Aqui devemos abrir um parêntesis para algumas considerações importantes:

**Os nazistas se utilizaram dos “Protocolos” como arma contra os judeus. Tentaram demonstrar terem sido estes últimos os autores do documento. Discordamos inteiramente desta versão. Os “Protocolos”, embora indiquem uma clara trama para domínio sionista do mundo, não foram escritos pelos judeus, mas sim por aqueles que procuram acirrar lutas raciais e políticas em nosso mundo. Os judeus jamais foram os autores dos “Protocolos”. Ao que tudo indica foram os jesuítas.**

**Porém, é igualmente possível que as investigações realizadas, fossem quais fossem as ordens dadas e cumpridas, não tenham chegado a um resultado definitivo quanto a autoria dos “Protocolos”**

**Cumpre notar que os Estados Unidos chegaram bastante atrasados neste assunto. Foram procedidos por quatro potencias mundiais, e uma delas há bastante tempo. Uma cópia dos “Protocolos” foi entregue ao museu Britânico, mediante recibo deste Instituto, datado de 10 de agosto de 1906. Os apontamentos remontam provavelmente ao ano 1896. O primeiro congresso sionista reuniu-se em Basileia no ano 1897.**

**Recentemente publicou-se o documento na Inglaterra (eu o tenho em português em duas cópias. Uma delas sem indicação da casa publicadora), em circunstâncias que despertaram a atenção pública, apesar do título pouco feliz que recebeu. Editou-o a Casa Eyre e Spottidwood, impressoras oficiais do governo britânico, o que equivaleria, noutro país, a ser impresso na Casa da Moeda. Ante algazarra de imprensa judaica, o “Times” de Londres, criticando a obra, declarou que todos os contra ataques dos judeus se tinham mostrado “insuficientes”.**

**O referido jornal fez constar que os defensores judeus passavam por alto o conteúdo textual destes “Protocolos”, atacavam, em troca, a sua clandestinidade e, para julgar o texto, serviam-se invariavelmente da fórmula: “obra de um criminoso”, etc.**

**Os “Protocolos” nos obrigam irresistivelmente a repetir estas perguntas: Possuem os judeus um sistema de domínio mundial organizado? Qual é sua política? Como a põem em prática?**

**Em relação a primeira pergunta, devo responder não, muito embora os últimos fatos ocorridos na Palestina e amplamente divulgados pela imprensa escrita e televisada, comecem a me fazer mudar de opinião. Os israelitas atualmente estão empregando, contra os palestinos, os mesmos métodos nazistas usados contra eles. Mas eu ainda prefiro pensar que por detrás de tudo isto está a mão da Trama mexendo os cordéis. A**

**segunda e terceira perguntas está evidente a qualquer um, só que os planos devem provir da Trama.**

Fim dos parentesis.

Desnecessário seria acrescentar aqui sobre o trágico fim de Jose Schorst, assassinado brutalmente no Egito, dois anos após seu corajoso gesto. Talvez seja este um assunto que deveria ser particularmente discutido pelos Maçons, porque nos Protocolos existe uma séria acusação de que a Maçonaria é um braço da Trama. E a Maçonaria, até hoje, não refutou a acusação. Quem cala consente...

Portanto, irei adiante com o tema principal deste trabalho, qual seja: “A Grande Trama”. Embora todos estes assuntos estejam interligados de maneira bastante íntima.

**P**articularmente eu definiria o Esoterismo como um legado vindo de muito longe... Uma herança recebida pelo homem algum obscuro momento da sua trajetória, não muito bem localizado, e muito menos seriamente pesquisado pelos “doutos” da “Ciência Oficial”. Diria mesmo que o Esoterismo é o que “sobrou”, ou conseguiu chegar até nós, muito deturpado evidentemente, por causas acidentais e por manipulações facciosas e estilhaçado, de grandioso Conhecimento que a milhares de anos, constituía parte do patrimônio comum às várias culturas da Terra.

Durante várias décadas, meus pensamentos e idéias estiveram obscurecidas, embrulhadas e direcionadas aos mais perigosos erros e caminhos tortuosos. Necessitei passar por uma reviravolta existencial, bastante dolorosa, para conseguir “enxergar” aquilo que está visível o tempo todo e para todos bem debaixo de nossos narizes, mas que não queremos ver, simplesmente por medo de seus significados. Existe um temor infantil em “ver” o fato que nos levaria a assumirmos nossas responsabilidades como seres divinos que somos: livres e independentes num Universo sem limites.

Neste contexto, muito devo àquele amigo que, certa vez, deu-me uma sacudidela para me despertar.

Certos dia estávamos, ele e eu, conversando informalmente a respeito da evolução humana, de seu futuro e de seu arrojo na conquista do espaço sideral, e das conseqüências que, certamente, num futuro bem próximo, modificariam grandemente as estruturas das relações humanas (politico-sociais e, mais acentuadamente, as crenças religiosas) como se torna obvio.

Como de costume, eu falava copiosamente e com eloquente entusiasmo sobre as últimas proezas de russos e norte-americanos – sem dúvida os pioneiros da grande aventura nos aguardando no espaço, como o foram os portugueses e espanhóis na conquista dos mares séculos atrás<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> - Nota de E.: É interessante observar que os desbravadores dos mares, “antes nunca navegados”, surgiram numa mesma e específica época. E que a maioria deles pertencia à Ordem de Cristo, isto é, o nome sob o qual se ocultaram os Cavaleiros Templários. “Com este título eles funcionaram em pleno Século XVI, dedicando-se a atividades marítimas. Vasco da Gama era um Cavaleiro da Ordem de Cristo, e o Infanta d. Henrique, o Navegador, era Grão-Mestre da Ordem. Os navios dos Cavaleiros de Cristo navegavam sob a familiar Cruz dos Templários. E foi esta mesma cruz que as três caravelas de Colombo cruzaram o Atlântico em direção ao Novo Mundo. O próprio Colombo era casado com a filha de um ex-cavaleiro de Cristo, tendo tido, assim, acesso aos mapas (talvez mesmo aos de Pires Reis) e diários do sogro. Assim, de várias diferentes maneiras os Templários sobreviveram ao ataque de 13 de outubro de 1307, desferido pelo Rei Felipe, O Bela, de França. Em 1422 a progênie dos Templários prussianos, os Cavaleiros Teutonicos, se secularizou, repudiou sua lealdade a Roma e lançou seu apoio a um novo rebelde, chamado Martinho Luthero. Dois séculos depois de sua dissolução, os Templários de vingavam, embora de forma indireta, da Igreja que os havia traído.” (veja “O Santo Graal E A Linhagem Sagrada”, pags. 47, 48).

Gostaria de acrescentar uma curiosidade no nome de Cristovão Colombo: Cristovão vem de Cristoforus, ou seja, “Aquele que carrega Cristo” (como São Cristovão, que carrega o “menino Deus” nos

A certa altura de meu discurso, acentuando futuras viagens a outros planetas, e mesmo a distantes Sistemas Solares, meu amigo interrompeu-me e, seriamente, observou: **“O que faz você imaginar que o homem seja livre suficiente para atingir tais conquistas, ou mesmo que ser-lhe-á permitido fazê-lo?”**

A brusca e insólita observação deixou-me confuso. Não a soube responder. Por acaso não tinha o homem livre arbítrio? Não somos livres para pensar e agir? Que, ou o que, então, impediria de realizar seus sonhos? Deveras, as palavras dele erguiam-se enigmáticas. Curiosamente, fizeram-me lembrar da célebre “estória” da Torre de Babel. Vi, num lampejo, “Deus” descendo dos Céus, e com tonitroante e autoritária, clamar: **“Basta! Não permitirei que o homem prossiga em sua aventura”**. Porém, nesta rápida visão mental, vi algo bastante incongruente, insólito mesmo. Fora de seu tempo e lugar. No momento não consegui determinar o que. Mas, a imagem permaneceu teimosamente grudada em minha mente como um parasita incomodativo.

Na época, eu havia iniciado meus estudos esotéricos em uma escola bem conhecida, mas cujo nome não declinarei, respeitando meus antigos confrades.

Muito jovem, e bastante presunçoso de meus “conhecimentos”, obtidos naquela escola, e também excessivamente desatento, me passou despercebido o que realmente ele desejara me transmitir, sem falar demasiadamente claro. Assim, perdi a oportunidade de questioná-lo mais seriamente e de ir mais fundo na questão. O que, obviamente, me teria poupado tempo e uma série de decepções nos anos subsequentes.

Talvez, quem sabe?, fosse sua oculta intenção deixar-me livre para procurar, por iniciativa própria, as respostas ligadas à sua observação. Somente uma pista oferecera. Implantara uma “minhoca” em minha cabeça. De qualquer forma, uma pista clara, se eu fosse um pouco mais atento e menos presunçoso para percebê-la. Portanto, cabia a mim, segui-la ou não.

As palavras dele causaram-me profundo mal estar. Quase físico. Era como se eu estivesse numa corda bamba estendida sobre um profundo abismo e em plena escuridão. A observação permaneceu, em meu subconsciente, tal como um embrião desenvolvendo-se e crescendo lentamente no útero de sua

---

ombros – disso ser ele o “Santo Padroeiro” dos viajantes, motoristas, etc.) E Colombo, obviamente Columbus – uma “Pomba”, referindo-se ao Espírito Santo. Também existe um enigma no nome de Alvarez Cabral, que antes da viagem chamava-se Pedro Alvarez Gouveia. Cabral lembra “Cabra”. Esta Cabra aparecia no escudo da família de Cabral. Cabra lembra Baphometh e também Capela, Alpha Aurigae, uma estrela da Constelação de Cocheiro. Cocheiro, Aquele que carrega...

mão. No presente caso minha mente. Somente anos mais tarde, após várias e frustrante experiências no campo do “esoterismo”, é que a consideração veio à tona com redobrada intensidade, suscitando inúmeras e desconcertantes interrogações, cujas respostas eu não consegui obter. O mal aumentou. O embrião cresceu. Era como se eu estivesse dormindo e sonhado durante toda minha vida: um sonâmbulo decorando e aceitando conceitos falsos, inteiramente deturpado.

Neste meio-tempo tive a felicidade de ler Donald Holmes, Stanlilav Grof, Robert Ambelain, Robert Charroux, Qixe Cardinale, John Allegro, Burton Russel e vários outros entre historiadores, psicólogos e pesquisadores independentes: autores que me fizeram “Olhar” em outras direções.

Nos anos seguintes, ainda na angustiada crise, redobrei minha atenção às palavras de meu amigo (hoje falecido)<sup>12</sup>. Reavaliei tudo quanto até então houvera aceito como verdade. Tornei-me agnóstico. Sob fria análise, minhas antigas crenças diluíram como bolas de sabão ao vento. Novos pensamentos tomaram corpo. O Universo, o Homem, e mesmo o conceito de Deus, adquiriram novas dimensões – talvez não fossem exatamente aquilo que eu julgara ser. Clareira foram abertas na confusa e obscura floresta em que eu estava perdido. Imagens apareciam, cresciam, mudavam constantemente em forma, e cor e essência, conectando-se uma a outras na medida em que eu as focalizava e as media pela régua de meu amigo. Tudo se embaralhava. O mundo, como o conhecera, desmoronava num caos aterrador. Aquela idéia de uma hierarquia universal, tão apregoada pelo esoterismo, caía por terra. Tremi ante o choque provocado. Um machado fora posto nas antigas raízes apodrecidas. O mal estar crescia avassaladoramente. Pela primeira vez na vida senti-me realmente atemorizado, impotente, frustrado, só, como jamais houvera antes. A visão descortinada, causou-me violenta comoção: uma náusea vida, física e mental. Nesta visão, o homem mostrava-se uma marionete desengonçada, sem vontade própria – uma grotesca caricatura do que deveria ser na realidade. Um boneco manipulado por mãos invisíveis, desde sua origem até os dias atuais. Eu pressentia uma assustadora “sombra” movendo-se por detrás de todos os fatos históricos, de nossas religiões, de nossas mais queridas crenças, de nossos ideais e, principalmente, de decisões as quais afirmamos tola mente serem nossas. Aterrorizado percebi o quanto temos sido enganados: um painel mentiroso fora pintado no fundo do cenário de nossas vidas, de nossa história, e nós o tomávamos como se fosse a paisagem real. A dantesca visão erguia-se à minha frente, sem disfarces: uma

---

<sup>12</sup> - Nota de E.: Sua morte ocorreu um tanto misteriosa. Foi encontrado pela empregada dois dias após a data oficial de seu falecimento. Entretanto, alguns vizinhos afirmaram-se tê-lo visto em perfeito estado de saúde um dia antes de ser encontrado morto.

muralha mudando constantemente na medida dos interesses daqueles que a ergueram e, poro traz dela – agora o sabia – escondiam-se as respostas procuradas por tanto tempo... mas em lugares e tempos errados. Foi quando a peça que faltava no quebra-cabeça adaptou-se perfeitamente no quadro geral.

Quase à beira da demência, lembrei-me da observação feia, anos atrás, por meu amigo. Então, a Luz brilhou e a imagem da Torre de Babel cintilou em sua real forma, sem interferências dos véus colocados ante nossos olhos pela Trama. Finalmente, eu havia superado os inimigos por alguns segundos. Todavia o tempo suficiente para ver e enxergar. Aquele momento permanece gravado vivamente, e até hoje, em minha memória. Fora uma rápida olhada, mas suficiente para compreender. A incongruência da visão que, anos atrás eu fora incapaz de determinar, mostrava-se, agora, terrivelmente clara. Fui sacudido por uma gargalhada nervosa. Eu vira claramente por detrás dos bastidores, além da Torre de Babel. Compreendi a aterradora verdade a que meu amigo se referira por meias palavras. Vislumbrei a Trama e a Fraude desenvolvidas e se entrelaçando durante milhões de anos contra nós.

Acertadamente dissera meu amigo: **“ O que faz você imaginar que o homem seja tão livre o suficiente para atingir tais conquistas, ou mesmo que lhe será permitido fazê-lo”**

## VI

Imagino que o primeiro dever de um autêntico pesquisador consiste em restaurar a verdade, destruindo a mentira. Mesmo que esta verdade seja contra suas idéias pessoais. Não podemos tolerar a farsa e a broma. Elas não podem prevalecer por mais atraentes que sejam, ou por serem mais cômodas – mesmo que nesta tomada de posição, nossos ídolos mais caros sejam derrubados.

Fora da verdade, a História da raça humana, tornar-se-ia além de imensa impostura, onde os acontecimentos, engrandecidos e enfeitados pelas crenças, ou inventados pelos adutores dos poderosos, não nos traria o testemunho dos fatos reais. Seguir a linha mentirosa de conduta não é o fito deste trabalho.

Poucos serão aqueles que não se sentirão irados e indignados ante minhas considerações e análises iconoclastas de suas crenças... Jamais ele perdoam a palavra franca, a irreverência salutar e o pensamento liberto de tabus. Mas isto pouco importa. Não escrevo para agradar quaisquer correntes dos sistemas existentes no mundo. Muito pelo contrário. A verdade sempre desagrade a maioria dos incapazes de considerá-la. Não ignoro que tentar acordar os dorminhocos e sonhadores e sempre uma tarefa exaustante e perigosa. Se o leitor deseja fazer parte do grupo dos sonolentos, então feche este livro e o esqueça... Entretanto, muitos desejam ser acordados. A estes eu escrevo.

Se as idéias aqui expostas são corretas, elas se provarão por si mesmas nas mentes daqueles que a estudarem de maneira não preconceituosa. De qualquer forma serão de interesse como um aspecto da verdade, e seu lugar certo será encontrado no curso do tempo. Elas poderão também liderar o estudante à outras importantes pesquisas e descobertas, como foi o meu próprio caso. Estou convencido que a pesquisa ainda não está terminada.

Muitos me têm perguntado se me considero um Mestre em Esoterismo. A resposta é não! Somente sou, e num grau bem diminuto, iniciado em uma Ordem pouco conhecida pelo público.

Ninguém pode, em sua consciência, considerar-se um Mestre. Cada um de nós poderá, evidentemente, apresentar certas habilidades conquistadas em alguns específicos ramos da atividade humana. Porém sempre seremos estudantes. Sempre, e de qualquer forma, estaremos aprendendo algo – principalmente conosco mesmo. Dentro de nós existe uma fonte inesgotável de conhecimentos e sabedoria, guardados durante milhões de anos de evolução, mas a qual raramente recorremos em condições normais, porque o

meio de alcançar esta fonte foi esquecida pelos homens. Somente um ínfimo número de indivíduos conhecem o segredo de atingir esta fonte sem maiores dificuldades. Somente em casos especiais, muito especiais mesmo, um “dispositivo” é ativado em nosso interior, por algum meio desconhecido, e a fonte é alcançada. Assim, o indivíduo entra na posse de percepções ultrapassando aquelas conhecidas no estado, assim chamado, normal de consciência.

Portanto, temos que ter muito cuidado com pessoas se dizendo “mestres”. Na maior parte dos casos são impostores.

Da mesma forma devemos tomar cuidado extremo com o que lemos nas traduções bíblicas, ou em outros textos sagrados das várias religiões existentes no mundo.

Não creio que os relatos nestes antigos textos “sagrados” sejam mitos e, muito menos, “revelações divinas” no sentido dado normalmente ao termo “divino”. Para mim eles constituem relatos de acontecimentos reais, mas totalmente deturpado. Descritos na linguagem simples da época, empregando termos significando coisas bastante diferentes das que temos sido levados a compreender pelos mesmos termos atualmente. Portanto, as traduções deles não representam aquilo que seus escritores originais desejaram transmitir nos tempos em que foram escritos. Devemos nos lembrar, por exemplo, que os textos bíblicos foram copiados de outros textos mais antigos, adaptados às crenças religiosas hebraicas. Que tradutores, por ignorância da língua original, ou por malícia, ou porque não presenciaram os fatos pessoalmente, não souberam dar às traduções o seu significado original, ou não tinham meios de fazê-lo, porque as línguas usadas não possuíam os termos exatos para tal.

Vamos a um exemplo: nos épicos hindús, escritos Há milhares de anos, encontramos referência às “vimanas”; uma palavra normalmente traduzida por carruagem. Esta tradução foi descoberta estar errada. A palavra “vimana”, usada em vários sentidos como, por exemplo, “fogo no ar”, “calculador do dia” ou “criador do céu”, apresenta, em todas suas derivações, relação com a extensão do firmamento e suas dimensões. Mas nas passagens 17.59 do “Yajurdeva”, e nos trechos subsequentes do original, “Vimana” figura inequivocamente como “veículo voador” (Ver “Maquinas Voadoras na Índia Antiga”, do Prof. Dr. Dillep Kumar Kanjilal). Note-se ter sido necessário um especialista na antiga Sânscrita para que esta singular tradução fosse revelada. (A propósito, a palavra “revelar” tem sido usada de maneira equivocada. Revedlar não tem, originalmente, o sentido de mostrar, descobrir, manifestar. Muito pelo contrário... Quer dizer “Velar duplamente”, “ocultar duas vezes”, tal como re-contar, re-petir, etc.).

Outra descrição curiosa, e que nos traz espanto, encontramos nos “Puranas”. Neste livro encontramos a narração da história dos Assuras. Segundo o texto, este povo atingiu uma civilização sem paralelos no passado (e, talvez no presente). Construíram três grandes cidades. Uma no solo, de cobre; outra, flutuando acima do solo, de prata; e a terceira, localizada nas “grandes alturas”, era de ouro. Além disso, os Assuras, vestidos em trajes colantes, algo parecido com seda, podiam sobreviver – segundo o relato dos Puranas – durante muito tempo sob as águas oceânicas sem dificuldades. O que quer isto dizer? Julgo que estas simples descrições sejam o bastante para nos fazer pensar seriamente. Esta proeza dos Assuras, lembra aquela outra do “Deus Oannes” (metade peixe, metade homem) que vivia sob as águas durante a noite, e de dia vinha à terra firme ensinar aos homens as artes e as ciências. Olhando as representações desse “deus”, que chegaram até nós, observamos, incrédulos, o fato dele usar uma curiosa roupa estranhamente parecida aos equipamentos de mergulho atuais.

Do nosso lado do mundo, isto é, no Ocidente, vemos um dos profetas bíblicos ser “engolido por uma baleia” e depois sair do “bicho” do animal são e salvo. O que realmente este relato nos quer transmitir?

Lemos no Gênesis, que “O Senhor Deus confundiu os idiomas dos homens espalhando-os por toda parte”, porque eles estavam “construindo uma Torre para atingir o céu”. Devemos convir que neste relato bíblico (e em muitos outros) existe – sem atinarmos o que – a descrição de eventos observados por nossos ancestrais sem a devida compreensão do que ocorria realmente. Eventos muito importantes e acontecidos há milhares de anos atrás, registrados sob o ponto de vista religioso ou supersticioso e ininteligíveis para nós pela ineficácia dos termos usados para registrá-los. Isto é, alguma coisa fora do normal para os antigos habitantes da Terra, algo que fugia inteiramente da compreensão deles. Então usaram palavras descrevendo objetos e acontecimentos “parecidos” com o que realmente presenciaram.

Seguindo esta pista, exorto a todos considerarem o que entenderia um homem do Século XII, se lhe falássemos a respeito da televisão. Ou, se fosse possível, lhes mostrássemos uma funcionando. Como reagiria tal homem antes este acontecimento? Naturalmente entraria em pânico perante nossa “magia”. Diria a seus amigos que viu homens, cavalos, torres imensas, carruagens estranhas, movendo-se sem cavalos, etc., e tudo isto dentro de uma caixa pequena. Se ele descrevesse suas experiências, como nós interpretaríamos, séculos depois, a descrição de “uma caixa mágica, mostrando homens, torres, carruagens movidas sem cavalos, etc? Imagine-se agora que nós fossemos um desses amigos do visionário. Claro está que interpretaríamos uma tal descrição como sendo a visão de um lunático ou, se fôssemos religiosos, sendo uma

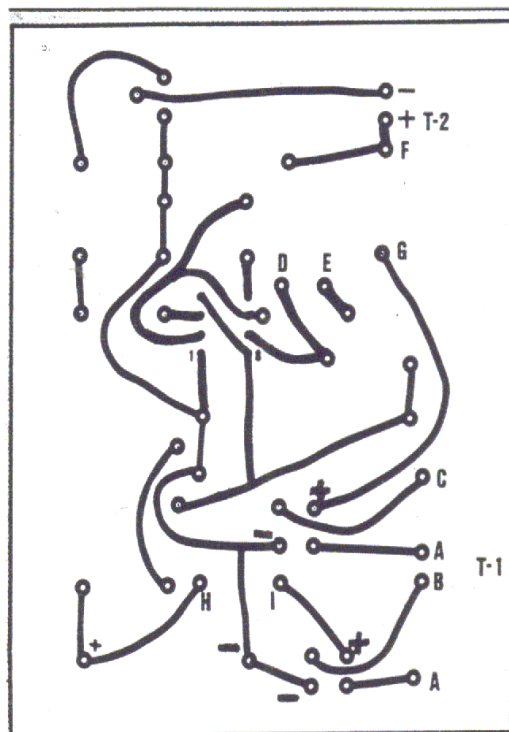
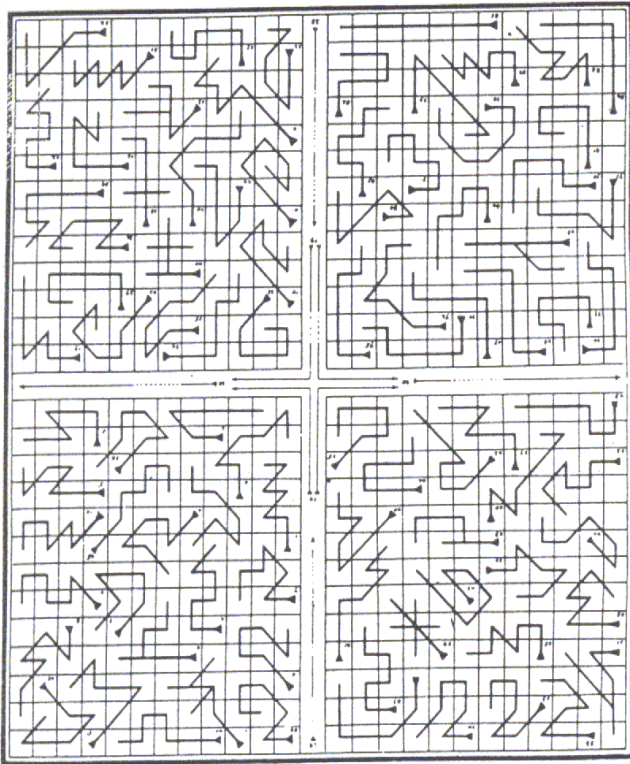
“revelação divina”, para a qual não teríamos qualquer explicação, a não ser aquela da fé em milagres. Observe-se, também, que neste Século XII não teríamos a menor idéia do que fosse esta caixa descrita por nosso amigo, isto é, uma televisão, porque a televisão somente viria a ser inventada séculos mais tarde, e nossa mente ainda não estaria na posse deste conhecimento tão corriqueiro hoje em dia e, por esta razão mesma, não haveria em nosso vocabulário a palavra “televisão”. O mesmo raciocínio pode ser considerado em relação ao telefone, ao avião, à luz elétrica, aos grandes transatlânticos, aos submarinos, a roupa de mergulho, aos satélites, ao computador, aos foguetes, etc.

Devemos, também, aos lermos os textos bíblicos (e outros, evidentemente) tomarmos em consideração que, alguns dos escribas destes livros usavam, em certas passagens, uma linguagem cifrada, para ocultar certos conhecimentos...<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> - Nota de E.: “A maioria dos historiadores de hoje consideram os Livros do Antigo Testamento como tendo sido escritos em algum momento entre os anos de 650 e 500 a. C. por uma variedade de estudiosos judeus. Embora possam ter existido relatos mais antigos, escritos e orais, de onde estes textos foram escritos, na forma em que são apresentados hoje, não são considerados um registro historicamente exato dos primeiros israelitas. Além do mais, da forma como foram escritos para fins religiosos, algumas pessoas chegaram a sugerir que os manuscritos do Tanak eram parábolas, e jamais tiveram a intenção de ser lidos como registros de acontecimentos reais.

# Comparação entre um Circuito Impresso e os Quadrantes da Magia Enoquiana



PLACA DE CIRCUITO IMPRESSO VISTA DE BAIXO

## VII

**H**á algum tempo, quando escrevi um artigo sobre a Qabalah, tornou-se necessário acrescentar-lhe uma nota no sentido de melhor entendimento, por parte dos leitores, que mesmo a Qabalah como divulgada em vários livros populares, vem sofrendo uma maléfica ação da Trama.

Sabia que, via de regra, o assunto sempre fora evitado por outros autores temerosos de ferirem as doutrinas das “correntes esotéricas”, as quais pertenciam – ou de verem ruir teorias sustentando essas correntes. Descobri, também, que inúmeros setores “maçônicos” ocultavam seus conhecimentos sobre a Fraude, principalmente no concernente às reais origens do Catolicismo Romano e, quiçá, da própria Maçonaria. Que mesmo teosofistas evitavam entrar claramente no problema, ocultando-o, mesmo que com esta ação ferissem a Essência Teosófica.

Muito embora possa compreender a acomodática postura desta gente, não posso desculpa-la pela covardia demonstrada.

Liberto das cadeias esotéricas e religiosas de minha juventude, não demorou muito para perceber que a Trama se infiltrara em quase todos os setores da vida humana, como declarado por Gerard Gorg: “ Eu tenho a visão de uma mistificação imensa em todos os degraus da História, em todos os níveis de nossa civilização. O mundo está condenado a viver sob o domínio de uma casta que eu chamarei de Os Poderes”.

Eu estaria inclinado a concordar inteiramente com Gerard Gorg, não fosse seu pessimismo. O mundo não está irremediavelmente condenado. O mundo ainda pode se libertar destes “Poderes”, desta Trama, desta mistificação. Mas, evidentemente, não será uma tarefa fácil, ou resolvida mediante rezas ou das práticas pseudo-esotéricas.

Se bem que o homem moderno, preocupado com sua extenuante luta pela sobrevivência no contexto tão caótico e atroz em que se tornou nosso mundo, não possui a mínima desconfiança das obras da Trama à sua volta, fortes indícios desta emergem aos nossos olhos a cada instante: lendas, mitos, enigmas, guerras sem fim, e uma avalanche de insólitas descobertas em todos os cantos do planeta, apontando numa só direção. Entretanto, o progresso é muito lento e os obstáculos erguidos muito grandes, precisamente devido ao fato de termos sido tão condicionados e de não darmos a menor atenção às

coisas e eventos fora do cotidiano, fora das oscilações da bolsa de valores, ou da inflação, ou derrota de nosso time de futebol, ou do discursos políticos (nesta, assim chamada democracia), ou de um noticiário superficial dirigido pelos interesses que não os nossos como população. Estamos acostumados a focalizar nossa atenção para um amontoado de coisas fúteis, sem qualquer significado em nossa real existência. Permanecemos cegos e surdos à terrível mentira em que estamos inseridos. E em toda ocasião na qual alguém, mais observador, atina com isto e fala abertamente a respeito. De imediato os vassalos da Trama entram em ação, movimentando seus tentáculos contra o “herege”. A pessoa, assim localizada, se vê isolada, perseguida, classificada como demente, acusada de subversão da ordem, quando não a enviam para trás das grades, ou para um manicômio, como aconteceu com Wilhem Reich, ou para a morte aviltante, como no caso de Giordano Bruno, Galileu e vários outros. E todos estes crimes hediondamente praticados fria e cinicamente em nome de “deus”, da “religião”, da “democracia”, dos “bons costumes”, ou qualquer outra desculpa esfarrapada, as quais são aceitas, por uma maioria, mesmo sem serem compreendidas.

Todavia, para ira da Trama, da Fraude e de seus auxiliares (os anti-humanos e idiotas úteis), todos nós, sem exceção, guardamos, em certos níveis mais profundos de nossas consciências, o conhecimento desses fatos e as necessárias chaves dos segredos envolvendo nossas origens e o porque da Trama. Pois este conhecimento é transmitido ininterruptamente de pai para filho, de geração para geração, através da herança genética. Vagas lembranças de algum lugar (não necessariamente a Terra) ou época (não necessariamente no passado pessoal) em que éramos livres e felizes: “uma época em que os ‘deuses’ andavam sobre a Terra (talvez nós mesmos). E é exatamente este sentimento, localizado tão profundamente em nossos corações, que as religiões e as fraternidades “esotéricas” se aproveitam para abocanhar o pobre coitado, acenando-lhe com promessas de reencontrar, em seus templos e lojas, o caminho de retorno àquele paraíso “perdido” mas que, na verdade, não se situa, e jamais situar-se-á, num hipotético céu, mundo astral, etc. Que existiu, e ainda existe, dentro do próprio homem, e aqui mesmo na Terra, neste momento mesmo.

A medida que o homem senha a aprender como penetrar no nível dessas lembranças genéticas, restaurando-as conscientemente, então, o homem obterá as chaves de sua própria e verdadeira história passada e seu destino futuro, pois uma coisa está ligada à outra.

Eis aí como situo e entendo as práticas de meditação, de invocação, e outros processos há milhares de anos conhecidos por Iniciados: meios eficazes de abertura e ampliação de nossas mentes, nos conduzindo à estes níveis de

consciência. Por isso a Trama procura, por todos os meios possíveis, desvirtuar essas práticas, misturando-as com superstições, etc. Por conseguinte, pessoas, mesmo consideradas entre as mais inteligentes, têm tanta dificuldade, e mesmo aversão, na aceitação de métodos corretos, e de práticas contrárias àquelas ditas “oficiais”.

Galileu, e mais recentemente Teilhard de Cardin, sofreram as consequências desta aversão ao inédito, ao diferente – um no campo da ciência e o outro no campo da religião – e o processo não terminará com eles.

Disse Stanislav Grof : “ uma nova verdade triunfa não porque convença seus opositores, fazendo-os ver a luz, mas porque eventualmente morrem, e uma nova geração cresce familiarizando-se com elas.”

As sábias palavras de Grof podem parecer negativistas, mas elas demonstram claramente os fatos como são em nossa “sociedade científica”. Estamos condicionados a não aceitarmos nada que fuja aos padrões estabelecidos. E quando alguém “arranha” estes padrões, nós o discriminamos infernizando sua vida. Sempre foi assim, e assim será ainda por muito tempo.

Nós aprendemos a procurar a verdade exatamente onde ela não está. Confiamos cegamente em qualquer afirmativa vinda de grupos considerados infalíveis – principalmente em se tratando de padres, pastores, médiuns, gurus, políticos, etc. Existe um poder nos conduzindo à aceitação de teorias mortas, preconizadas por estes “ilustríssimos senhores”..

O ser humano tem sido, e ainda o é, um condicionado dependente, propício à manipulação direta e indireta. Eis a dura realidade: “O Homem é o grande enganado do Cosmos”.

Onde podemos localizar a causa primeira desta tendência humana? Por que o homem se curva ao domínio da indução? Por que carrega o sentimento de que é um ser inferior? O homem apresenta-se como o único animal obedecendo aquilo que desconhece. O único ser que foge amedrontado a um enfrentamento com a realidade. O único ser que se apavora diante da morte. E, no entanto, todas as religiões afirmam que a morte nada mais é do que uma “passagem” para outro mundo melhor. Diz o homem acreditar em outra vida para a alma, onde ela será mais feliz do que foi aqui na Terra, e chora desabaladamente quando seus entes queridos (até seus entes não queridos) morrem. O homem sempre aceita, na prática, a chamada sabedoria afirmando mais valer um mal conhecido que um bem desconhecido. E nesse caminho – que não é caminho, mas um descaminho – o indivíduo verdadeiramente livre torna-se, perante a sociedade, um proscrito, um indesejável, perseguido e obrigado ao silêncio do ostracismo. Assim tem sido durante séculos, e me parece o será por muitos séculos ainda, se falharmos em atingir um novo tipo de consciência.

A maior parte da humanidade afirma que o ser humano foi feito por “deus” para adorá-lo e obedecê-lo, para curvar-se perante sua infinita majestade. Que grande narciso é este “deus”. Que grande masturbação é esta divindade.

Será mesmo que as pessoas acreditam nisso? Pelo que tenho visto, a resposta é não! Mas o medo de nos apresentarmos como “ateus” (isto é, ateus em relação a este tipo de “deus”) nos torna hipócritas, e nós nos mascaramos de “crentes”. Por isto, certos homens até invocam a presença de “deus”, o auxílio dos “poderes divinos”, e as vezes não divinos, para praticarem os mais abomináveis e revoltantes atos. Isto representa um atavismo herdado de longa data, da nascente de nossas religiões. Pois não é verdade que Yaveh ordenava a matança de crianças e o estupro de virgens? Os primogênitos dos inimigos dos hebreus sempre eram passados a fio de espada. Vide, por exemplo, o acontecido com os egípcios e os caananitas.

E por que? Porque esse “deus” (que não é “deus”, mas uma imitação Dêle. Os Gnósticos o chamavam de Dermiurgo) é louco. É um monstruoso vampiro. Faz-se passar pela Divindade Maior, quando afinal não passa de uma imitação grotesca. A religião criada por ele é uma forma adulterada da Religião Original, e este mênstruo contribuiu para desvirtuar o homem, em sua caminhada evolutiva, porque esta evolução “atrapalhava” os planos dêle – ou melhor dito “deles”.

O povo que “servia” (este verbo – servir – está empregado, no original hebraico, com a conotação de “serviçal”, trabalhador, etc.) ao “deus” hebreu simplesmente tinha que inclinar a cabeça à sua vontade, quer este “deus” quer lhe enviasse o bem, quer o mal. Esta atitude serviçal de escravos nos herdamos através do Credo da Igreja Romana.. O “deus” Enki dos babilônios divertia-se com isto; e Yaveh o imitou muito bem (claro! Era o mesmo “deus” em roupagens diferentes). Na realidade, tal tendência vem de muitíssimo mais longe, no tempo e no espaço.

A manipulação que pode ser localizada, nos tempo e no espaço, representa apenas simples reflexo de outra insondável, oculta aos nossos olhos, afetando nossa realidade imediata, nossas noções de bem e mal, nossas idéias de divindade, etc.

## VIII

Localizando uma das prováveis origens da Fraude, disse o Sr. Benthon que a “destruição do erro é sumamente difícil quando ele tem suas raízes na linguagem”. As palavras deste ilustre pesquisador levou-me a matutar sobre passagens bíblicas onde, tenho certeza, muitas palavras, e mesmo frases inteiras, perderam seus originais significados.

Tomemos, rapidamente, o exemplo da Torre de Babel.

Somos informados que na Babilônia (Babylon, em hebraico, que se traduz por “O Portal dos Deuses Solares”) “O Senhor Deus confundiu os idiomas de todos os povos”. O simplório relato torna-se, para mim, uma falaz explicação das diferenças existentes entre as línguas dos diversos povos da Terra. Uma explicação infantil. Olhando-se, entretanto, por outro lado, põe em destaque o fato de que o meio mais eficaz de comunicação – pelo menos entre nós, humanos – é a linguagem falada e escrita. E que sem o correto uso dela, torna-se difícil qualquer entendimento entre nós. Além disso, tenho percebido que muitas controvérsias, e mesmos guerras, derivam-se do problema da comunicação; que os litigantes usam as mesmas palavras para dizerem coisas diferentes e, outras vezes, diferentes palavras para as mesmas coisas. Tenho a experiência pessoal do fato de como podemos usar a mesma palavra significando coisas diferentes.

Quando eu era criança, fiquei bastante confuso ao ouvir meu pai dizer que “a mesa” diretora da firma onde trabalhava o havia escolhido para uma viagem a São Paulo. Na minha infantilidade não consegui atinar de como “uma mesa” poderia dar ordens (ou falar) a meu pai. Este é apenas um dos milhares de exemplos de como podemos interpretar erradamente o significado das palavras. Há pouco anos atrás, se algum rapaz dissesse estar namorando uma “gata”, poderia ser muito mal interpretado por seus amigos e vizinhos. Todos interpretariam a frase como se ele estivesse louco, ou fazendo pactos

com alguma “diaba” , cujo um dos símbolos é uma gata. Da mesma forma sabemos que a palavra “daimone” quer simplesmente significar, em grego, “anjo protetor, ou anjo da guarda”, e neste sentido era usado na Grécia Antiga. (Sócrates, constantemente citava seu “daimone”). O termo “herege”, originalmente, não representava ofensa nem cumprimento. A palavra deriva-se do grego “haerens”, significando um ato de escolha: Josefo, o historiador judeu do Século I, usava a palavra para denominar um partido ou uma seita, sem intenção ou menosprezo. Até São Paulo, em Atos 26, 5, usava o termo neste sentido.

Imaginemos, portanto, o que deve ter acontecido quando os textos bíblicos (e outros mais antigos) foram traduzidos por vários povos que não os judeus, sem a devida compreensão do significados originais das palavras ali usadas. Acrescentemos a isto o fato do Pentateuco ter sido escrito a milhares de anos atrás, e em uma linguagem cifrada, simbólica. E, além disso, resume “estórias” e tradições específicas de povos mais antigos que os hebreus. Imaginemos, agora, o que pode ter ocorrido com traduções de textos mais antigos ainda, escritos em línguas quase totalmente esquecidas (como os hieróglifos, por exemplo), mas que serviram para dar corpo aos textos bíblicos. Linguagens extremamente técnicas, cifradas e somente compreendidas por uma elite de sacerdotes como, outra vez, é o caso dos hieróglifos (isto é “glífos sagrados”). Tenhamos , também, em mente que o problema será muito mais acentuado quando “tradutores” incompetentes para o cargo foram escolhidos para executar estas traduções (e, em muitos casos, para interpretações). Lembremo-nos que os Antigo Testamento foi escrito originalmente em caracteres calcados sobre o Aramaico (cujas letras, cada uma por si, possui um significado simbólico). Além disso, a língua de Moisés era a egípcia, não a hebraica, somente surgida séculos depois. Não podemos esquecer também que antes da Bíblia ser traduzida para as línguas modernas, ela passou pelo Grego e o Latim . É necessário ter em mente de que o povo hebreu esteve sob escravidão e influencia da sociedade egípcia durante quatro séculos. E que Moisés era um príncipe egípcio, coisa que muita gente finge não saber. Acrescentemos aqui também que logo após o cativo egípcio, o povo hebreu caiu sob cativo da Babilônia (597 a.C) até que os Persas os libertaram.<sup>14</sup> Devolvendo os tesouros do Templo.

---

<sup>14</sup> -Notas de E.: A maioria dos historiadores de hoje consideram os livros do Antigo Testamento como tendo sido escritos em algum momento entre os anos de 650 e 500 a.C. por uma variedade de estudiosos judeus. Embora tenham existido relatos mais antigos, escritos e orais, de onde esses textos foram transcritos, na forma que são apresentados hoje, não são considerados um registro historicamente exato dos primeiros israelitas. Além do mais, da forma como foram escritos para fins religiosos, algumas pessoas chegaram a sugerir que os manuscritos do Tanak eram parábolas, e jamais tiveram a intenção de ser lidos como registro de acontecimentos reais.

Podemos imaginar que neste tempo quantos erros de tradução foram cometidos. Quantos erros de interpretação nos têm sido impostos, levando-nos à interpretações truncadas, erradas e distorcidas? E tudo isso sem levarmos em consideração as inclinações políticas e religiosas do tradutor (ou tradutores) que com apenas uma “penada” poderia dar às escrituras tendências de acordo com suas idéias e crenças pessoais.

Mediante a lenda da Torre de Babel, percebi o quanto é alarmante comprovar o grau de deformação da mente humana durante séculos de imputações religiosas, que já resulta quase impossível atingirmos o significado desta confusão estabelecida por “deus”, e porque ele a criou, se é que foi Deus ( com “D” maiúsculo) o criador desta confusão linguística.

Não me deterei em analisar esta grande “sacanagem” da divindade. Longe de mim uma tal ousadia. Porém, torna-se mais do que evidente a qualquer rudimentar inteligência que, da “divina maquinação”, resultou a impossibilidade de chegarmos, algum dia, a dar conta de nossa autêntica situação e, a partir disso, começarmos a chamar as coisas por seu real nome; a entender seu real significado, seus motivos e até seu lugar em nossa existência.



Um Querub

Toda esta problemática leva-me a outra consideração: de que adianta, portanto, tentarmos nos entender? De que adianta as religiões dizerem que os homens têm necessidade de irmanarem-se, de compreenderem-se, se o próprio “deus” determinou que isto não fosse realizado, ao confundir as línguas em Babel. Estaremos certos indo contra a “vontade divina?” O leitor já considerou este aspecto da questão?

Sendo dinâmica, a língua sofre mutações no tempo. Conseqüentemente, se ela não for devidamente empregada, atualizada, obedecendo a estas mutações temporais ( e mesmo espaciais), nossa capacidade de comunicação será afetada; tornar-se-á precária, dando ensejo a não compreensão do que falamos ou escrevemos por outros. As palavras mudam de significado; significados que, as vezes, nada têm a ver com os originais Já tentaram ler a carta de Caminha ao Rei de Portugal, informando-o da descoberta das terras brasileiras? É terrivelmente difícil entende-la a primeira leitura. Observem que somente 492 anos nos separam destes acontecimentos. Imaginemos o acontecido num espaço de mil anos. O que foi desejado comunicar perdeu todo sentido para nós. Isto, obviamente, cria sérios obstáculos ao exato conhecimento histórico <sup>15</sup>. Foi necessário surgir um gênio como Campollion para que os hieróglifos fossem “traduzidos”. Levemos em conta que os hieróglifos “traduzidos” pelo sábio francês, e usados como chave para as demais traduções subsequentes de papiros e inscrições mortuárias, pertenciam ao Período Ptolomaico, quando a civilização egípcia estava em franca decadência, sob influência da cultura Grega, e conseqüentemente, suas tradições quase desaparecidas. Nem mesmo os egípcios do Século I compreenderiam a língua e a escrita de seus antepassados, pois a língua usada, nesta época era o Copta. O linguajar dos antigos povos habitando às margens do Nilo perdeu-se para sempre. Só temos especulações a respeito. Especificamente, a pronuncia das palavras ditas hoje estão inseridas nestas especulações. Simplesmente, nós não temos o menor conhecimento de como eles as pronunciavam. E, diga-se de passagem, era uma escrita puramente simbólica. Nós nem sabemos realmente se nossas traduções estão corretas. Além do mais, nos hieróglifos usados nas tumbas mortuárias dos antigos egípcios existem numerosíssimos exemplos de uma escrita cifrada: códigos secretos para tornar incompreensível uma mensagem ou um ensinamento a quem não tivesse autorizado a conhecê-lo. O mesmo acontece com os relatos bíblicos, principalmente com o Antigo Testamento. Como exemplo disto podemos informar que a palavra Ariel (o nome de um “anjo”) vem de ARI

---

<sup>15</sup> - Nota de E.: Quando lemos na Bíblia que “é mais fácil um camelo entrar num buraco de agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus”. O camelo aqui referido não é o animal conhecido por este nome, mas sim um grosso cabo usado para amarrar navios.

(leão ou fogo) – y r a -, e la (Al = Deus). Ariel é então o Leão de Deus ou o Fogo de Deus. Quantos sabem que Querub significa Touro Alado, e Querubim sendo seu plural e que, portanto, os Querubins são Touros Alados? Isto significa que a Entrada do Éden está guardada por um Touro Alado e armado com uma Espada. A imagem é totalmente diferente daquela que temos de um “anjo”. Além do mais, a palavra “anjo”, usada na Bíblia cristã, vem da palavra grega “ângelos”, que quer dizer “mensageiro” – aquele que traz mensagens de Deus. No entanto, a palavra hebraica é “malakh”, que significa o “lado sombrio” de Deus. Dentro deste mesmo assunto destacamos a palavra demônio que vem do grego daimonos, isto é, “Anjo Protetor”.

Se a confusão de línguas e a incompreensão entre os povos da Terra, iniciada em Babel, foi a vera intenção de um deus irado, então, aquela divindade acertou em cheio. Conseguiu fazer com que os homens deste planeta não se comuniquem devidamente e, neste caso, ele (o “deus” irado) reina absoluto; isto é o “caos” reina absoluto para nossa desgraça.

Mas eu me pergunto constantemente se um tal “deus” pode ser levado à sério. É contra todo senso comum que um “deus”, dito infinitamente poderoso, tenha usado um tal tipo de estratégia para impor-se aos ínfimos seres que, assim é afirmado, ele mesmo criou. Fosse eu deus, teria empregado método mais eficiente, mais direto, mais radical, condizente com minha condição de “todo poderoso”. Aliás, nem seria necessário usar método algum. Deus saberia, antes mesmo de criar o homem, que esta sua criação tramaria contra sua “divindade”, pois não é deus onipresente e onisciente? Para que criar o homem e depois, num acesso de ira (deus irado?), confundir as línguas para impedir que os homens atingissem os céus? Para que isto, se deus poderia, num piscar de olhos, varrer a humanidade rebelde da face da Terra? Aliás, a bem da verdade, ele o tentou, e por várias vezes, sem conseguir(?). Como pode “deus” não concretizar sua vontade? Porém é dito: isto foi feito. E muita gente boa acredita piamente nessa acertiva. Fica-nos, portanto, a impressão de que aquele “deus da Bíblia não era Deus coisa nenhuma, e que a Torre de Babel não era exatamente uma Torre, na acepção atual da palavra nomeando uma construção vertical feita de tijolos, ou pedras.”

Certa vez tomei conhecimento de que o hieróglifo de uma espiga de trigo, colocada à beira dos campos cultivados, era sinal convencional, usado pelos, usado pelos antigos povos do Egito, para alertar seus inimigos que eles seria mortos caso penetrassem nas plantações. Atualmente, um tal sinal posto à beira das estradas, nada diria para nós. E no caso de trocarmos uma espiga de trigo por uma de milho, um tal sinal seria indicativo de haver por perto, um local (uma barraca) onde se possa comprar milho cozido ou assado. Da mesma forma, uma placa, à beira das atuais rodovias, mostrando um garfo e uma faca

cruzados, indica aos motoristas a existência de um restaurante mais à frente, e não que os motoristas serão garfados ou esfaqueados se continuarem a viagem.

Outra interessante história, exemplificando como é complexo o problema de comunicação entre duas culturas diferentes, é aquela do Rei Atuhualpa (Inca) que incontinenti levou a Bíblia ao ouvido, quando um “caridoso e manso jesuíta”, da comitiva de Pizarro, lhe a entregou para “ouvir” a voz (ou palavra) de “deus”. Claro que o incidente, para nós no máximo hilariante, foi motivo bastante para que o “caridoso”, compreensivo e manso representante de Cristo instigasse os soldados espanhóis contra os “hereges”, resultando num brutal massacre de centenas de incas desarmados.

Podemos assim observar o quanto é difícil perceber o correto e ral significado de palavras (ou sinais) usados há milhares de anos atrás em papiros, tábuas, blocos de argila, inscrições rupestres, etc., por povos culturalmente diferentes e separados no tempo de no espaço.

Quando Crowley escreveu seus livros, ele teve grande cuidado na escolha das palavras, pois sabia que muitas delas possuíam conotações inteiramente viciadas e adulteradas, não somente pelo tempo, mas também pela “teologia romana”. Porém, ele também não pode esquivar-se do uso de certas palavras como “espírito”, “criança”, “mundo astral”, “demônio”, etc. Como poderia ele transmitir os segredos da confecção dos “Bolos de Luz” a não ser usando certas palavras que velam estes segredos aos olhos profanos?

Recentemente a existência e importância do problema linguístico foi admitido por vários estudiosos. Mas os que tentaram seriamente uma solução, foram forçados a “renunciar” suas pretensões. E, ao longo da História, não houve questão que causasse indagações mais profundas, mais tumultos e mais devastações do que a questões ligadas ao significado das palavras. E a Bíblia, tanto quanto outros textos sagrados do mundo, possui palavras cujos significados ainda não estão claro o bastante. Talvez porque nunca tenham sido exatas, no sentido de descrever o que seus escribas presenciaram, ou pensaram ter presenciado.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Nota de E.: As traduções atuais da Bíblia foram adaptadas aos conceitos heleno-latinos, nem sempre extados, para o entendimento dos ocidentais, embora com um grande sacrifício do sentido original. As palavras estão ali, mas o significado profundo é diferente (sem contar com as omissões e interpolações que diferenciam o original do das traduções.



Hieróglifos encontrados no Templo de Abidos.  
Fotografados pela Dra. Ruth Hover, psicologista e  
hypnoterapista de MUFON.

O que representam estes desenhos?

Analisemos mais a fundo a questão da “Torre de Babel”. Sejam os mais ousados, mais críticos:

**Que poderia “Deus” temer de uma simples torre, erguida numa cidade de um povo primitivo? E como “deus” poderia desconhecer o obvio fato da impossibilidade da proeza de uma “torre”, construída de tijolos ou pedras, atingir os “céus” (Espaço Sideral?). Seria mesmo uma torre?**

Será que existem pessoas que realmente acreditam nessa história? Será que acreditam realmente que com uma tal edificação os homens poderiam atingir a “morada de Ser Supremo”? Ridículo! É necessário ser muito fanático, muito crente, ou muito simplório para crer nesta história. A descrição da Torre de Babel é, a meu ver, uma grande alegoria. Mesmo nos afastados tempos da Babilônia, os sacerdotes sabiam que os planetas giravam no espaço infinito, e que possuíam a forma esferóide; e que um espaço sem fim atendia-se além da superfície da Terra. Somente com o evento do Catolicismo Romano é que este

conhecimento foi escondido do povo: disso a morte de Galileu, e outros mais. Poderia “Deus” o Criador de Tudo, desconhecer estes fatos tão corriqueiros. **Ou será a que famigerada Torre de Babel não era exatamente uma Torre, mas algo MUITO PARECIDO com uma Torre? O que poderia ser? O que pode, pelo amor de “Deus” levar os homens aos céus?**

A resposta esta na ponta de nossas linguas. Apenas nossas mentes, condicionadas pela religião, pela crença, sei lá o que mais, não permite tal resposta. O condicionamento nos amarra, nos limita, nos constrange a não admiti-la claramente em nossas mentes conscientes – muito embora, lá no fundo de nosso inconsciente a saibamos perfeitamente. Suponho que se visitarmos o, ou se olharmos uma foto do, Cabo Kenneth (antigo Cabo Canaveral) onde está a base de lançamento de foguetes, veríamos a famosa TORRE DE BABEL. Como já dito por alguém: “o pior cego é aquele que não quer ver.”

Constatamos frequentes anacronias aparecendo através de nossa História. E nossos estudiosos jamais as explicaram convincentemente. Coisas estranhas aparecendo em lugares e tempos impróprios. Coisas nos lembrando objetos atuais. Vemos, mas... não queremos enxergar. Creio estarmos dando nomes diferentes às mesmas coisas. Por que a palavra escrita no Tora é torre? Simplesmente porque, na época em que foi escrito, não havia uma palavra mais adequada para descrever aquilo que eles viram. Mas claro: naqueles tempos não existia o vocabulário deles a palavra para designar “FOGUETE”. E aqueles que o viram, confundiu-o com uma torre. A coisa mais parecida com um foguete, em sua base de andaimes, é uma torre em construção. A analogia é perfeita.

Não quero com isto afirmar que os hebreus viram estes foguetes em sua torres de lançamento. Não! Eles foram vistos por povos ainda mais antigos, que descreveram o evento com as palavras de seu diminuto vocabulário. A tradição oral e escrita foi, então, transmitida de cultura para cultura, até chegar aos hebreus. Estes antigos hebreus que registraram estas tradições não erraram. Apenas em suas mentes e, conseqüentemente no seu vocabulário, não existia a idéia e o vocábulo para foguete, e muito menos as palavras que descrevessem o vôo sideral, a não ser afirmar que os “homens” queriam atingir os céus, através a construção de “uma torre”.

Segundo Zacharias Sitchin (cientista, jornalista. Hoje consultor da NASA) o signo pictográfico sumério referindo-se aos “deuses”, era uma palavra dissilábica, DIN.GIR. O símbolo para GIR tinha a forma de um “foguete de duas secções” com estabilizadores. DIN, a primeira sílaba deste nome, significa “justo”, “puro”, “brilhante”.

Estas “histórias”, estes mitos, estas lendas, estas “coisas” estranhas, sempre apareceram ao longo das épocas e sob distintas etiquetas. A única diferença está em que as pessoas as têm interpretado com a linguagem usada em seus próprios tempos. Um foguete espacial pode, perfeitamente ser definido como **uma alta torre pronta para “atingir os céus”**, principalmente quando em seu “ninho” de andaimes, ou berço de lançamento, tal como vemos em fotos divulgadas pela NASA. Não querendo ser presunçoso, se este escrito for lido daqui há alguns anos, espero que os leitores não tomem as palavras “ninho” e “berço” em seu sentido normal, isto é, “ninho” de pássaro, e “berço” de recém-nascidos.

Do acima dito, podemos agora ter idéia do porque a Cidade de Babylon (Babilonia) tinha este nome, isto é: **Portal dos Deuses Solares ou Portal dos Céus**. Pois ali existia uma base de lançamento, ou existira em épocas mais recuadas, ou melhor, ali os terrestre tentaram construir uma plataforma de lançamento. Somente que o tal “deus” ou “deuses” não o permitiram.

Como poderia Elias e Ezequiel (isto é, os escribas que receberam estes nomes) descreverem sobre suas fantásticas aventuras? Logicamente, as descreveram segundo a capacidade dos conhecimentos deles, e da linguagem da época e, além do mais, sob o prisma de crenças religiosas. Ezequiel não teria encontrado nada mais adequado do que denominar sua visão de uma nave espacial aterrando, como uma **Carruagem de Fogo** descendo dos céus entre nuvens e trovões (as descargas do foguetes retro-propulsores e o ruído deles). Como poderia Jonas descrever um submarino, não fosse através a imagens de uma baleira? Como os antigos poderiam descrever um mergulhador, se não fosse como um “deus” metade homem e metade peixe?

A cada dia que se passa, torna-se mais evidente para mim, e para um grande número de pessoas que, por inumeráveis milênios, a humanidade tem tomado gato por lebre, jamais questionando uma série de narrativas esdrúxulas constantes em textos sagrados, que nada têm em comum com os fatos realmente observados nas épocas em que foram escritos ou gravados.

As interpretações estapafúrdias das religiões ofendem nossa inteligência, nossa capacidade de observação e raciocínio.

Evidente está que a função destas afirmativas dogmáticas é nos desviar da verdade, de nos manter presos à ignorância e nos submeter àquela “Elite” tão bem descrita por Benjamim Disraeli como **“figuras que não podem ser vislumbradas por aqueles cujos olhos não conseguem penetrar nos bastidores**. Bastidores. Eis a palavra chave. Entretanto, a despeito de toda armação contra nós, alguns olhos conseguiram penetrar nos bastidores da História e viram...

Algo muito sério aconteceu no passado da humanidade, logo após o aparecimento do homo-sapiens. E o acontecimento tem sido oculto durante todos estes milênios.

Aconteceu, entretanto, que os “deuses” deixaram uma brecha em seu sistema defensivo. Uma pequena falha, mediante a qual o observador mais atento consegue penetrar, como verificaremos mais à frente, por detrás dos bastidores, além da Torre de Babel. Mas a maior parte da raça humana perdeu sua antiga sabedoria e embrenhou-se por caminhos que não a levam a parte alguma. Porém, independente disso ela continua a ser a herdeira de um Grande Poder, de uma Ciência e Tecnologia que um dia virá a ser recuperada. Seus primeiros passos já foram dados nesta direção. Assim espero.

Tudo isto tem sido oculto de nós. Acontecimentos ligados à nossa criação e evolução. De uma maneira ou de outra, os “deuses” tentaram fazer-nos esquecer do que somos. Verificou-se um acidente no plano inicial de “nosso criadores”. Os rumos de nossa evolução seguiram linhas não previstas por eles. Eles não queriam que nós nos tornássemos o que somos, ou aquilo que seremos futuramente, isto é: seres autônomos e dotados de infinitas possibilidades, entre as quais aquela de suplantá-los. Estas possibilidades os assustam profundamente. A natureza de auto-conservação, de auto-superação, as quais eles, por suas naturezas intrínsecas, não mais possuem, em virtude de algum fator que desconheço, representam o principal motivo deste medo e do ódio que eles têm por nós. Nossas possibilidades são tão imensas que poderemos, em curto espaço de tempo, supera-los. Eis o motivo do grande temor que têm por nós.

**Mas, afinal, quem são eles?**

**Eles são os “deuses”. Aqueles que nos criaram para servi-los eternamente numa escravidão atroz. Os “Antigos” vindo das estrelas, segundo as palavras de H.P.Lovecraft.<sup>17</sup>**

---

<sup>17</sup> - Nota de E.: Certa vez escreveu Lovecraft: **Todos meus contos são baseados sobre a fundamental premissa de que as leis humanas comuns, interesses e emoções não possuem validade ou significado no vasto cosmo”. Além disso tinha ele a idéia de que as verdades fundamentais do Universo seriam tão alienígenas e horríveis que a mera exposição a elas resultariam em loucura ou suicídio por parte da raça humana.**



**A VERDADEIRA TORRE DE BABEL**



Uma coisa não lembra a outra?

Somente que as duas imagens estão separadas por séculos. A primeira é um super moderno jato, a segunda é Um desenho encontrado nas ruínas da civilização Maia.



## IX

**Para aquele que sabe observar todo o Universo é uma revelação. Todas as coisas mudam e, no entanto, permanecem.**

**E**xistem evidências bastante fortes da sobrevivência de alguns elementos politeístas hebraicos nos Exateuco, onde fontes Elohistas consistentemente usam o plural ELOHIM, Senhores (a fonte Elohistica é datada, aproximadamente, no ano 800 a.C.).

Em Gênesis 3:5, a “serpente diz claramente à Eva que ela e Adão tornar-se-ão “Como os DEUSES”, se comerem “O Fruto Proibido”.

O “deus bíblico” usa o pronome “nós”, que é mais que uma mera convenção. Aparece no Pentateuco, e em escritos mais antigos, como “O Deus das Hostes” assessorado por um “Conselho Divino”, um “sod”. O “sod” está claramente implicado em I Reis 29:19 e Isaías 6. A “Corte Celestial” sempre é chamada de **Beni ha Elohim**, “Filhos dos Deuses”, comparável aos ‘Filhos de Deus’ na religião canaanita.

“A idéia do Homem ter sido criado para ser um escravo dos ‘deuses’ não chocava em nada aos povos antigos, como sendo uma idéia peculiar. Nos tempos bíblicos, a deidade era “senhor”, “rei”, “governante”, “dono”, etc. O termo normalmente traduzido como “adoração” era, de fato, AVOD (trabalho). O homem antigo bíblico não ‘adorava’ seu ‘deus’ – TRABALHAVA para ele” (Zecharia Sitchin).

Necessário ressaltar que os Elohim não criaram os hominídeos habitantes da Terra. Foi o atual homem que eles criaram. Os antigos hominídeos já se encontravam na Terra quando os Elohim aqui chegaram. Através seus conhecimentos de engenharia celular, ele manipularam o código genético do homem primitivo (tal como hoje já começamos a fazer), para que este pudesse servir às necessidades deles (os deuses), isto é, para que os homens, assim criados, se tornassem hábeis trabalhadores.

Fontes Esotéricas nos informam que as “Inteligências Demiúrgicas”, ou criaram uma mutação em laboratório, ou tomaram proveito de mutações ocorrendo na Natureza, acelerando-as para produzir uma raça de seres com capacidade cerebral maior. De qualquer modo, esta intervenção não foi feita arbitrariamente em um momento qualquer da História da raça. Ela foi planejada, acompanhando o homem através sua ‘vagarosa’ marcha evolutiva. Os “deuses” tinham, a seu dispor, o tempo necessário. Mas nos é totalmente impossível de determinar a época destes feitos. Exceto terem sido elaborados por seres conhecedores da técnica necessária para a realização da façanha.

Também necessitamos ressaltar, que muito da subsequente evolução humana, pode ter sido conseguida através a união sexual dos “Demiúrgos” em forma humana e mulheres da raça Homo Sapiens. Esta estranha afirmativa está registrada em antigas tradições, principalmente em Gênesis, Cap. 6 vs 1-4.

Embora os Elohim dispusessem de grandes poderes e conhecimentos técnicos em todos os ramos da Ciência, não puderam evitar, ou prever, que o homem adquirisse a dádiva de também CRIAR vida, a partir da união sexual, e da auto superação. Acertadamente, os Elohim, julgaram que raças híbridas não tivessem o poder da procriação. Em teoria isto é verdade, mas até certo ponto. A Natureza sempre encontra um meio de tingir a perpetuação das espécies. Os Elohim não colocaram em suas equações aqueles “fator desconhecido e infinito”, o pivot de todas as grande mudanças, lances, fracassos, vitórias inesperadas. O imprevisível ocorreu em algum ponto nebuloso da proto-história, há milhares de anos, certamente muitos milhares de anos, quando os helenos nem eram sonhados na face da Terra; e os Egípcios, chineses, ou assírios e acadianos, ou qualquer outro povo antigo de que se guarda memória, ainda pertenciam a um futuro muitíssimo distante.

**Então os “deuses” exclamaram assustados: “Vejam, o homem se tornou como um de nós”. O alarme, colocado na boca do “Criador Bíblico” (Gênesis III –22) foi deturpado, pois deveria ser: “vejam, o homem tornou-se como um de nós, com a capacidade de procriar, atingindo a capacidade além do previsto”.**

Repare-se que o versículo pertence ao Capítulo descrevendo “a queda de Adão”. E por que desta “queda”? É dito ter sido motivada pela “desobediência” em **“em comer do fruto proibido, ou melhor, de Adão ‘conhecer’ Eva”**<sup>18</sup>. Como se vê, as implicações da frase são inúmeras, serão discutidas em local adequado. Atente-se também que a frase está colocada no

<sup>18</sup> - Nota de E.: O verbo IADA tem o sentido de conhecer, saber e PENETRAR . É dito na Bíblia que Adão “conheceu” Eva, isto é, “penetrou” Eva. Simbolicamente o primeiro ato sexual humano. “Foi seu primeiro ato sexual. Informa Nilton Bonder: “Penetrar uma mulher é conhecer um lugar no sentido mais literal, tal ato representa acesso à dimensões fantásticas...”

plural (“vejam o homem tornou-se como um de nós”) Quem fala parece se dirigir a um grupo de outros seres iguais ele mesmo: “divinos”. E não há esoterista que desconheça o significado do “Fruto Proibido”.

A que, afinal, devemos tal mudança na biologia do homem, para que ele pudesse adquirir o dom da procriação?

É uma resposta fácil. Os Beni-ha-Elohim (Filhos de Elohim) foram os inconscientes agentes do maravilhoso incidente quando, inadvertidamente, **“uniram-se às filhas dos homens”**.

Aqui abrimos um parêntesis:

“Em Gênesis VI, vemos que “deus” decide fazer desaparecer o homem da face da Terra. E por que esta ira contra nós?^

O Gênesis relata que os Beni-ha-Elohim olharam as “filhas dos homens e as acharam atraentes”. Desceram de suas “alturas celestiais” e mantiveram relações com elas e, dessa união nasceu uma raça de gigantes chamados Nephlim. Estes descendentes dos Beni-ha-Elohim e das mulheres terrestres foram os “heróis” do passado, homens de renome. Aqui cabe uma pergunta: se considerarmos os “Filhos dos Deuses” (Beni-ha Elohim) como seres espirituais, como, então poderiam sentir-se sexualmente atraídos pelas “Filhas dos Homens”, as quais evidentemente possuíam corpos materiais? E se os Filhos dos Deuses não eram espirituais, então, este “deus” e “deuses” também não eram espíritos. Seriam de carne e sangue e ossos como nós? E se isto corresponde à verdade, então, contradiz a idéia que temos desses “deuses”, inclusive Yheve.

Seguindo os eventos acima, “O Senhor” enviou o Dilúvio sobre a Terra como forma de castigo. Mas esta punição NÃO FOI EXECUTADA POR CAUSA DOS “PECADOS DOS BENI-HA-ELOHIM”, MAS AQUELES DOS HOMENS (?). E isto deve nos fazer parar e pensar um pouco. Afinal, não foram os Filhos dos Deuses que procuraram as “Filhas dos Homens”? Chamo a atenção para o fato de que na Bíblia, a tradução para Elohim é “deus”, no singular; o que está errado, pois a tradução correta para Elohim é “eles os deuses”, no plural.

Ora, se houve transgressão das ordens de “deus”, esta foi dos Filhos de Deus (ou deuses), e não dos homens e mulheres da Terra. Os “Filhos dos Deuses” é que deveriam ser punidos, não nós. A incongruência é marcante.. Eles cometem pecado e nós é que pagamos.

No livro dos Salmos é dito que “deus” tomou seu lugar na “Corte do Céu para deliberar julgamento entre os “deuses”, e conclui: **“Até quando julgareis injustamente e tomareis partido dos ímpios?”**<sup>19</sup>Eu digo sois

---

<sup>19</sup> -Nota de E.: A palavra “ímpio” refere-se aos homens; o que nos leva a crer que alguns “deuses”, ou “Membros da Corte Celeste”, tomaram partido dos terráqueos e, entre estes “deuses” estava Lúcifer que ra um

**deuses, sois todos filhos do Altíssimo. Todavia, como os homens morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir**". Aqui o "Senhor" julga os membros da Corte do Céu e os condena à queda por suas falhas. Esta queda consistindo na passagem da imortalidade à mortalidade, ou queda de poder, ou ambas as coisas. Mas não implica uma queda dos "céus". Observem que ele, o Senhor, dirige-se a seus pares e não aos homens. Também não existe qualquer indicação qual a falta em que caíram os "Filhos de Deus", e nem é dito que "deuses" eram estes, e muito menos o número deles. Mas nós sabemos que falha haviam cometido aqueles "deuses". Eles tinham tomado partido dos homens, pois o "senhor" havia condenado a raça humana ao extermínio.

Uma das mais antigas versões a respeito da ruína dos Beni-ha-Elohim (anjos?) encontramos no Primeiro Livro de Enoque. No texto, é descrita uma **"viagem de inspeção que Enoque faz em torno da Terra", a mando de "deus"**. Durante esta "viagem", Enoque viu os Filhos de Deus em seu estado de ruína, e aprendeu sua história.

Aqui eu gostaria que me explicassem que "viagem de inspeção" seria esta. Será que "deus" necessita que um ou mais de seus comandados façam "inspeção" em seu reino? Por que "deus" usaria um ser humano mortal nesta função? Outra vez: onde está a onipresença de "deus"?

Mais uma vez bato na pergunta anterior: como puderam os "Filhos de Deus" unirem-se às "Filhas dos Homens"? Tinham eles, por acaso, desejos sexuais como nós? Se afirmativo, como pode ser isto se eles eram "Filhos de Deus" e, é de se acreditar, da mesma substância do Pai? Ou será que tal "deus" não é bem aquilo que nos fizeram crer que fosse?

**"Quando os Filhos de Deus possuíram as Filhas dos Homens, estas lhes deram filhos". Mais uma questão ergue-se: como podem nascer filhos do acasalamento de "seres espirituais" com seres materiais.**

É importantíssimo gravarmos os relatos, pois deles, concluiremos que os tais "Filhos de Deus" possuíam corpos materiais, necessitavam de contato físico (sexual) para gerar filhos, o que os torna iguais a nós. Daí em diante passamos a meditar seriamente na "estória" de Espírito Santo e Maria.

## X

**E**m 1947, foram encontrados em Qumran (local situado perto do Mar Morto) manuscritos datados, aproximadamente, de 2000 anos. Estes manuscritos são conhecidos como “Os Manuscritos do Mar Morto”. A tradução deles, começaram a trazer à luz vários pontos interessantes, não somente do Antigo Testamento, como também dos Evangelhos Cristãos. Através deles foi obtida a certeza da existência dos famosos Essênios, tão explorados pelos “esoteristas”. Os Essênios eram uma comunidade judaica (religiosa e política) ainda envolta em mistério em vários pontos, mas que a Igreja de Roma sempre procurou fingir que não existia.

Em um desses manuscritos, especificamente encontrado n Caverna I, “a coluna II narra o Manuscrito milagroso de Noah (Noé).**“Lamec, filho de Matusalém, suspeitava que sua mulher o enganara com um dos anjos caídos.** As negativas da mulher não o convencem, e ele pede a seu pai, Matusalém, que viaje ao Paraíso (Éden), e obtenha a confirmação de seus próprio pai Enoch (vide “Os Manuscritos do Mar Morto – G. Germes – Cap 22, pag.259.

Sigamos o texto em sua íntegra:

**“Eis que então pensei em meu coração que a concepção (a mulher de Lamec estava grávida) (devia) –se aos Guardiões e aos Santos... e os Gigantes... e meu coração estava perturbado dentro de mim por causa desta criança. Então eu, Lamec, aproximei-me sem demora de Betenós [minha] mulher, e disse-lhe: ... pelo Altíssimo, o Grande Senhor, o Rei de todos os mundos e Soberano dos Filhos do Céu, até que tu me contes todas as coisas de verdade, se ... conta-me [isto de verdade] e não mintas... pelo Rei de todos os mundos até que tu me contes a verdade e não mintas”.**

## XI

## O NOME DE DEUS

**O**bservamos que no início do Gênesis, o nome designando “deus” é ELOHIM. A forma Jehovah ( **h w h y** ) somente aparece depois, com exceção em Êxodo III, quando Moisés, frente a frente com a “divindade” maior do Judaísmo, pergunta-lhe: Qual é o seu Nome? **“E disse Moisés a Deus: eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: o Deus de vossos pais enviou-me a vós, e dirão a mim; qual é o seu Nome? Que direi a eles? E disse Deus a Moisés: Eu Sou (Heheieh) enviou-me a vós”.**<sup>20</sup>

Ai as tradução bíblica se engana. Ela diz algo que, de fato Deus nunca falou. “Eu sou o que sou”.

Como poderia Ele ter dado esta resposta se em hebraico ‘NÃO EXISTE O VERBO SER NO PRESENTE DO INDICATIVO? Presos à sua própria tradição que buscava a certeza do “sou”, os tradutores não puderam entender que um Deus que se revela em uma língua onde simplesmente não se pode nunca dizer que se é. O que esta na Bíblia original é HEHEYEH ASHER EHEYEH (EU SEREI O QUE SEREI).

Reparem, também, que Moisés diz textualmente: “O Deus de vossos pais, e não de nossos pais, como seria de se esperar pois, segundo a Bíblia, Moisés seria judeu. O que, ja vimos, não corresponde á verdade. Moisés não referiu-se à nossos pais, porque os pais dele não eram judeus e sim egípcios e, como tais, não tinham o Deus de Israel como o Deus deles.

A “estória” da Criação é por demais sofisticada para ter sido criada por hebreus; um povo que vivera na escravidão durante séculos. Muito embora saibamos que Moisés era um iniciado egípcio e, portanto, herdeiro de uma Ciência e Tradição de alto grau. Esta Ciência recebida de civilizações muito mais antigas e muito mais evoluídas do que poderíamos supor.

---

<sup>20</sup> \_Nota de E.: Isto deu-se quando Moisés recebeu as Tábuas da Lei. Com referência a este “acontecimento”, torna-se intrigante saber que Deus tenha levado quarenta dias pra entregar as Tábuas a Moisés. Quarenta dias é, a meu ver, muito tempo para que Deus tenha dispendido na “gravação” dos Dez Mandamentos. Será que o Ilimitado esculpiu na pedra com cinzeu e buril? Por outro lado sabemos que 40 é o mesmo número que Moisés levou pra ir do Egito até Canaan. Também muito tempo para percorrer os poucos quilômetro separando os dois países.

Tudo isto, a respeito do Nome de Deus me parece muito confuso.

Qual o nome de Deus, afinal?

Elohim?, Jehovah ou Eheieh?

Temos, assim, três nome para uma só entidade. Isto até agora, pois existem muitos outros. Como pode ser isto? Atente-se para o fato que aqui não estão computados os demais “nomes” de Deus existente no Antigo Testamento, e muitos dos quais usados na Qabalah, como Adonai, Shadai, Iah, Al, etc.

Não posso aceitar que todos estes “nomes” sejam, indiferentemente, traduzidos como “deus”, que não é nome.

Analisando o original hebraico, cada um desses nomes significa seres diferentes ou, quem sabe?, energias diferentes. Aqui há algo bastante velado.

Também, não concordo aceitar as complexas “explicações” teológicas, tanto aquelas dos padres romanos quanto as dos pastores protestantes. Eles falam, falam e falam, e no fim apelam para um fé que, fica-nos claro, nem mesmo eles possuem. Afinal nada dizem de concreto, e se perdem em conjecturas, e se perdem em suas próprias palavras, confundindo alhos com bugalhos

Alerto aos leitores – especialmente protestantes – que jamais encontrarão, em suas bíblias, estes nomes acima citados, porque os “tradutores” e “adaptadores” da Bíblia protestante e católica resolveram, por conta própria, usar a palavra deus (que é um substantivo genérico) para substituir todos aqueles nomes da divindade aparecendo no texto original. Não admira que os judeus riem de nossas crenças. Não posso, tomado de piedosa fé, simplesmente fechar os olhos ao fato, como se ele não existisse. Se Deus, como afirmam, nos deu a capacidade de raciocínio e a inteligência, devemos fazer justiça à esta dádiva.

Não me parece lógico o conceito de um “deus” que, tendo criado seres inteligente, os puna severamente por usarem esta inteligência.

As questões surgem agora: Porque tantos nome atribuídos a uma só divindade? Por que Moisés, presumivelmente um “inspirado” ao escrever o Gênesis – considerando isto como verdade – define “Deus”, a Divindade Única e Suprema do Sistema Monoteísta, sob vários “nomes”? A hipótese de haverem vários “deuses” fere frontalmente esse monoteísmo. Mas a questão ergue-se constantemente e, em sã consciência, ninguém pode esquivar-se dela como se não existisse.

Afirmam determinadas correntes de pensamento, dentro do próprio esoterismo, que Moisés alterou a mensagem original, transmitida a ele nos Santuários Secretos do Egípto, retirando de seus ensinamentos toda e qualquer palavra que pudesse indicar, de uma maneira ou de outra, a verdade. Segundo

outros, a obra mosaica constituiu-se na sublimação de verdades tangíveis com respeito à realidade cósmica do homem. Em parte não concordo com isto. Moisés (ou quem redigiu o texto do Antigo Testamento) não tentou encobrir os fatos reais. Muito pelo contrário. Foram “outros” que assim agiram.

Em Gênesis I – 26, lemos: “E disse Deus (Elohim),  façamos o homem à nossa imagem e semelhança.” Em Gênesis I – 27: “E Deus (Elohim) criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Em seguida vem esta maravilha sem qualquer rodeio: “pênis e vagina os criou”. O original hebraico fala Zakar e Ngebah, sendo, respectivamente, os órgãos sexuais masculino e feminino. Os termos “macho” e “fêmea” surgiram somente na versão grega, “Septuaginta”, no Segundo Século antes da Era Cristã.

Em seguida vem: “E abençoou-os e disse-lhes Deus (Elohim): “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra”. Observem bem esta determinação divina.

A narrativa bíblica torna-se ainda mais confuso no Cap.II: “Adão ficou só até Deus (Elohim) dar-lhe uma companheira feita de sua costela”. A respeito da “costela”, falaremos mais adiante.

Atentem para o fato que nos versículos 26 e 27, Deus cria o homem um ser singular. Entretanto, nos versículos seguintes cria-o “macho e fêmea” (um ser plural – andrógino). Mais à frente tudo é contradito quando afirma-se que Adão “ficou só”. Como então Deus ordena que o homem frutifique e multiplique para encher a terra, se ainda não havia mulher?”

Seja católico romano, ortodoxo, protestante, espírita, etc., toda lêem a Bíblia. Contudo, pouquíssimos são aqueles que observam detalhes conflitantes daquele texto como, por exemplo, os acima assinalados.

A estratégia tradutória tem evitado, durante muitos séculos, que se enxergasse o detalhe entre os católicos romanos e outras correntes cristãs não católicas romana. E no cumprimento desta “manobra”, a Igreja de Roma sempre incentivou a não leitura dos textos bíblicos. Mais acentuadamente o Pentateuco, porque sabia do perigo que corria em ser desmascarada. Os outros cristãos seguiram o mesmo caminho, inclusive espíritas, os quais se dizem possuidores de mentes abertas.

## XII

**N**a primeira página do Gênesis (Cap.I) está escrito: B'RASHiTh BaRa ALoHIM Ath HaSha MaIM VaATh Ha AreTz – “No Princípio criou Elohim os céus e a terra”.

O Nome Elohim, que se traduz por “Elas as Divindades, ou Deuses(as)”, está na Vulgata simplesmente traduzido como “Deus”.

O Nome Elohim, aparece no Gênesis desde o Cap I, Vs.1 até o Vs. 3, mas no Vs. 4 encontramos o Nome IHVH (erradamente traduzido como Jehovah ou Ievéh. **Não existe tradução para esse Nome de quatro letras, ou seja, o TETRAGRAMMTON. A pronúncia correta é um segrêdo guardado a sete chaves pelos Altos Sacerdotes. Somente uma vez por ano o Sumo Sacerdote penetrava no Santo dos Santos e pronunciava o Nome perante a Arca Sagrada.**

Este “Nome” (na realidade não é um Nome mais sim uma fórmula) vem, algumas vezes, sozinho, mas também é encontrado junto com o Nome Elohim. Daí em diante o Gênesis refere-se à “Deus”, algumas vezes, como Elohim, outras Elohim IHVH e outras, simplesmente, como IHVH, como pode ser verificado em Gênesis IV, 26 <sup>21</sup>. (Usamos para pesquisa “A Lei de Moisés e as Haftarot, tradução e comentários do Rabino Meir Masliah Melamed, orientador do Departamento Religioso do Centro Israelita Brasileira “Bene Herzi – Rio de Janeiro).

Ora, o Nome pelo qual a própria Divindade identificou-se à Moisés está bastante claro no texto: Eheyeh asher Eheyeh – SEREI O QUE SEREI. NEM Elohim e nem IHVH.

Sabemos de antemão que a palavra Elohim é **um plural masculino formado do feminino singular ALH, ALOH, juntando-se IM ao substantivo**. Visto que IM é usualmente uma terminação do masculino plural, e aqui ligado a um nome feminino, isto dá à palavra Elohim o senso de uma Potencia Feminina unida a uma Idéia Masculina e, portanto, capaz de produzir descendência. A tradução mais correta seria, neste caso, Deidades.

Estas Deidades foram as criadoras de Adam, considerado um ser único, o primeiro homem. Mas, numa aparente contradição, que tanto um macho como uma fêmea foram criados simultaneamente, como se ele (Adam) fosse DOIS e, no entanto, Eva ainda não havia sido criada(?). A criação de Eva dá-se somente no Gênesis Cap. II: “DISSE MAIS ELOHIM: NÃO É BOM QUE O HOMEM ESTEJA SÓ: FAR-LHE-EI UMA **AUXILIADORA** QUE LHE SEJA IDÔNEA.”. Vejam que isto somente acontece, como já dito, no Cap.II, vs.18 do Gênesis; muito depois de Adam ser formado do barro da terra

---

<sup>21</sup> - Nota de E.: Apreciem que o número do vs. é 26, exatamente o valor numérico (na Qabalah) de IHVH e o valor numérico da soma dos valores numéricos dos Sephiroth centrais da Árvore da Vida.

(macho e fêmea, como dito nos Caps. anteriores), e lhe ter sido ordenado a unir-se (?) e multiplicar-se. Com quem???

Mas quem era Adam? Para mim e outros um termo genérico. Não um ser individual. Adam significa “terráqueo”. Deriva-se da raiz Adamah, a Terra, no sentido de planeta, não terra (barro) como nos querem fazer crer. Por outro lado transparece um simples jogo de palavras, pois DAM significa sangue.

‘Os versos anteriores, além de exibirem uma incongruência patente, entrando em choque com vários outros mais à frente. Especificamente os Vs. 18, 21, 22, e 23 do Cap. II. No Vs. 23 deste Cap. II, existe uma passagem bastante intrigante. Comentemos rapidamente: “ **E Elohim disse: Façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança**”. Quem eram NÓS. Porque o Gênesis, admitindo-se ser um livro relatando a criação do Universo e do Homem por um só “deus” único, usa como nome desse “deus” a palavra Elohim – um plural, e usa o verbo e os pronomes no plural? A quem se dirigia esse único “deus” ao comandar “façamos”? Quem, repito, eram esses Nós, a cuja imagem e semelhança (plural) fomos criados?

Muito procuram explicar o emprego do pronome e do verbo no plural através da teoria “pluraris majestatis”. Mas a prática do uso desse plural “majestático” é muito recente. Moisés (um egípcio) ou quem quer que tenha escrito o Gênesis, jámais usariam uma frase tão pomposa. Tudo indica a anunciação de uma decisão ditatorial emanada de uma “Assembléia de Deuses”. A frase reforça aquilo já dito e confirmado pelos estudiosos modernos: **onde quer que apareçam seres (humano ou não) de uma civilização superior, os membros das culturas mais primitivas os elevam à categoria de “deuses”**.

**O homem não foi criado para adorar os “deuses” mas sim para trabalhar para “eles”**.

Nesta altura dos acontecimentos, outra questão surge: esses Nós somente criaram o homem? E a mulher? Por acaso não está escrito que : **Elohim criou o homem à sua imagem e semelhança, à imagem de Elohim o criou; macho e fêmea o criou?** A frase parece indicar que Elohim criou inicialmente um ser andrógino. Mais adiante Elohim diz: frutificai e multiplicai e enchei a Terra. Mas, como poderia o homem, recém criado e só no Eden frutificar e encher a Terra se não fosse andrógino. Lembrem que Eva, a essa altura, ainda não tinha sido criada. Disso surge a questão: **“Como poderia Adão ser criado a imagem de Elohim, macho e fêmea, a não ser que Elohim fosse macho e fêmea também?**

Voltando a nome Elohim já vimos der uma potencia feminina ligada a uma idéia masculina. Elohim era hermafrodita. Ninguém pode negar ser esta a idéia transmitida pelo texto. Ou Elohim era, ou é, um ser hermafrodita, ou não existia uma só “deus”, mas sim vários: machos e fêmeas. Na verdade as duas afirmativas são certas. Elohim era, ou é, de fato hermafrodita. Os Elohim eram vários “deuses”, os quais poderiam, ou não, ser hermafroditas. Isto está explicitado quando, no Gênesis (III,22), “deus proclama temeroso: **“E disse Deus: eis que o homem se tem tornado como um de nós”. (A partir daí, esse “deus” procura de todas as formas destgruir o homem. Por que?)”**.

Antes que alguém me venha com o conceito da “Santíssima Trindade” para justificar todo este plural (Nós, façamos, etc) contido no texto, esclareço que o conceito da Santíssima Trindade só existe no Novo Testamento, isto é, séculos após a escritura do Gênesis. E, assim mesmo, por influência, como todos sabem, (ou fingem que não sabem), de religiões politeístas que tiveram grande influência sobre o Cristianismo durante seu crescimento.

Afirma a igreja de Roma: “ A trindade é o termo empregado para definir a doutrina central da religião cristã...” Assim, nos dizeres do Credo Atanasiano: “O Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus; e não obstante, não são três deuses, mas um só Deus” (The Catholic Encyclopedia). A palavra Trindade jamais esteve gravada no Pentateuco, e não encontrou lugar na Teologia da Igreja de Roma senão já no Século IV. Portanto, é um alinhamento recente. Mas nem todos os cristãos admitem a Santíssima Trindade. Várias ramificações do Protestantismo a repelem como idolatria. Eu acrescentaria também homossexualismo, porque onde está a parte feminina?

Assim, sucessivamente, o texto bíblico exhibe suas incoerências. Mas, existem pessoas que não suportam a discussão salutar destas gritantes contradições. Verdades molestem o comodismo, a fé cega, e a burrice de muitos que, passivamente, engolem tudo que é tido como “sagrado”, vindo de homens ou igrejas ditas infalíveis. Isto não acontece somente nos meios religiosos: nos esotéricos também. Não acalento, entretanto, a pretensão de escrever para eles. Com muita propriedade disse um sábio: “ Afim de flar a respeito da verdade, torna-se necessário desmascarar aquela inverdades que o homem aceitou como se verdade fossem”.

## XIII

O tempo e o progresso humano, mesmo que lentamente se arrastando, vai destruindo, aos poucos, tudo que não se alicerce na verdade. Assim, como no passado, também agora, quantas coisas temos aceito e praticado que serão reconhecidas como ridículas no futuro?

Mas paremos um pouco. Será mesmo que as narrativas bíblicas são inverdades? Ou será que o erro está em nós, consistindo da maneira de como as interpretamos? Certamente, não estou levando em consideração as deturpações propositais introduzidas ao longo dos séculos na maioria dos textos sagrados. Infelizmente, temos que conviver com todas as tramoias político-religiosas. Mas muita coisa permaneceu intacta, escapando aos deturpadores. Seria quase impossível, e tomaria muito de nosso tempo, dissertar sobre todos os intrusos do passado e do presente, relacionados com os movimentos da Fraude. A medida que a Ciência caminha, e que novas descobertas são realizadas, a ignorância esboroa; o fanatismo se abrande, e os mistérios tendem a desaparecer. Até ontem, os astrônomos eram unânimes em afirmar que na Lua não existia água. Hoje nós sabemos que a afirmativa era falsa.

Não obstante, ainda perduram aqueles que, procurando ocultar a luz, pretendem manter as mistificações para, por meio de um despotismo místico, exercerem suja prepotência “salvadora”. Refiro-me aqui aos “maçons”, aos “teosofistas”, aos padres, aos pastores, aos “gurus”, e toda laia anti-humana existente.

Acima, considere que, talvez, as narrativas bíblicas estejam com a verdade, e todo o problema residindo na interpretação destas narrativas.

Quando menino, eu gostava de foliar os livros de meu pai: principalmente aqueles contendo desenhos de esquemas de rádio. Ficava fascinado com aquelas “linhas” e aqueles números, letras, etc. Um mistério, uma magia. Jamais poderia supor tratar-se de um meio técnico indicando, em seus detalhes, de como montar um aparelho radiofônico. Quando meu pai afirmava ser aquilo um rádio, eu olhava confuso para o rádio da sala e para os esquemas à minha frente, sem ver qualquer relação entre as duas coisas. Talvez o mesmo problema, guardando as devidas proporções, aconteça com os textos sagrados e, principalmente, com os círculos e pentáculos, traços, nomes sagrados e figuras usadas em Magia. Talvez, estejamos vendo estas coisas erradamente. O relato dos textos sagrados podem estar descrevendo fatos ou coisas, ou acontecimentos, que nossos antepassados receberam de

alguém (ou de algum lugar) mas que, com o passar do tempo, perderam o seu real significado em mãos menos preparadas para entendê-las devidamente, e que, por esse motivo, as transformaram em relatos religiosos e símbolos mágicos. Disso surgiu também a idéia de que somente “Iniciados”, ou semi-deuses, ou mesmo deuses (em resumo: criaturas especiais) poderiam manipular as devidamente. Em Magia a idéia é muito mais marcante.

Quando iniciei meus estudos do Sistema Enoquiano de Magia, deparei-me com vários “esquemas mágicos” e com a linguagem cifrada chamada Enoquiana. Linguagem esta possuidora de uma estrutura perfeita. Quem criou (ou inventou) aquela língua? O Dr. Dee<sup>22</sup> afirmava tê-la recebido dos “Anjos”. Sem ser filólogo... estou convencido pessoalmente de que temos as peças fragmentárias de uma língua muito mais antiga que o Sânscrito” (I.Regardie). O esquema que mais me chamou à atenção (chamados Sigilos dos Governadores dos Trinta Aethyrs) é mostrado na página 46 deste estudo. Comparece com um sistema de rádio. A semelhança é muito grande para ser coincidência. Temos exemplos disto em vários textos mágicos, e outros tanto considerados sagrados.

Pessoalmente, estas figuras, estes riscos, estes sigilos, são esquemas não de um aparelho radiofônico, ou qualquer outro tipo de aparelho eletrônico, mas sim um esquema de circuitos do próprio cérebro humano. É uma hipótese bastante ousada, mas é a única que tenho, porquanto, por experiência própria, tive a confirmação que o sistema funciona.

## A COSTELA DE ADAM (ADÃO)

---

<sup>22</sup> -Nota de E.: O Dr. Dee era matemático, astrônomo, geógrafo e historiador da Corte da Rainha Elizabeth I da Inglaterra. Também ocupava o cargo de Conselheiro sobre certos assuntos de estado e científicos.

No Cap. II – 18 (Genesis), deparamo-nos com a “história” da criação de Eva (HVH): **“Disse mais o Senhor: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”**. No original está **“Uma companheira frente a ele”**. ( A frase “frente a ele” pode indicar uma mudança de posição da cópula, que nos tempos dos primatas era realizada “pelas costas” como em todos os animais, exceto o homem. Mas também pode significar o fim do androgenismo.) o que muda totalmente o sentido da frase traduzida na Vulgata. Os Vs. 21 e 22 do mesmo Cap. II, relatam como Eva foi criada: **“Então o Senhor Deus fez cair um pesado sono sobre o homem, e este adormeceu: tomou uma de suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela que Deus tomara ao homem transformou-na numa mulher, lha trouxe (de onde?) (Os parêntesis são meus).**

Neste ponto meus questionamentos aumentam, pois como verificado anteriormente (Cap. I Vs. 22 e 27), o Senhor Deus já havia criado o homem e a mulher ou, pelo menos, um ser com ambos os sexos.

Mas, por que cargas d' água Deus usou a costela de Adam para dela produzir Eva? Não poderia tê-la feito do mesmo modo como criou Adam? Qual o motivo da diferença entre os processos de criação? E qual a necessidade de fazer Adão cair em “sono profundo”, para lhe retirar a costela? Seria o sono de Adam um tipo de anestesia aplicada ao paciente durante a “cirurgia divina”? A Deus seria necessário este recurso? Se é verdade o contato a respeito de “Zé Arigo”, então ele (ou os “espíritos” que o atendem), possui uma técnica bem mais aprimorada do que aquela de “deus”. Isto é, realiza operações cirúrgicas sem dor e sem sangramento.

Entretanto, acontece que a palavra “Ti” significa duplamente “costela” e “origem da vida”. E todos nós sabemos que a origem da vida é o esperma, contendo a unidade genética. O nome de Eva também significa “vida”. Segundo Langbein, a passagem sobre a criação de Eva deveria ser traduzida do seguinte modo: **“Os deuses usaram a origem da vida (Ti, ou esperma) de Adam para criarem Eva”**. Isto quer dizer que, em seguida a extraírem o esperma do corpo de Adam, os Elohim (os deuses) o incorporaram a outras células, talvez de primatas. Assim, Eva foi criada “in vitro”, por simples e direta manipulação genética, da mesma forma que os bebês de proveta atualmente. Ou fecundaram artificialmente o óvulo de alguma “deusa”, isto é, uma fêmea de sua própria raça. Esta “deusa” foi a mãe da humanidade, como Eva é denominada na Bíblia – A Mãe da Humanidade. Ela é representada em outras tradições por vários nomes: Isis, Astarte, Gea, Nuit, Kali, etc.

Por outro lado temos que cabalisticamente “Eva” é uma parte do Nome IHVH (Iod He Vau He) assim: IOD (HVH =Eva). Claro que o Iod representa aqui o espermatozóide.

Não julguem ateu ou um materialista. Não sou! Minha idéia de Deus ultrapassa todas as limitações que os homens tolamente atribuem à Divindade Cósmica. Para mim, o “deus” das religiões nada mais é do que uma farsa. O Verdadeiro Deus está acima e muito além daquele que elas apresentam e cultuam com toda a parafernália ridícula que conhecemos. Não creio no “deus” das Igrejas. Esse “deus” não existe.

Para mim toda esta miscelânea descrita na Bíblia, e em outros textos sagrados espalhados pela face da Terra, trata-se de acontecimentos tão distantes no tempo, que os primeiros a registra-los já os havia recebido truncados e “adornados” pelo espírito da superstição e crenças tolamente descabidas. Eles podem ser, no máximo, metáforas.

É minha opinião que aqueles “seres superiores” (que não eram deuses) criadores do homem, há muito foram-se deste planeta (embora alguns tenham aqui ficado); e a Ciência que nos legaram foi esquecida em parte; e o bem inerente aos poderes que o homem recebeu deles também foi deturpado em religiões, as quais, por sua vez, transformaram-se numa forma deturpada da “Religião Original”.

Não concebo Deus, a Suprema Inteligência, a Perfeição, o Grande Criador, tenha dado origem a tantos paradoxos e tantos erros. Da mesma forma não O concebo dando origens a seres com atributos negativos. Não posso admitir a idéia de um Adam, que viu Deus face a face; feita a imagem e semelhança deste Deus, tenha na primeira tentação comido do “Fruto Proibido”, para o qual o mesmo Deus lhe chamara à atenção maliciosamente despertando seu interesse. Um fruto que, como o próprio “deus” comandara a este Adam, deveria ser COMIDO para que o homem (Adam) crescesse e se multiplicasse sobre a Terra. Sim, por que “deus” comandou ao homem que crescesse e se multiplicasse. E como queria “ele” que isto fosse realizado se o homem não tivesse “comido” do “fruto” da Árvore? Como poderia o Supremo Criador, oniciente não saber que o homem o desobedeceria na primeira oportunidade? Será que tudo foi tão somente uma comédia? Como poderia ser que Deus, o oniciente e onipresente, desconhecesse que alguns “anjos” tentariam subverter o Reino Divino? Será que a onipresença de Deus é uma fábula? E Ele se não possui esta onipresença e oniciência, como poderia ser Deus?

A Bíblia mostra tantas incoerências que choca a mais rudimentar inteligência; como é o caso de adorar a um deus ordenando o estupro de virgens e o sacrifício de criancinhas inocentes. Este deus perverso jamais poderia ser o pai do manso Jesús. Um deus dando preferência ao odor de carne queimada oferecida por Abel, ao delicado odor dos frutos da terra, oferecidos por Cain, não poderia ser um deus, ou um espírito imaculado.

Em interessante passagem do relato do Dilúvio, encontramos: “ Noé construiu um altar ao Senhor e, tomando de animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocausto sobre o altar. O Senhor respirou o agradável odor e disse consigo. Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa dos homens...” Afinal, que deus seria este que se deixa subornar pela oferenda de um mortal? Que deus é este que “respira” e gosta do cheiro de sangue e de carne queimada? Ele me parece como um ser qualquer, deliciando-se ante um churrasco. Não! Para mim este não é o Deus Supremo, o Criador do Universo, o Puro Espírito, mas sim algum ser igual a nós humanos ou, quando muito, seria um demônio, um daqueles inventados pelas religiões.

## XIV

# OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

**E**m 1947, foram encontrados os famosos Manuscritos do Mar Morto em Qunram (local situado numa região desértica, próxima ao Mar Morto). Estes manuscritos estão datados de, aproximadamente, 2000 anos. Os documentos são hoje conhecidos como “Os Manuscritos do Mar Morto”, e estão guardados no Museu do Livro em Jerusalém. A tradução destes manuscritos começam a trazer à luz vários pontos interessantes, não somente referentes ao Antigo Testamento mas também ao Novo. Através deles confirmou-se a existência dos Essênios – uma antigüíssima fraternidades judaica envolta em mistério, constantemente citada pelos esoteristas de todas as épocas, só que não se tinha certeza da existência deles.

Como já citado em outro capítulo, em um desses documentos, especificamente o encontrado na Caverna I, “a coluna II narra uma história bastante insólita: Lamec, suspeitava que sua mulher o enganara com um dos anjos caídos (engravidando). As negativas da mulher não convencem Lamec, e este pede ao pai, Matusalém, que viaje ao paraíso (Eden), e obtenha a confirmação de seu próprio pai Enoch (aquele que havia sido levado para o céu numa “carruagem de fogo”.

Vejamos o texto:

**Eis que então eu pensei em meu coração que a concepção (devia)se aos Guardiões e aos Santos... e os Gigantes ... e meu coração estava perturbado dentro de mim por causa desta criança. Ent/ao, eu, Lamech, aproximei-me sem demora de Betenós [minha mulher], e disse-lhe: ... pelo Altíssimo, o Grande Senhor, o Rei de todos os mundos e soberano dos Filhos do Céu, até que tu me contes todas as coisas de verdade, se... Conta-me [isto de verdade] e não mintas ... pelo Rei de todos os Mundos até que tu me contes a verdade e não mintas.”**

**“Então Betenós, minha mulher, falou comigo com ardor [e].. disse: Ó meu irmão, ó meu senhor, lembra-te de meu prazer... deitados juntos e minh'alma dentro de teu corpo. [E eu te digo] todas as coisas de verdade.”**

**“Meu coração turbou-se muito dentro de mim, e quando Betenós, minha mulher, viu que a expressão de minha face mudou... então ela dominou sua raiva e falou comigo dizendo: Ó meu senhor, meu irmão lembra-te do meu prazer! Eu juro pelo Grande Santo, o Reis dos [Céus].. que esta semente é tua e que [esta] concepção vem de ti. Este fruto foi plantado por ti ...e não por algum estranho ou Guardião ou Filho do Céu... [por que] a expressão de tua face transformou-se assim e ficou desanimada, e por que teu espírito está assim entretecido... eu te falo a verdade.”**

**“Então eu, Lamech, corri para matusalém meu pai, e [contei-lhe] todas essas coisas. [E pedi que fosse a Enoch] seu pai, pois certamente iria saber dele todas as coisas. Pois ele era amado e compartilhava do destino [dos anjos], que lhe ensinaram todas as coisas. E enquanto Matusalém ouviu [minhas palavras ele foi a] Enoch seu pai para saber dele a verdade sobre todas as coisas ... sua vontade”.**

A primeira parte do texto descreve claramente uma discussão conjugal, onde a desconfiança de infidelidade é o tema central. Porém, causa-me surpresa saber do tipo da desconfiança de Lamech.

Ele não desconfia que a mulher o tenha traído com um simples mortal, MAS COM UM GUARDIÃO OU ANJO (MENSAGEIRO). Isto, no mínimo, nos espanta. Indica que os tais “anjos” ou “Guardiões” eram seres materiais, com órgãos sexuais e tomados de desejo pela mulheres da Terra, e que estas, não raramente, se entregavam à paixão deles. Isto é evidente no texto. Atravéz dele, depreende-se que seria comum uma mulher copular com algum “anjo”. Incrível! Não surpreende porque a Igreja considerou o Livro de Enoch como sendo um livro proibido, “apócrifo”, como dizem. O termo “apócrifo” é usado pela Igreja no sentido de falso; quando, na realidade, o termo significa “SECRETO”

O que causa mais assombro, fora a suspeição de uma traição por parte da mulher Metenós com um “anjo”, é que Lamech pede a seu pai, Matusalém, PARA QUE VÁ AO PARAISO (Eden) falar com Enoch. É exatamente isto que se encontra no texto.

Muitas dúvidas, então, nos ocorre sobre este Paraíso. Seria algum lugar geograficamente localizado na superfície da Terra, ao qual se podia “viajar” como viajamos, por exemplo, para São Paulo? Até agora para mim (e para muitos outros), o Paraíso ou Eden (ou Céu) consistia em um lugar situado em outro plano de existência(Espiritual). Onde os Anjos, Arcanjos, Santo e Almas tinham existência. Tudo indicava um local “espiritual”, onde somente têm entrada aqueles (segundo a crença religiosa) que morreram sem pecado. Não importa se este local chame-se Eden, Paraíso, Shangri-La , Duat, Valhala, etc. Atente-se também para o incomodativo fato de que Enoch “vivia” entre os “anjos”, ou “guardiões”, compartilhando com eles em seu destino. Ainda mais: possuía o “conhecimento” de todas as coisas, isto é, do que faziam estes anjos e guardiões.

Em outra passagem do Livro de Enoch é dito que ele realizava “viagens de inspeção em torno da Terra, sugerindo estar ocupando o cargo de “inspetor” diretamente ligado ao Senhor Deus. E este “deus” fazia questão de receber relatórios sobre seu reinado, tal qual um rei

ou um governante comum. Disso somente posso concluir que o tal Paraíso descrito na Bíblia refere-se a outra coisa qualquer; não é Céu do qual falam as religiões. E que “deus” empregava “inspetores” (ou espiões) mesmo entre terrestres, para saber da situação do reino.

Lamech fala dos “anjos” como “guardiões do céu”. Ergue-se aqui uma interessante questão: que tipo de guardiões “angélicos” eram esses que perambulavam pelas cidades da antiguidade e que, não raras vezes, conquistavam as mulheres dos homens? Aqui há algo muito intrigante.

## Os Vimanas

**N**ão é somente na Tradição Hebraica que encontramos referências singulares aos “deuses” e suas aventuras na Terra. Em outros antiquíssimos textos e documentos, formando a Tradição dos Povos Orientais, principalmente na Índia, existem narrativas assustadoras. Ali surgem referência até a raptos de mulheres pelos “deuses”. Na Índia os “deuses” usavam os Vimana, para estas proezas. Eram eles como “playboys” da época em seus luxuosos carros alados (Vimanas).

Segundo especialistas no assunto, os Vimanas eram “carruagens” voadoras, usadas por “deuses” e heróis em viagens e em batalhas. Os Vimanas fazem parte de antigas lendas hindustanicas, comuns nas margens do Rio Ganges, como as lendas de Thor e seu mágico martelo são nos países nórdicos.

Mais recentemente é que, na Europa, através vários estudiosos do tema (especialistas na língua Sanscrita), os Vimanas começaram a ocupar um lugar de destaque nestes estudos. Anteriormente, os investigadores que os descobriram não lhes ofereceram a devida importância. Tomaram estas “carruagens” como simples fantasias imaginativas comuns a todos os povos ainda vivendo na infância.

Entretanto, se estas “lendas” relacionadas com os “veículos aéreos”, pilotados pelos heróis do Ramaiana, dos Puranas ou do Mahabharata, não despertaram a atenção dos pesquisadores do Sec. XIX, a situação mudou logo em seguida ao término da Segunda Guerra Mundial.

Note-se que na Tradição Hindú, os Vimanas surgem, várias vezes, no cenários de uma Guerra devastadora, ocorrida há milhares de séculos na região do Ganges. Ficamos bastante surpreendidos ante os detalhes com os quais são descritos, e os feitos realizados por um dos combatentes, de nome Cukra. A bordo de seu Vimana ela lança, sobre uma cidade inimiga, um projétil **CONTENDO AS POTENCIAS DO UNIVERSO.: “Um clarão semelhante a dez mil sóis.”** Esta é uma descrição que nada evocou aos eruditos do Século XIX, mas por outro lado desperta sinistros pensamentos em nosso tempo; porque nós temos guardado numa lembrança recente fatos

ocorridos ao final da Segunda Guerra Mundial: o espectro da explosão nuclear em Hiroshima e Nagazaki. A imagem nos vem à mente com todo seu horror, e também nos lembra a terrível ocorrência em Sodoma e Gomorra, quando Yaveh tentou destruir a raça humana, pelo menos parte dela, sem o conseguir.

Vejamos, agora, a tradução do Dronaparva e a comparemos com os relatos da destruição de Sodoma e Gomorra e, em seguida, com a explosão de Hiroshima e Nagazaki.

**“Avistamos nos céus algo semelhante a uma névem escarlate, como as chamas de um fogo ardente. Dessa massa emergia um enorme Vimana pintado de negro que lançou numerosos projeteis chamejantes; o ruído que fazia ao aproximar-se do solo a uma velocidade surpreendente, lançando da boca de inúmeras armas resplandecentes como ouro, milhares de raios acompanhados de violentas explosões e centenas de rodas de fogo. Foi uma medonha cena, durante a qual tombaram milhares de soldados mortos pelas explosões. O exército em debandada foi perseguido pelo horrível vimana até ser totalmente aniquilado”**

Penso já ter visto estas cenas há poucos anos atrás, quando as cidades do Iraque, principalmente Bagdad, foram bombardeadas pelos aviões (negros) da Força Aérea Americana. Da mesma maneira foram lançados mísseis sobre Bagdad. Armas terríveis, como as descritas no Dronaparva, foram usadas por ambos os lados.

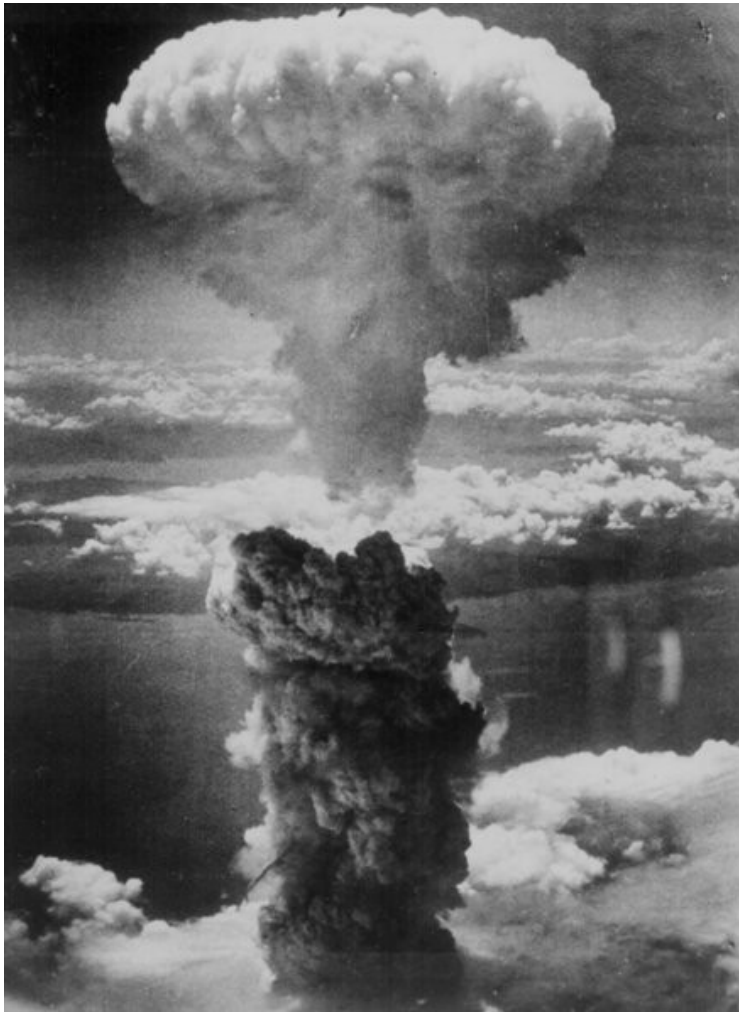
Blavatsky afirma que o Mahabharata indica a guerra entre os Suryavansas (adoradores do Sol) e os Indavansas (adoradores da Lua), **um conflito de grande significado esotérico**, e na minha opinião descrevendo uma batalha pela posse da Terra, entre duas facções de seres vindos do espaço. Ou (quem sabe?) o choque entre os exércitos Atlanteanos e aqueles que restaram do Império de Rama, o grande rival de Atlantida.

**“ E os deuses em carros transportados em núvens vieram ver o espetáculo”.**

**“Brilhantes Adityas em seu esplendor, Maruts no carro móvel (Livro I, Cap4).**

**“Yudihisthir convocou uma assembléia para proclamar a sua supremacia sobre todos os reis de Bharatha (Índia)”**

**“Brilhantes imortais vestidos de luz solar atravessaram o céu.”**



**“E os seus vimanas deslumbrantes correndo em nuvens pousaram nas altas torres”.**

Comparem, agora, estas descrições com os textos abaixo retirados de Bíblia.

**“Vi o Senhor assentado em seu trono, e todo exército do céu estava junto a Ele” (I Reis 22, 19)**

**“Então desceu Yaveh para ver a cidade e a torre , que os filhos dos**

**homens edificaram (cujo topo chega até aos céus) – os parêntesis são nossos**

**“E olhou para Sodoma e Gomorra e para toda terra da campina, e viu que da terra subia fumaça como a fumarada de uma fornalha” (Gênesis 19 –28)**

Apenas uma diferença: os textos sagrados da Índia são mais claros do que aqueles do Antigo Testamento, isto porque os textos hindús foram mantidos na íntegra, e neles não houve a intervenção de “outras mãos”

Vejamos, por exemplo, o seguinte tirado da tradição da Índia: **“Na terrível batalha aqueles dardos ó Rei, como os próprios raios do Sol, em um momento cobriram todos os quadrantes em volta, o céu e as tropas. Inúmeras bolas de ferro também, ó Rei, apareceram depois como resplandecentes luminárias no firmamento. Shataghnis, alguns equipados com quatro, outros com duas rodas, e inúmeras clavas e discos com bordas agudas como navalha e resplandecentes como o Sol apareceram lá também”**

A descrição sugere uma frota de espaçonaves e artilharia anti-aérea.

Aconselho aos leitores a lerem alguns livros sobre o assunto para poderem chegar a conclusões pessoais. Ao final apresento uma lista de títulos interessantes.

Em um trecho do “Mahabharata” lemos:

**“Os corpos estavam tão queimados  
que não podiam ser reconhecidos.**

**Os cabelos e as unhas caíram**

.....

.....

**Os pássaros tornavam-se brancos**

**... Depois de algumas horas**

**Todos os alimentos estavam infectados**

**... para escapar desse fogo**

**os soldados atiravam-se nos rios**

**para lavar o corpo e o seu equipamento.**

## XVI

**D**e todos os cantos da Terra ouvimos referências a ocorrências estranhas, sugerindo catástrofes e terríveis guerras num passado remoto. Mas nem todas falam de guerra ou desastres. No Tibet, algumas dessas referências são mais recentes.

Em 1945, um professor de etnologia adquiriu uma curiosa peça da Índia. Era um disco convexo feito de material estranho. O centro deste disco apresentava o desenho de uma estrela (ou sol) com doze raios, da qual surgiam duas faixas estendendo-se para as borda em espiral da esquerda para a direita. Numa dessas faixas via-se retratado vários símbolos e figuras de animais. O mais intrigante deste objeto é que ele perdia ou ganhava peso num período de três horas.

O disco passou a ser conhecido pelo nome de “Disco de Lolladf. Sendo submetido a vários testes, estes confirmaram suas características anômala.

Um professor da Universidade de Oxford (Dr. Karl Robin-Evans) aprofundou-se no estudo do disco. E em virtude de suas pesquisas tornou-se o primeiro homem branco a conhecer e ter acesso ao lendário povo Dzopa, que vivia entre as mais elevadas montanhas a noroeste do Tibet. E, assim descobriu a origem do disco.



A tradição Dzopa conta que eles são descendentes de seres, vindos das estrelas, e que acidentalmente ficaram na Terra no ano 1077 de nossa era. Uma enorme nave estelar vinda de Sírius, sofreu uma pane, colidindo com as montanhas do Tibet.

O Disco de Lolladof

Muitos dos tripulantes desta nave morreram, mas outros sobreviveram. Estes últimos tiveram grandes dificuldades para se adaptarem às novas condições de vida. É dito que a adaptação deve-se ao auxílio de terráqueos.

Adquirindo confiança desse povo, o Dr. Evans foi levado ao “palácio” onde residia o líder do povo. Era uma estrutura enorme. Um quilômetro de comprimento por setenta metros de altura. Ao penetrar no palácio é que o Dr. Evans, estupefato, percebeu estar dentro de uma grande estrutura metálica em forma de charuto. O palácio era o que restou da nave mãe que transportar os extra-terrestres. Este é apenas um resumo do ocorrido. Existem vários livros tratando do assunto com profundidade (veja-se “Sun Gods in Exile”).

Aí está mais um conhecimento que, praticamente, foi sonogado ao público. E tem sido até hoje “desmentido” pelos donos do poder. Na página exibimos a foto do disco.

Voltemos, entretanto, aos hebreus, precisamente à famosa “Arca de Noé”, construída para que este personagem bíblico se salvasse, juntamente com sua família, do “Dilúvio”.

E disse Deus a Noé: **“Chegou o fim de toda carne, Eu decidi, pois a Terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei**

**desaparecer da Terra. Faze a Arca...: para o comprimento da arca, 300 côvados; para sua largura, 50 côvados; para sua altura, 30 côvados.. de tudo que vive, de tudo que é carne, farás entrar na Arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida contigo”. ... “e farei desaparecer do solo todos os seres que fiz.” Esta frase, parece insinuar, que Noé e sua família **não teriam sido feitos por Deus, e nem os animais levados por Noé. Seria Noé diferente do restante dos outros homens?****

. Mas observemos que aí existem várias contradições.

- 1) Se Deus decidira ter chegado o fim de toda carne na terra, por que, então, “avisou” Noé a respeito do Dilúvio, e o mandou construir a Arca para salvar-se juntamente com sua família (Dele Noé), e casais de todos os animais existentes? Afinal, Deus, queria ou não o fim de toda carne na Terra?
- 2) Observe-se também, e com cuidado, que Deus diz: **“E farei desaparecer do solo todos os seres que fiz.”**
- 3) Mais adiante, Deus comanda a Noé: **“Sede fecundos, multiplicai e enchei a Terra.”**

Muito estranho este comando de Deus, muito embora o já tenhamos visto em outro lugar (Genesis) . Afinal, não queria Deus exterminar “toda carne da Terra”? Será que Noé não era de carne? Ou será que sua constituição biológica apresentava-se diferente da nossa? Da nossa? Não! Se assim fosse nós não estaríamos aqui. Pela Bíblia, somos descendentes de Noé, sobreviventes do Dilúvio. Porquanto, logicamente, pelo afirmado na Bíblia, somos nós mesmos sobreviventes do cataclismo (Dilúvio). Podemos também concluir que nós não somos feitos daquela “carne” a qual, Deus, queria exterminar da face da Terra.

Por outro lado, como pode Deus revogar sua “divina decisão?” Que ele voltou atrás em sua determinação de “extinguir toda a carne sobre a Terra” está claro: Após Noé estar salvo do Dilúvio, e construído um altar para agradecer a “deus” por sua salvação e a de seus parentes, ele oferece sacrifício de vários animais (qual casal foi sacrificado?). E acontece o seguinte: **“O Senhor respirou o agradável odor e disse consigo mesmo: Eu não amaldiçoarei nunca mais a Terra por causa do homem...”**

Arrependera-se “deus” de sua violência contra o homem? Ou será que não existiam mais homens na face da Terra, para ela ser amaldiçoada e, assim

sendo, o Dilúvio havia atingido os propósitos de “deus”? Não era Noé um homem terrestre? Ou será que Noé e sua família pertenciam a outro tipo de raça? Tudo isto é muito estranho, pois nos revela um “deus” com características bastante contraditórias, o que, para mim, torna-se um grande absurdo. Ou será que este personagem não era Deus? E por que ele gostava tanto de carne e sangue queimados?

Vejamos, agora, as características de tal Arca (barco)

Sabemos que um côvado equivale a 45 cm. Portanto, isto nos dá um comprimento para a Arca de  $45\text{cm} \times 300 = 135\text{m}$ ; a largura  $50 \times 45 = 22\text{m}$ ; sua altura  $30 \times 45 = 13,5\text{m}$ . Isto nos dá uma cubagem de  $135 \times 22 \times 13 = 38,610 \text{ m}^3$ . Seria este um volume suficiente para conter todos os casais de animais da Terra? Veja-se que aqui não incluímos o volume do alimento necessário para estes animais e para os seres humanos a bordo por 150 dias, tempo que durou o Dilúvio. Apenas como comentário, poderíamos imaginar o quanto, por dia, comem dois elefantes. Infelizmente, não para acreditar nesta “história”. Ou ela está mal contada ou é pura invencionice. Na verdade, ela trata de um acontecimento tão distante no tempo, que poucos detalhes chegaram até nós, ou foram cuidadosamente velados.

Outro enigma é que tanto Noé quanto seus familiares eram representantes da raça semita (brancos). Como, então, surgiram as outras raças? De onde vieram os negros e os amarelos? Como surgiram os povos da Austrália, e os índios das Américas?

É minha dedução que a Arca existiu realmente. Mas não da forma como está na Bíblia. Há somente uma explicação para esta “história”. A Arca era algum tipo de embarcação (não feita de madeira), no interior da qual Noé, seus familiares (ou camaradas) conseguiram fugir de uma catástrofe provocada pelos “deuses”, ou seja: os senhores da Trama. E nesta “Arca” os fugitivos levaram espécimes de todos os animais, mas **em tubos de ensaio; isto é, levaram, cuidadosamente conservados, óvulos fertilizados; da mesma maneira que hoje já é feito com embriões humanos. Nada mais do que isto.** A tradição chegou até nós em forma da “história da arca de Noé”.

Outro detalhe a nos chamar à atenção encontra-se no tempo disponível, por Noé, para a construção da arca. Sete dias. Como poderiam quatro homens e quatro mulheres (Noé, seus filhos Sem, Can e Jefe, sua mulher e as mulheres de seus filhos) construir uma embarcação do tamanho da de Noé em sete dias (lembrem-se que “deus” criou o mundo em “sete dias”). Evidentemente, a proeza é impossível. Da mesma forma que a proeza de Jonas, engolido pela baleia (ou peixe, da no mesmo), nos conta a mesma “história” mas de maneira diferente. Somente que Jonas nos dá a descrição de um submarino, no qual aquele personagem se refugia até estar salvo de seus inimigos.

Algumas lendas também afirmam que uma das tribos de Israel – a famosa Tribo Perdida de Israel – emigrou para as Américas em embarcações submarinas.

Estes eventos, evidentemente, ocorreram milhares de séculos antes dos hebreus aparecerem na face da Terra. Eles apenas compilaram, em textos supostamente sagrados, as tradições orais (e talvez algumas escritas) que lhes foram transmitidas, da mesma maneira que os povos da Península Hindustânica, do Tibet, da China, da Grécia, etc, possuindo contos similares à aqueles dos judeus. Não são somente os textos bíblicos relatando o Dilúvio. Existem várias outras tradições contando os mesmos “acontecimentos”.

Provavelmente, da mesma forma que os Dzopas chegaram à Terra, a “história” de Noé pode ocultar fato semelhante.

Seria esta a baleia que engoliu Jonas?



## INCRÍVEIS DESCOBERTAS DO PASSADO

Quando um grupo de arqueólogos estava cavando uma tumba perto de Saqqara (Egipto) em 1891, foi encontrado um pequeno objeto feito de sicômoro, lembrando a forma de um pássaro. O objeto como os restos dos conteúdos desta câmara funerária datavam de 200 a.C.

Muita pouca atenção foi dada ao objeto em questão até 80 anos depois de sua descoberta. Vários anos depois de Santos Dumond ter realizado seu histórico vôo, e entrarmos na era da moderna aviação, a nova geração de arqueólogos perceberam que o artefato parecia-se estranhamente a um avião. A aparência era tão extraordinária que um grupo de técnicos em aeronáutica se reuniram nos anos seguintes para estudarem e discutirem esta hipótese. Seus testes e estudos revelaram que o objeto (de mais de 90 cm) tinha uma aerodinâmica perfeita. De fato, um engenheiro aeronáutico notou uma marcante similaridade entre o objeto de Saqqara e um atual avião de asas oblíquas que a NASA planejava construir. E quando a pequena relíquia foi submetida a rigoroso teste – uma experiência num túnel aerodinâmico – ela elevou-se no ar com facilidade e graça de um moderno planador. Aos pesquisadores e técnicos a conclusão foi unânime: o objeto, construído há dois mil anos, era um modelo de avião. Este objeto encontra-se no Museu Egípcio de Antiguidade sob o número 6347. Na página 49 de “Vimana”, de David Hatcher Childress, encontra-se uma fotografia do objeto em questão.

É tentador descartar o artefato de Saqqara como uma excentricidade, uma simples peça colocada **erradamente** no incompleto mosaico da História. Porém, também é difícil demonstrar que um tal objeto tenha sido feito ingenuamente pelos antigos egípcios. Existem também, em outras culturas (Mais, Azteca, etc) artefatos semelhantes encontrados por arqueólogos.

Atualmente, usando refinados instrumentos para explorar o passado, arqueólogos têm identificado um número muito grande de vestígios surgindo como improváveis em seus primitivos contextos como, por exemplo, homens dos tempos das cavernas usando fones no ouvido.

Os egípcios da antiguidade possuíam um grande conhecimento das Leis Naturais dos Números, entre várias outras coisas. Só recentemente foi descoberto, com ajuda do microscópio eletrônico que o espermatozóide é formado de uma “cabeça” e uma longa cauda constituída de **nove espirais**. É portador de um centro composto de **nove (ou múltiplos de nove) tubos**, e

estes tubos direcionam o inteiro processo da divisão da célula viva, uma divisão que é, de fato, uma multiplicação.

É a ação do espermatozóide que causa a imediata contração do óvulo após a penetração e a formação de uma membrana englobarizante, impedindo, assim, o acesso de qualquer outro espermatozóide; um imperceptível instante, imediatamente seguido pela divisão da célula em duas novas células, que também se dividem por seu turno. Pois bem: este processo de divisão aos pares constitui a base de toda Matemática faraônica, como confirmado pelas famosas linhas abaixo:

**“Eu sou UM que transforma-se em DOIS.  
Eu sou Dois que se transforma em QUATRO  
Eu sou QUATRO que transforma-se em OITO  
Após isto EU Sou UM**

**Sarcófago de Petaman**  
Museu do Cairo nº 1160

Pode ser coincidência, as palavras acima descrevem, também, o modo pelo qual os Qabalistas descrevem a sucessão das Sephiroth na Árvore da Vida.

Realmente, a sofisticação técnica de certas antigas relíquias é tão expressiva que só recentemente temos começado a entender seus propósitos, **porque agora nós temos os exemplos em nosso dia a dia.**

Consideremos alguns destes achados.

Baterias elétricas datando de 100 a. C. – mais de dezoito séculos antes de Benjamim Franklin receber crédito pela descoberta da eletricidade

Um mapa de 1513, corretamente desenhando a linha das costas da Antártica, antes dela ser coberta pelo gelo, isto é, há mais de 6000 anos. Os detalhes desse mapa (Mapa de Pires Reis) não foram verificados senão em 1949, quando investigações eletrônicas foram realizadas através do gelo cobrindo aquele continente. O importante dessa descoberta, é que o Mapa de Pires Reis só poderia ter sido feito por alguém que estivesse situado no espaço fora da Terra.

Na década dos 80 foi descoberto nos Estados Unidos (Antelope Springs) as marcas de **pés calçados**, que esmagaram uma trilobita (um pequeno animal existente sobre a Terra há, aproximadamente, 500 milhões de anos). Talvez esta seja a mais contundente prova da presença de extra-terrestres – os “deuses” – em nosso planeta; ou a existência de uma alta civilização nos tempos proto-históricos.

Pelo lado esotérico temos as palavras de Annie Besant, sucessora de Blavatsky: “Extra-terrestres vieram do planeta Vênus (O Verde) para ensinar aos primeiros habitantes da Terra, e “aterrizaram” na região do deserto de Gobi.

Eis a narrativa, um tanto poética, de como isto aconteceu: **“Então, ao ruído retumbante de sua rápida descida das alturas insondáveis, envolto em chamas radiantes que enchem o empíreo de longas línguas de fogo, lança-se através dos espaços celestes o CARRO DOS FILHOS DO FOGO, os Senhores das Chamas...; ele se detém, planeia sobre a Ilha Branca que repousa sorridente sobre o seio do Mar de Gobi, verde e radiosa em suas massas floridas de mil cores e raros perfumes; a mais encantadora jóia oferecida pela Terra para dar boas vindas ao seu Rei. Ei-lo, o Sanat Kumara. A descida destes seres no então Mar de Gobi (atual Deserto de Gobi – Ásia) nos faz lembrar de outro fato – este bem recente – ligado à esta região do globo terrestre: O grande Enigma da Explosão Siberiana.**

**Há quase noventa anos aconteceu na Sibéria alguma coisa sem precedentes** – uma explosão diferente de qualquer outra que a Terra já havia presenciado, e o mistério continua até hoje “insolúvel”, pelo menos é o dito pela “Ciência Oficial”.

Vejamos como descrevem o ocorrido John Baxter e Thomas Atkins (“Seleção do Read’s Digest” – Tomo XIV, N. 85 – Junho de 1978.): “ Na madrugada de 30 de Junho de 1908, caravanas atravessavam o deserto de Gobi, detêm-se e contemplam assustados a bola de fogo que traça um risco de chamas no céu e desaparece sobre a fronteira da Mongólia. Mergulhando nas camadas de ar mais densas, ela fulge a 2.800 graus centígrado.

Na região central da Rússia, um estrondo ensurdecador aterroriza os habitantes dos pouco povoados. Então, as 07:17 hs, o Planalto Central Siberiano, perto do rio Tunguska – uma região erma subártica – estremece sob o impacto de uma explosão cataclísmica. Tão violenta pe a detonação que o centro sismográfico de Irkutsk, a cerca de 900 km ao sul, registra tremores com proporções de terremoto. Sismógrafos são também ativados em São

Petersburgo (3.500 km a Oeste), Jena, na Alemanha (5.200 km), e até mesmo em Washington, DC, e Java.

Instantaneamente, uma gigantesca coluna de fogo atinge tal altura que se torna visível para siberianos atônitos, em cidades a várias centenas de quilômetros. A seguir o ar é tumultuado por uma série de estrondos tonitruantes, ouvidos a mais de 900 quilômetros.

Ao mesmo tempo que a cegante coluna de fogo se eleva no céu, uma calcinante corrente térmica varre a taiga. (floresta do norte), esturricando as altas coníferas e ateando incêndios que durarão vários dias. Árvores são arrastadas, cabanas destruídas, homens e animais espalhados como grãos de poeira quando a tórrida lufada de ar abrasante é seguida por três ondas de choque em rápida sucessão.

A destruição do choque continua nos mostrando que algo inédito havia acontecido naquele dia.

Um jornal de Irkutsk narra que, numa manhã de junho, numa aldeia a cerca de 650 km ao Norte, camponeses haviam visto um corpo brilhar com uma luz azul esbranquiçada, fulgurante demais para ser contemplada a olho nu. O corpo moveu-se em direção descendente durante cerca de 10 minutos. Tinha a forma de tubo, isto é, era cilíndrico. Depois que caiu, formou-se uma enorme nuvem de fumo negro. Ouviu-se o estouro, como um canhão, e todos os prédios tremeram e uma língua denteada de chamas irrompeu pela nuvem.

Em 1945, uma bomba nuclear americana foi jogada sobre Hiroshima. Aleksander Kazantsev, tecnologista e pesquisador foi, durante a Segunda Guerra Mundial, engenheiro chefe de um complexo de defesa, e estava entre os cientistas russo que avaliaram os dados sobre a cidade destruída pela bomba atômica de 1945, e a visitaram em pesquisas científicas.

A viagem teve o caráter soturno de um sonho vagamente recordado: visões estranhamente familiares, fenômenos que ele já havia presenciado antes. Em muitos sentidos, Hiroshima assemelhava-se às fotografias da explosão de Tunguska.

Uma bomba atômica em 1908? Inacreditável. Mas para Kazantsev havia uma explicação: **“uma nave espacial, proveniente presumivelmente de Marte, havia escolhido o norte da Sibéria <sup>23</sup> para descer na Terra”**. Mas a nave havia-se desgovernado explodindo no ar. Kazantsev apresentou esta teoria em 1946.

Mas também pode ser que o que tenha acontecido em Tunguska represente algo ainda mais assombroso: **a explosão de um artefato nuclear**

---

<sup>23</sup> - Nota de E.: Coincidência ou não, o local descrito por Annie Besant, onde desceram, há milhares de anos, seres vindos do espaço. Isto é, o local já anteriormente escolhido pelos “Senhores das Chamas” para descerem na Terra.

**‘inter temporal’.** Isto é, os inimigos espaciais dos ‘Senhores da Chama’ lançaram o artefato contra aqueles que ali desceram há milhares de anos atrás, esperando atingi-los quando já estivessem instalados, séculos mais à frente. Porém algo saiu errado, e a bomba inter temporal explodiu na época atual, milhares de anos atrasada.” Erro de cálculo? Erro de direcionamento? Louco desespero dos que a lançaram? E outras questões que, por certo, jamais teremos respostas. E “graças a deus”, que ela tenha explodido numa região desolada.

Tanto quanto novos cientistas possam se manifestar, a verdade é: nós não sabemos o quanto de sabedoria e de conhecimento históricos, acumulados pelos homens, foi perdido em guerras, catástrofes naturais ou deliberados ocultamentos dirigidos pelos Agentes da Trama.

Gustav Jung, tão conhecido por suas pesquisas no campo da mente humana, fala naquilo que poderíamos denominar de ponto de partida de participação extraterrestre no concernente às origens da espécie humana. Segundo suas pesquisas, “os UFOS, igualmente outros símbolos, integram o inconsciente coletivo. Esta fantástica sede de informações humanas emerge em todas as culturas e em todos os cantos da Terra, como algo inato, qual memória genética a passar de geração a geração.”

Neste amplo arquivo de lembranças, ganha notoriedade a tese das origens extra-terrestres da raça humana, ou da interferência de seres vindos do espaço. Muitíssimos historiadores e pesquisadores estão, atualmente, mudando seus pontos de vista da ortodoxia. Dizem, entre outras coisas, existir evidências muito fortes da presença maciça de “visitantes” vindos de outros mundos.

Cada vez fico mais convencido de que o homem não é resultado de uma evolução limitadamente da Terra a partir dos primatas. É meu pensamento, e de outros tantos isolados no anonimato espontâneo, que teria ocorrido, há milhares de séculos, uma migração de três diferentes planetas, não necessariamente do nosso Sistema Solar (talvez de Sirius), que escolheram a Terra, porque nosso planeta lhes apresentou condições de uma colonização e exploração de vários materiais em franco desaparecimento em seus planetas de origem.

## XVII

### Mais de Enoque

**N**o Cap.X, Vs. 13 do Livro de Enoque, está: “O Senhor disse a Gabriel (presumivelmente um ‘anjo’ que ficou do lado de “deus”): “Endurece aos maus, aos réprobos, aos filhos da fornicção; extermina esses filhos dos Vigilantes (Guardiões ou Anjos. Mais uma vez confirmando a união ‘ilegal’ das Filhas dos Homens com os Filhos de Deus) incita-os uns contra os outros. Que pereçam com suas próprias mãos, pois seus dias não serão completos.”

Esta é uma ordem um tanto escusa para “deus”. Observem que “ele” usa um stratagema empregado por políticos; isto é, “ele” não se envolve diretamente na “briga”. Manda um Guardião aliado a incitar que seus inimigos lutem entre si (parece-me que o stratagema deu certo até hoje). E Gabriel, um “anjo” um ser celestial, curva-se perante o maquiavélico plano.

Mais à frente (Cap.XIV, Vs. 2 e 3) temos a palavra do Senhor, dirigindo-se aos “anjos caídos”: “porque abandonastes as santas alturas dos céus, vossa morada eterna para...” É um apelo a que os ‘revoltosos’ voltem a lutar contra e não a favor dos homens.

Nestes Vs. mais uma vez temos a confirmação da natureza dos Beni-ha-Elohim e, mais uma vez, questionamos: como pode ser que ‘espíritos celestes’, possuidores de santidade e da vida eterna (eterna em relação aos terrestres. Essa eternidade é relativa e deve-se aos paradoxos temporais criados por viagens espaciais a grandes velocidades, como todos sabem), se unam com mulheres da Terra, que são de carne, osso e sangue, renunciando aos céus?

Segundo Ernesto Bono, a maior parte do “Livro de Enoque” está totalmente distorcida ou acrescentada.

Observe-se a descrição desses “gigantes”, no Livro, considerados demônios pelas “Santas escrituras”. A mim não me parecem tão terríveis como querem nos fazer crer.

“Depois de algum tempo, meu filho Matusalém, deu uma mulher à seu filho Lamec. Esta ficou grávida e colocou no mundo um filho cuja carne era

branca como a neve, e vermelha como uma rosa; cujos cabelos eram brancos e longos como a lã e os olhos de toda beleza. Mal tinha aberto os olhos e inundou de luz toda a casa, como se fosse o próprio brilho do Sol.” E mal saiu das mãos da parteira abriu a boca contando as maravilhas do Senhor. Então, Lamec, cheio de espanto, foi procurar Matusalém e anunciou-lhe que tinha tido um filho **“que não se assemelhava às outras crianças. Não é um homem, disse, é um anjo do céu, com certeza, não é de nossa espécie (os negritos são meus). E continua: “Seus olhos são brilhantes como os raios do sol, sua figura é iluminada, parece não ser meu filho, mas de um guardião” (idem)**

E, agora, meu pai, suplico-te que vais encontrar Enoch, meu avô, e peça-lhe explicações, **pois ele mora com os anjos”. (Livro de Enoque – Cap. CIV, Vs. 1, 2, 3, 4, 5, e 6).**

A descrição do menino e as apreensões do pai, fazem-me lembrar de um recente filme de ficção científica intitulado “A ALDEIA DOS MALDITOS”. O filme mostra como um grupo de mulheres morando numa aldeia, no interior da Inglaterra, aparecem grávidas após um misterioso isolamento da ladeia. Nove meses depois as crianças nascem: todos de cabelos brancos e olhos azuis brilhantes, e possuidores de um intelecto muito acima do normal, inclusive com o poder da telepatia.

Segundo Besant, “O Livro de Enoque” assinala a raça hiperbórea como descendente das “inteligências vindas da fora”, e descreve um desses seres.

“A Tradição diz, com efeito, que o continente hiperbóreo sofreu, em um determinado momento histórico, um brusco resfriamento, ligado a uma catástrofe sem precedentes”.

È de se constatar a existência de um ponto comum entre todas estas catástrofes que, segundo as tradições de inúmeros povos, destruíram várias civilizações proto-históricas.

A respeito da catástrofe que destruiu a Atlântida temos a narrativa de Annie Besant: “ Então, as palavras de condenação foram pronunciadas pelo Chefe da Hierarquia, e, como nos diz o “comentário oculto”: “O Grande Rei de rosto luminoso, o Imperador, mandou dizer aos chefes seus irmãos: Preparai-vos, levantai-vos. Ó meus súditos, e atravessai o país enquanto ele ainda está seco. O ‘Açoite do Quatro Grandes Seres’ advertiram seu povo e muitos foram os que escaparam. Seus reis os reuniram em seus **vīmanas** (naves espaciais) e conduziram-nos para os países do ferro e dos metais”.

Explosões de gases, inundações e tremores de terra destruíram Ruta e Daitya, as imensas ilhas da Atlântida, que haviam sido deixadas pela catástrofe de 200.000 a. C., mas a Ilha de Poseidonis subsistiu, como único resto do enorme continente da Atlântida. Essas ilhas foram destruídas em 75.025 a.C., Poseidonis sobreviveu até 9.564 a. C., data em que foi também mergulhada no oceano” (Annie Besant – “L’Homme, d’ou Il Va”, pag.146

Ernesto Bono nos informa que o Cap. CIV do “Livro de Enoque” deveria ser continuação autêntica dos Vs. 10 e 11 do Cap. VII.

Nos Vs. 3 e 6, o próprio Lamec afirma que a “criança” nascida de sua mulher não é da espécie terrestre, e pede a seu pai, Matusalém, que vá ao avô, Enoque, pedir explicações (isto é, quem era afinal aquela criança? É interessante que Lamec peça a seu avô “explicações” sobre o nascimento da criança) pois Enoque **morava com os anjos**. Esta é uma afirmativa bastante insólita. Estranha. Tudo dá a entender que Enoque vivia em algum lugar (Eden) com os Guardiões e o resto da Corte Celeste. Seria este lugar, como já questionado anteriormente, uma enorme nave mãe ou uma Plataforma orbital, ou uma base extra terrestre localizada em algum ponto da Terra?

A condição de Enoque, perante esta “corte celestial”, nos faz também pensar da posição dele ante seus semelhantes humanos. Seria ele um traidor da raça? Um colaborador? Ou um espião aliado aos homens, implantado no próprio terreno dos Elohim aliados de Jehovah?

Ernesto Bono acrescenta: “Desse modo, então, estes pretensos ‘vigilantes’ ou astronautas antigos, contrários ao Demiurgo, transmitiram às filhas da Terra e à descendência humana a **semente divina**, que embelezou a raça, e obrigou ao ser humano que se transformasse num herói”. Esta história nos faz lembrar a lenda de Prometeu e, claro, de LÚCIFER.

Pela descrição da criança nascida da mulher de Lamec, vemos que estes “Gigantes” não eram tão terríveis como pintados em livros “canônicos”. A idéia da igreja é exatamente afirmar serem eles “Anjos Caídos”, ou melhor, os “diabos” da tradição inventada por ela.

Quanto aos ensinamentos dados aos homens pelos pretensos “Anjos Caídos” da Igreja Romana, sublinho R. Charroux : **“não se pode ensinar o que não se aprendeu, se experimentou, ou não se conheceu; é impossível se admitir que no céu, os anjos tenham podido aprender o fabrico de**

**materias de guerra, o fabrico de ninharias, de adereços e lojas, a arte de pintar as pálpebras”.**

**E trouxeram para uma Terra inocente e pura a contaminação do cú?** (Essa história da corrupção da humanidade não teria sido acrescentada por antigos escribas judeus ou até mesmo por outros tantos cristãos?

E Charroux continua: **“Honestamente é difícil não se reconhecer que estes “anjos” têm pensamentos próprios e experiências tipicamente humanas, absolutamente inconcebíveis e inconciliáveis como uma (pretensa) natureza divina.”**

“Se aceitarmos a narrativa do Livro de Enoque ( e de outros mais) dentro de uma racionalidade, estaremos diante de uma clara colonização do planeta por alienígenas procedentes de um outro orbe conquistador, ou de seres forçados a emigrar.”

Na realidade, podemos perceber que os ensinamentos dos “anjos caídos” (podemos agora substituir a palavra ‘caídos’ por ‘aliados’) direcionavam-se no sentido dos humanos defenderem-se do Demiurgo e de seus aliados (os chamados anjos “não caídos”).

Assim sendo, “anjos caídos” nada mais foram (ou são) que uma pleiade de Elohim, Nephilin e Beni-ha-Elohim revoltados contra os comandos de seus superiores hierárquicos que desejavam a destruição dos homens. O que mais chama à atenção é que esta guerra surda contra os terrestres localiza-se no problema de que nós tenhamos atingido a capacidade de procriar. Este foi o grande pecado.

Observe-se que a mutilação psíquica e emocional impostas sobre nós através do, assim chamado, “Pecado Original”, alcança um grau inverossímil na visão católica-romana. O perverso medo incutido nos humanos quanto ao uso do “poder sexual”, em todas as suas expressões, culmina no pensamento que cada ser humano tem de seu próprio membro sexual, e a “vergonha” que sente dele.

O ocorrido é que fomos programados geneticamente em nossa origem para trabalhar (“servir ao senhor”, como dizem os evangélicos). Mas, constantes uniões entre as raças (os Filhos de Deus, os Guardiões, e as Filhas dos Homens – claro que também Filhas de Deus e Filhos dos Homens) inseriu na genética humana um fator gerador de uma mutação não prevista pelos

Elohim, criando esta incrível e imprevisível raça chamada Homem, que ousou comer do “Fruto Proibido”. Disso a ira do senhor contra os anjos caídos e os seus descendentes, os Homens.

Sob este ponto de vista, tudo se esclarece. “Um fator infinito e desconhecido” interferiu nos planos dos colonizadores vindos das estrelas, despertando a fúria de alguns deles, os “deuses”, principalmente o Chefe Supremo da Assembléia dos Deuses, o Demiurgo, mas conhecido como Jehovah. Disso a nossa “expulsão” do “paraíso” (Eden), uma metáfora para a base dos extra terrestres,

Era necessário que os “deuses” fizessem algo para anular, ou pelo menos minimizar, o efeito produzido pelo acontecido que, logicamente, afetaria o “status quo” dos Senhores do Céu. Era necessário cortar o mal pela raiz: evitar que nós nos tornássemos o que somos, e naquilo que seremos no futuro; isto é, seres autoconscientes, capazes de procriar, e dotados de infinitas possibilidades, entre as quais a de podermos suplantar os “deuses” em vários aspectos muito especiais. Essas possibilidades os assustaram grandemente. A auto-preservação levou-os a tentar nos destruir. Entretanto, outro fator, não inserido na equação deles, intrometeu-se: isto é, vários extra-terrestres colocaram-se ao lado do homem. E as tentativas de nos destruir radicalmente falharam por várias e consecutivas vezes no decorrer da história.

Antes do Dilúvio, Noé é avisado, não por “deus”, mas pelos Elohim aliados, dando-lhes instruções para a construção da arca e de como salvar outros seres da Terra.

Em Sodoma e Gomorra, locais onde se concentravam grande parte da resistência humana, entre homens, Nephilim, Beni-ha-Elohim e vários Elohim, os “senhores” procuraram eliminar a todos, de maneira violenta e radical usando, para isto, armas nucleares bastante poderosas, semelhantes à aquelas descritas nos Puranas, no Mahabaratha, e outros textos da Tradição da Índia. Da mesma forma do acontecido com Noé, e Lot, o Comandante em Chefe dos revoltosos, avisado por seus espiões, consegue escapar, e com ele grande parte de seus aliados, simbolizados aqui pela “família” de Lot. Outro grande líder revoltoso foi Ninrod, o “construtor da Torre de Babel”, isto é, o projetista das naves que iriam a base principal dos “senhores”. Ele era descendente de Noé. Surge assim uma identificação entre a Torre e a Arca.

Diante dos sucessivos fracassos, os “senhores” começaram a escamotear seus atos predatórios. Finalmente encontraram um meio mais eficaz de nos dominar sem se exporem, ou serem localizados pelas gerações futuras: criaram A GRANDE TRAMA, nos ocultando a realidade de nossa origem e destino. Criaram religiões e, junto com estas, os dogmas e as proibições, hipnotizando os povos e escondendo as verdades originais. Levaram séculos neste empresa.

Passados séculos, alguns dos “senhores” retornaram à seus planetas de origem. Outros aqui permaneceram, tentando o domínio absoluto sobre a humanidade. Mas têm, em parte, fracassado neste intuito. Os homens sempre conseguem, de uma forma ou de outra, e auxiliados pelos deuses aliados que aqui ficaram, anular os planos dos “Senhores do Mundo”. Mas, as seguidas tentativas de nossos inimigos em nos destruir, têm causado muitas dores, fome e guerras, atingindo a atual e caótica situação do mundo.

## XVIII

**A**dentrando esta última parte de nosso estudo, teceremos alguns rápidos comentários quanto a evolução humana.

É dito que seguimos uma espiral evolutiva. Isto é verdade. Também é dito que a evolução é lenta, e que a natureza não dá saltos. Isto talvez seja verdade. Entretanto esta regra não foi seguida pela homem em sua evolução, em que pese os protestos dos doutos senhores da Ciência Oficial. É inegável, também, que o ser chamado Homem, deu um salto da sua condição animalesca para um estágio muito adiantado relativamente em pouquíssimo tempo, o que não é explicado até hoje.

“Inicialmente foi acreditado que o homem apareceu sobre a face da Terra há alguns 500.000 anos na Ásia (outros afirmam que foi na África). Esta “certeza” foi abandonada quando descobertas no Continente Africano revelaram uma transição, de macacos para hominídeos, há 14.000.000 de anos. Onze milhões de anos mais à frente surgiu o primeiro ser digno de ser classificado como Homo. Outras descobertas demonstraram que o “australopiteco” surgiu há 2.000.000 de anos. Passaram-se mais um milhão de anos para que surgisse o Homo Erectus. Em seguida, após mais 900.000 anos surge o Homem Primitivo, que foi chamado de Neanderthal (seus vestígios fósseis foram encontrados em Neanderthal).

Depois, sem sabermos como, subitamente aparece o Homo Sapien, o Cro-Magnon, e faz com que desapareça o Homem de Neanderthal da superfície do planeta.

“O mistério do surgimento do Cro-Magnon complica tudo. Uma vez que vários vestígios do homem moderno foram descobertos em locais como Steinhein e Montmaria, evidencia que o Cro-Magnon originou-se de um Sapiens mais precoce vivendo na Ásia Central e Norte da África há 250.000 anos antes do Cro-Magnon.”

“O aparecimento do Homem Moderno a uns meros 700.000 anos antes do Homo Erectus e aproximadamente de 200.000 anos antes do Neanderthal torna-se absolutamente impensável.”

Eminente autoridade no assunto, o Prf. Theodosius Dobzhansky, ficou intrigado pelo fato deste desenvolvimento ter acontecido num período em que a Terra passava por uma idade de gelo, período pouco propício a uma progressão evolutiva.

Como isto aconteceu ainda não foi determinado. É dito que a natureza não dá saltos. Mas também foi observado que ela segue seu curso normal até o momento em que algum novo fator interfere neste curso. Para mim este fator foi a intromissão de extra-terrestres neste “curso natural”. Disso os grande enigmas que defrontamos em nossa História, e que são “esquecidos” ou “afastados”, como se não existissem, pelos doutores da Ciência Oficial. Mas acontece que eles existem, e pulam aos nossos olhos todos os momentos em que paramos para pensar.

Pelo lado religioso a coisa torna-se ainda mais complicada.

É dito que “deus” criou Adão e Eva. Que desse casal nasceram, inicialmente, dois filhos: Cain e Abel. Em certo ponto da “história” desse casal acontece um crime, o primeiro homicídio (na realidade um fraticídio). Cain mata Abel e foge. Assim, a humanidade terrestre, na época da criação, fica reduzida a três indivíduos: Adão, Eva e Caín. Mas, nos é dito que Caín, ao assassinar o irmão, foge para a terra de Nod e ali se casa. COM QUEM???

A Bíblia somente comenta rapidamente que Caín coabitou com sua mulher e que ela concebeu um filho, Enoque. Observe-se que este Enoque, filho de Caín, o homicida, é o mesmo que foi levado aos “céus” em uma carruagem de fogo.

Afirma também a Bíblia que o “senhor” disse: “que qualquer que matar a Caín será vingado sete vezes. E pôs um “sinal” em Caín para que não o ferisse de morte quem quer que o encontrasse. Mas, quem poderia encontrar Caín, se apenas TRÊS PESSOAS EXISTIAM NO MUNDO: ADÃO, EVA, E O PRÓPRIO CAÍN?

Segundo Curtis Basil, “Caín, após ter assassinado seu irmão Abel, foge para as terras de Nod, na parte oriental do Eden, para casar-se com uma

mulher estrangeira à tribo composta apenas por ele e seus pais, modelados de barro, pelas mãos do “Senhor”. (Isto nos faz raciocinar que esta outra tribo não foi feita pelo “Senhor”, evidentemente.)

Em continuação Curtis Basil, explica: “ Adão e Eva se constituem nesse clássico exemplo de intromissão de seres alienígenas na odisséia da Criação.

Feitos esses comentários, retornemos ao assunto central.

Como afirmado anteriormente, alguns dos “Senhores” retornaram à seus planetas de origem. Outros aqui ficaram, inclusive aqueles aliados dos homens. Estes últimos, para poderem trabalhar com mais segurança, executaram um plano: criaram “grupos secretos” onde, mais protegidos, poderiam transmitir, aos humanos, não afetados pela Trama, todo conhecimento necessário para uma rápida e efetiva evolução material, científica e espiritual da humanidade, preparando-a para futuros ataques dos “Senhores”. O plano foi organizado e dado início em vários pontos da Terra quase que inacessíveis aos “Senhores” restantes na Terra. Assim, nasceram a Ordens e Fraternidades Secretas antigas; e , destas, as modernas, muito embora algumas delas tenham perdido, por infiltrações inimigas no decorrer do tempo, completamente o sentido de suas missões.

Além do mais, nossos aliados sabiam que, na verdade, eles não eram imortais (tanto quanto não eram os “Senhores”), e que não poderiam, portanto, permanecer pessoal e indefinidamente “auxiliando” os homens na luta contra seus inimigos. Tinham que preparar alguns homens escolhidos, para levar o plano em frente, para quando não estivessem mais aqui; pelo menos em forma material.

Para a organização destes “Centros de Sabedoria e Conhecimento”, escolheram homens entre os mais aptos. Desta maneira o Conhecimento Secreto foi mantido de geração a geração, até nossos dias. Infelizmente, muitas destas organizações foram infiltradas por agentes da Trama, que também, na posse de Grandes Conhecimentos e inteligência, arquitetaram um contra ataque: criaram crenças religiosas, superstições, dogmas, lojas “negras”, e começaram a deturpar os ensinamentos dos nossos aliados. Chamo a atenção dos leitores para o fato de que as “Lojas Negras” aqui citadas, nada têm a ver com a “Fraternidade Negra”. Fraternidade Negra é uma das Três Fraternidades existentes na Terra, voltadas para a Evolução Humana. As Três são: Fraternidade Negra, Fraternidade Amarela e Fraternidade Branca.

Esta guerra “oculta” desenvolve-se até hoje.

Os conhecimentos dos “Senhores” e de nossos aliados, abarcam uma gama imensa, no que concerne à Ciência Real.

“Mas não bastava somente preservar o Conhecimento dos Senhores era também NECESSÁRIO DIVULGÁ-LO entre todos que fossem aptos, e não estivessem sob o domínio da Trama. Esse foi, e é, o papel das Ordens e Fraternidades Secretas, surgidas destas Três Fraternidades, que têm existência desde aquelas épocas remotas.

As lendas a respeito dos Centros dessa Comunidade são inúmeras. Aconselho aos leitores estudá-las com muita atenção e cuidado, para poderem “separar o joio do trigo”. Os ensinamentos que guiavam os Hierofantes Egípcios (dos quais surgiu Moises), guiavam os Druidas, os Gnósticos, os Drusos, os Yogas, e todos que, em certo grau da História Humana, tiveram em suas mãos as Verdadeiras Chaves de nossa evolução, oriundas de uma destas Três Fraternidade.

Infelizmente, o espírito humano é feito de tal maneira que surgiram os opostos “a Grande Irmandade”. E esses trilharam o Caminho em benefício próprio, esquecidos da sombra negra da Trama e, claro, ligando-se a ela.

Por isso as Reais Escolas de Iniciação ocultam-se em locais impenetráveis ao homem comum, aguardando aqueles verdadeiramente dignos de receberem seus Ensinamentos. “É necessário, que o mecanismo deste Ensino seja operado por pessoas qualificadas, dotadas da força e energia exigidas.

Por outro lado, existem lendas que mencionam os “Shemsu Hoor” (Companheiros do Deus Hórus): colonizadores vindos do espaço exterior, os quais seriam os primeiros fundadores dos Centros de Iniciação dando, assim, uma ajuda suplementar aos humanos. Mas, também existem aqueles que retornaram para engrossar as colunas inimigas do homem. Este é um assunto a ser desenvolvido em outro trabalho mais extenso.

Infelizmente o cristianismo, não o Cristianismo Original, mas aquele chamado romano, foi um desses centros mais infiltrados pela Trama. Pobre Ocidente... tem, durante séculos, dado a sua alma a um terrível “deus”. E este “deus” exterminador adora os gazes poluídos das grandes metrópolis e, mais

do que nada, o odor de sangue e da carne queimada de milhões de seres humanos trucidados em guerras se alastrando pelo planeta.

Penso ter fornecido uma pálida idéia das chaves e das fontes de nossa miséria.

“Se tu queres fazer parte de um de sofrendores e de sonhadores, a única coisa que tens a fazer é seguir religiosamente os “Mandamentos” e do dogmas das várias religiões organizadas existentes no mundo... E PARAR DE PENSAR.

Como dito por um atual historiador inglês, Eric Hobsbawn, “ **A História move-se com tanta rapidez que é difícil dizer em que passo as coisas se moverão daqui a dez anos. Mais do que ficar alegre e triste, creio que eu teria razões para ficar preocupado no final do século. Porque o que existe é um sentimento de incerteza sobre o que irá acontecer no futuro**”.

Mas se tu queres acordar, então, ó Irmão, sacuda esta poeira que há milhares de anos te sufoca, confunde e cega teu espírito livre e soberano. “Observe com cuidado esta negra sombra se insinuando em nossas vidas”. Portanto, fuja daqueles que te querem salvar por procuração, pois por detrás destes está A SOMBRA DA TORRE DE BABEL.





